



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Germano Torres Neto

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Eduardo Da Costa Campos

**AS CUNHAGENS DA DEUSA HÉCATE DURANTE A DINASTIA
DOS SEVEROS (II - III EC) EM ESTRATONICÉIA: ICONOGRAFIA
E LEGITIMIDADE DO PODER IMPERIAL NO MEDITERRÂNEO
ROMANO**

**Campo Grande-MS
2025**



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Germano Torres Neto

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Eduardo Da Costa Campos

**AS CUNHAGENS DA DEUSA HÉCATE DURANTE A DINASTIA
DOS SEVEROS (II - III EC) EM ESTRATONICÉIA: ICONOGRAFIA
E LEGITIMIDADE DO PODER IMPERIAL NO MEDITERRÂNEO
ROMANO**

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Monografia, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

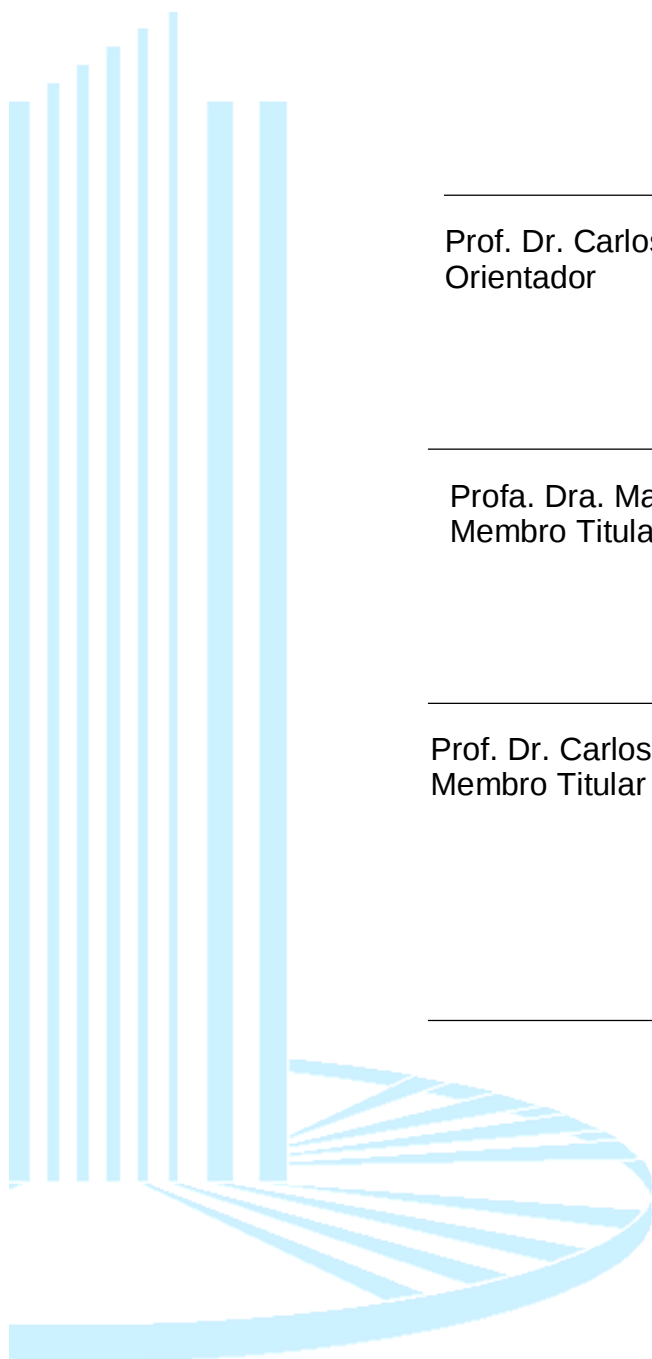
Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

BANCA

Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos – UFMS
Orientador

Profa. Dra. Maria do Carmo Franco Ribeiro – UMINHO
Membro Titular

Prof. Dr. Carlos Batista Prado – UFMS
Membro Titular



AGRADECIMENTOS

É com gratidão e felicidade que escrevo estes agradecimentos. Ao longo da graduação, foram muitos os que me ajudaram e incentivaram nessa jornada. Em primeiro lugar, gostaria de expressar os meus agradecimentos ao meu orientador, o Professor Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos, que, durante todo o período acadêmico me orientou com esforço, dedicação e paciência. Seu direcionamento foi imprescindível para minha formação, seja pelos conselhos profissionais ou pessoais, tornando meu processo de aprendizagem prazeroso e satisfatório.

Manifesto minha gratidão pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que me proporcionou uma formação de excelência, recursos e uma estrutura, bem como acesso aos programas de bolsas de iniciação científica fornecidos pela UFMS e pela FUNDECT, os quais foram fundamentais para minha formação. Também agradeço a todos os professores do curso de História, pois me auxiliaram no desenvolvimento do conhecimento e despertaram em mim reflexões que levarei para a vida.

Ademais, expresso os meus agradecimentos à equipe do laboratório ATRIVM / UFMS, espaço no qual tive a oportunidade de conviver com pessoas que se tornaram mais que colegas. Dialogar, estudar e colaborar com vocês foi um alento, permitindo que minha experiência na pesquisa fosse produtiva e revigorante. Todo o conhecimento científico adquirido nas ações do laboratório, bem como a possibilidade de fazer parte delas, foi um imenso privilégio para mim.

À minha família, em especial a minha vó Ana, aos meus pais Lourenço e Gregoria, e aos meus irmãos Adrian e José. A ajuda de vocês foi fundamental para minha permanência na universidade. Ao seu suporte sou eternamente grato.

Aos meus amigos, que sempre me encorajaram neste percurso por meio de conversas e incentivo, o companheirismo e a amizade de vocês foram extremamente reconfortantes. Agradeço também aos pesquisadores e membro da banca examinadora pelas contribuições e análises na minha formação profissional. Os meus sinceros agradecimentos a todos. Nada seria possível sem a ajuda e o apoio de vocês, incluindo a realização do sonho de estar onde estou atualmente.

RESUMO

AS CUNHAGENS DA DEUSA HÉCATE DURANTE A DINASTIA DOS SEVEROS (II - III EC) EM ESTRATONICÉIA: ICONOGRAFIA E LEGITIMIDADE DO PODER IMPERIAL NO MEDITERRÂNEO ROMANO

Esta pesquisa visa a analisar as moedas romanas produzidas durante o governo da dinastia dos Severos (193–235EC), cujas cunhagens representam a deusa Hécate em seu *corpus iconográfico*. Nesse sentido, o estudo procura estabelecer o papel das moedas nas estruturas sociopolíticas e culturais da sociedade romana. Em particular, investigamos as emissões provinciais de Estratonicéia, uma cidade da Cária, situada na Ásia Menor durante o domínio do Império Romano. Em vista disso, buscamos publicações e pesquisas nesse campo, focalizando a relação entre religiosidade, política e poder nessas moedas, valendo-nos da perspectiva dos estudos numismáticos. Ademais, são apresentadas pesquisas relevantes que desenvolvem o repertório histórico dos Severos e da deusa Hécate no mundo greco-romano, explorando elementos culturais e políticos. Desse modo, nosso objetivo final é demonstrar como a política de legitimação dos Severos se manifestou nas moedas cívicas do território provincial romano, abrangendo os discursos envolvidos na associação entre Hécate e a dinastia.

Palavras-chave: Severos; Numismática; Cultura Material; deusa Hécate; Estratonicéia; Legitimação.

ABSTRACT

THE COINS OF THE GODDESS HECATE DURING THE SEVERAN DYNASTY (2nd-3rd CENTURY AD) IN STRATONICEIA: ICONOGRAPHY AND LEGITIMACY OF IMPERIAL POWER IN THE ROMAN MEDITERRANEAN

This research aims to analyze Roman coins produced during the reign of the Severan dynasty (193-235 AD), whose minting depicts the goddess Hecate in its iconographic corpus. In this sense, the study seeks to establish the role of coins in the socio-political and cultural structures of Roman society. In particular, we investigate the provincial issues of Stratoniceia, a city in Caria, located in Asia Minor during the rule of the Roman Empire. In this sense, we seek publications and research in this area, focusing on the relationship between religiosity, politics, and power in these coins, using the perspective of numismatic studies. In addition, we present relevant research that develops the historical repertoire of the Severans and the goddess Hecate in the Greco-Roman world, exploring cultural and political elements. Thus, our ultimate goal is to demonstrate how the Severans policy of legitimization manifested itself in the civic coins of the Roman provincial territory, covering the discourses involved in the association between Hecate and the dynasty.

Keywords: Severans; Numismatics; Material Culture; Goddess Hecate; Stratoniceia; Legitimacy.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Representação da estatueta de Hekate Triforme.....	48
Figura 2: Templo da deusa Hécate em Lagina.	51
Figura 3: Moeda AE número 1.....	60
Figura 4: Moeda AE número 6.....	62
Figura 5: Moeda AE número 7.....	64
Figura 6: Moeda AE número 8.....	64
Figura 7: Moeda AE número 2.....	65
Figura 8: Moeda AE número 3.....	66
Figura 9: Moeda AE número 4.....	67
Figura 10: Moeda AE número 12.....	68
Figura 11: Moeda AE número 13.....	70
Figura 12: Moeda AE número 15.....	71

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: Mapa das províncias e fronteiras romanas em meados do século II EC.	21
Mapa 2: Mapa de Estratoniceia e Lagina..	54

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1: Ficha de Catalogação de Moedas.	41
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAP 1 - O IMPÉRIO ROMANO NO CONTEXTO DA DINASTIA DOS SEVEROS.....	7
1.1 O começo da Dinastia	7
1.2 Os Principais Eventos Políticos – Culturais	14
1.3 Uma Breve Bibliografia de Septímio Severo, Júlia Domna e Caracala.....	20
CAP 2 - NUMISMÁTICA E A PESQUISA HISTÓRICA	30
2.1 A Cultura Material nas Pesquisas Históricas.....	30
2.2 A Numismática Romana como Fonte Histórica	33
2.3 <i>Corpus Documental</i> e Metodologia de Pesquisa em Numismática pelo Laboratório ATRIVM UFMS.....	37
CAP 3 – AS CUNHAGENS ROMANAS E A LEGITIMIDADE DO PODER DA DINASTIA DOS SEVROS: O CASO DA DEUSA HÉCATE	43
3.1 O mito da deusa Hécate e sua relação com o mundo Greco-Romano	43
3.2 As Cunhagens de Hécate na cidade de Estratonicéia.....	53
3.3 O Análises e Comentários sobre a deusa Hécate e dinastia dos Severos a partir do <i>corpus documental</i>	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A – CATÁLOGO NUMISMÁTICO	91

INTRODUÇÃO

A História, em seus múltiplos usos e interpretações, constitui um campo de disputa e de construção de sentidos, especialmente no contexto contemporâneo de manipulação do passado. No caso da Antiguidade, a História Romana tem sido amplamente utilizada como ferramenta de legitimação política e cultural. Entre as fontes mais significativas desse período estão as moedas, cuja análise permite compreender como o poder se representava e se comunicava com diferentes segmentos da sociedade.

Partindo dessa perspectiva, a pesquisa busca compreender e problematizar os elementos que levaram a dinastia dos Severos (193–235 E.C.) a associar suas cunhagens à deusa Hécate, particularmente na cidade de Estratonicéia, na região da Cária. A escolha dessa divindade, vinculada a aspectos de transição, proteção e poder, revela estratégias de comunicação imperial e de integração simbólica das províncias orientais ao discurso político de Roma.

Sendo assim, o objetivo geral é realizar um levantamento e uma análise numismática para compreender como a deusa Hécate foi escolhida pela dinastia dos Severos (193–235 d.C.) para integrar as cunhagens imperiais. De forma mais específica, busca-se investigar os elementos políticos, sociais e culturais que permearam o governo severiano; analisar os aspectos iconográficos presentes no corpus numismático, com ênfase nas representações da deusa Hécate durante esse período; e, por fim, elucidar a associação dessa divindade ao processo de consolidação e legitimação da Dinastia dos Severos, evidenciando como sua imagem foi utilizada na construção do poder imperial romano.

Conforme observa João Carlos Furlani (2020), as moedas romanas ultrapassam sua função econômica, funcionando como instrumentos de difusão de crenças, comemorações e memórias. A iconografia das cunhagens — anversos e reversos — revela uma lógica discursiva que traduz intenções de soberania e valores sociais. Assim, a presença de Hécate nas emissões severianas sugere não apenas a incorporação de cultos locais ao repertório imperial, mas também a tentativa de reforçar uma narrativa de poder amparada na religiosidade e na tradição helênica das províncias orientais. Nesse sentido, o trabalho propõe uma análise iconográfica e contextual das moedas de Estratonicéia, observando a maneira como o culto de Hécate foi instrumentalizado para reforçar a legitimidade da dinastia dos Severos. Busca-se compreender

como esses discursos visuais dialogavam com a política imperial, com o imaginário religioso e com as práticas de poder no Mediterrâneo romano.

A pesquisa, portanto, insere-se no diálogo entre História Antiga, Arqueologia e Numismática, explorando a cultura material como meio de comunicação e representação política. O estudo das cunhagens severianas dedicadas à deusa Hécate contribui para ampliar a compreensão das estratégias simbólicas do poder romano e de sua recepção nas províncias, reafirmando o papel das moedas como documentos históricos essenciais para a análise da legitimidade imperial.

Para Ulpiano Bezerra de Menezes (1983, p.113) a cultura material é o produto de formas específicas e historicamente determinadas de organização social. Além de canalizar e sustentar as relações sociais, ela desempenha um papel fundamental tanto como produto quanto como vetor dessas relações. Segundo Tania Andrade Lima (2011, p.21), a cultura material não é um reflexo passivo dos sistemas socioculturais, mas uma construção ativa, usada para estabelecer identidades, promover mudanças sociais e marcar diferenças. Isabela Backx (2020, P.36) reforça que a cultura material, como base da vida social, influencia a formação de grupos, conflitos e práticas culturais, permitindo, por meio da análise historiográfica, desvendar as tramas sociais e visões de mundo de sociedades específicas.

Concordamos com os autores ao reconhecer que a cultura material reflete concretamente os elementos sociais presentes em sociedades constituídas. Com a ajuda da Arqueologia, é possível estudar esse patrimônio e fornece às sociedades um sentido de identidade e continuidade, revelando as tradições e memórias de seus antepassados através dos vestígios materiais. Dessa forma, a cultura material é essencial para evidenciar discursos e motivações sociais, além de contribuir para a construção de identidades e a reflexão sobre conexões históricas com seus antepassados.

No que tange a História da Cultura Material recorremos a José D'assunção Barros (2004, p. 4-7), na qual define essa modalidade historiográfica como o campo histórico que estuda essencialmente os objetos materiais em sua interação com os elementos mais concretos da vida humana. Este campo deve analisar não o artefato material tomado em si mesmo, mas além disso, os seus usos, as suas apropriações sociais, os mecanismos envolvidos em sua manipulação, a sua relevância econômica e a sua necessidade social e cultural. Ademais pode operar na junção com campos historiográficos definidos por outras perspectivas e enfoques,

como associar os campos da História da Cultura Material e da História do Imaginário nas análises de interrelações entre “matéria” e a “imagem”.

O campo da cultura material oferece inúmeras possibilidades, especialmente no ensino da Antiguidade. José Maria Gomes de Souza Neto e Luiz Henrique Bonifácio Cordeiro (2018, p.325). destacam que é necessário inserir os conceitos da área de forma que promova uma visão analítica da realidade, assim a chamada "renovação do ensino da História Antiga" requer novas abordagens que incentivem o aprendizado de forma lúdica e espontânea, favorecendo o engajamento e a pesquisa (Neto; Cordeiro, 2018, p.326).

Ao nos depararmos com a Dinastia dos Severos (193-235 EC), percebemos uma escassez de trabalhos que abordam a relevância da deusa Hécate no governo de personagens como Septímio Severo (*Septimius Severus*), Caracala, Geta e a imperatriz Júlia Domna, particularmente no que diz respeito às cunhagens do período. No entanto, existem diversas análises que contemplam os Severos por outras perspectivas igualmente relevantes. Destacamos a contribuição da pesquisadora brasileira Ana Teresa Marques Gonçalves, que, em seus artigos "*Poder e propaganda no período severiano: a construção da imagem imperial*" (2010) e "*Rupturas e continuidades: os antoninos e os severos*" (2007), busca entender a dinâmica social e política dos Severos a partir das fontes literárias.

Além disso, a especialista em iconografia Paloma Aguado García oferece uma rica produção sobre as particularidades dos Severos como governantes do Império Romano. Entre seus trabalhos, destacam-se "*Religión y política religiosa del emperador Caracalla*" (2003) e "*Arquitectura religiosa y propaganda imperial en Roma bajo Septimio Severo y Caracalla*" (2005). Tanto Gonçalves quanto García utilizam a literatura como principal fonte de análise, mas também fazem referências às moedas, embora em uma frequência quantitativa menor e com menos profundidade.

No campo da numismática, nota-se que há uma carência de estudos sobre os Severos. Entre as produções mais relevantes, destacamos a polonesa Daria Janiszewska-Sienko, que publicou "*The Ideology of the Victory of the Emperor Septimius Severus in the Period 193-197 a.D. in Numismatic Sources*" (2011) e "*Damnatio memoriae i renovatio memoriae w polityce cesarza Septymiusza Sewera*" (2011). Outros pesquisadores notáveis nesse campo incluem Adrián Gordón Zan, com o artigo "*La serie legionaria de Septimio Severo: Muestra de fuerza militar a través de la moneda de finales del siglo II d.C.*" (2002), e a historiadora Maria Del Mar

Martínez, com o trabalho "*Propaganda dinástica, militar y religiosa en las monedas de Júlia Domna*" (2017). Dessa forma, a cultura material se torna essencial para nossa pesquisa, pois nos permite responder às questões sobre os Severos e sua relação com a deusa Hécate.

Para ampliar nossa análise, também incorporamos o estudo do papel de Hécate na magia na Antiguidade. Destacamos a tese de doutorado de Nerea López Carrasco, "*La diosa hécate griega: delimitación de los perfiles astral y mágico de la divinidad*" (2022), e o capítulo "*Hécate até o período clássico grego: a magia como apenas mais de uma de suas funções*" (2023), de Leandro Mendonça Barbosa, que abordam a relevância da deusa no contexto mágico.

Em nosso enfoque sobre as cunhagens dos Severos contendo Hécate no anverso ou reverso, buscamos trabalhos que apresentem esse recorte para análise. A pesquisadora Amanda Herring, em seu artigo "*Hekate of Lagina: a goddess performing her civic duty*" (2022), discute o culto de Hécate em Estratoniceia, com ênfase no templo de Lagina. Herring cita algumas moedas do período dos Severos, embora sem aprofundar a análise numismática. Além disso, na tese de Carrasco, há uma representação de Hécate nas cunhagens dos Severos, mas, assim como nos demais trabalhos, o tema não é explorado pela perspectiva da análise numismática.

Esses estudos costumam apenas fazer breves referências à deusa Hécate quando aparece nas cunhagens, sem uma análise mais profunda do discurso contido nessas representações. Nosso objetivo é, portanto, analisar essas moedas por meio do conceito de discurso, compreendendo que até o momento essa perspectiva ainda não foi amplamente elucidada por estudiosos da História Antiga.

Ao entender como se deu a construção do vínculo entre a Deusa Hécate e o período dos Severos, buscamos discutir as razões que levaram à sua inserção nas moedas presentes nos catálogos, especialmente as encontradas na região da Caria, onde há fortes evidências de um culto dedicado à deusa. O numismata Carlos Eduardo da Costa Campos, em seu trabalho "*As duas faces da moeda: considerações sobre a numismática para as pesquisas históricas*" (2018), mostra como as moedas são veículos de ideologias e discursos específicos. Assim, a finalidade desta pesquisa é verificar quais são os interesses políticos e sociais por trás da escolha de representar Hécate nas cunhagens dos Severos e quais discursos essas moedas comunicam.

Em nossa pesquisa, foi necessário a elaboração de um catálogo obtido na Base de Dados do *American Numismatic Society*, na qual foi fundada em 1858 com o propósito de valorizar a numismática e se tornou uma das instituições culturais mais antigas do Estados Unidos, detendo

um acervo de moedas Grega, Bizantino, Islâmico, do leste asiático, do sul asiático, Medieval, moderno, norte-americano, latino-americano e Romano.

Assim, esse conjunto de moedas torna viável a análise histórica e sistematizada que pode ser organizada em um Catálogo. Na Base de Dados do *American Numismatic Society*, catalogamos as informações presente nas moedas para filtrar nomes, funções sociais e imagens que possibilitem entender parte dos elementos sociais, políticos e culturais em que tais peças estavam situadas.

Quanto a isso, no processo de construção do Catálogo, buscamos selecionar as moedas que representam a deusa Hécate, datadas no período da Dinastia dos Severos (193-235 EC). A partir da ficha de análise desenvolvida no laboratório ATRIVM UFMS elaboramos este catálogo de maneira sistematizada e que fosse útil para a nossa pesquisa. Extraímos do *American Numismatic Society* informações físicas importantes para a análise, como: o tipo de moeda, período, região, material e dimensões das peças. Além disso levantamos os aspectos iconográficos encontrados, que incluem as imagens contidas no anverso e reverso das moedas. Ademais, inserimos as inscrições que constam nas peças no catálogo, tanto no anverso quanto no reverso, quando elas eram legíveis. Em nosso esforço obtivemos a catalogação de quinze moedas, todas elas estão presentes no banco de dados do *American Numismatic Society*. É essencial a historicização dessas moedas, pois a partir disso é possível evidenciar características políticas e sociais das moedas em questão.

Deste modo, para a reflexão iconográfica das peças, optamos pela proposta teórica e metodológica de Christopher Howgego (1995, p.39-60). Escolhemos esse numismata em particular porque, em seu livro "*Ancient History from Coins*" (1995), ele oferece uma abordagem perspicaz sobre as possibilidades de leitura que as imagens e legendas das moedas proporcionam aos pesquisadores. Outrossim Howgego apresenta um conjunto de chaves analíticas que são fundamentais para entender os processos de estabelecimento do poder e suas representações nas moedas. Assim, compreendemos essa abordagem como um instrumento de análises valioso, uma vez que considera os signos de poder contidos nos pedaços metálicos em conjunto com os governantes políticos contemporâneos no período. As fontes literárias atuam de forma importante nas análises das cunhagens, podendo nos informar entre diversos aspectos as origens dos metais utilizados na cunhagem. Dessa forma, a partir dessas obras podemos tecer um estudo mais preciso sobre as condições políticas e discursivas que as moedas

do catálogo nos possibilitam estudar, sobre Hécate no contexto romano, sobretudo no período dos Severos.

Para sistematização de nossas reflexões construímos a estrutura dos capítulos da seguinte forma: o capítulo 1 se intitula “O império romano no contexto da dinastia dos Severos”, em que discorremos o início da dinastia dos Severos em Roma, os principais eventos políticos-culturais e apresentamos uma breve bibliografia de Septímio Severo, Júlia Domna e Caracala. O capítulo 2 se intitula: “Numismática e Pesquisa Histórica”, cuja discussão centra-se na Cultura Material e sua contribuição para a historiografia, na potencialidade da numismática nas pesquisas históricas e o detalhamento do método de análise feito a partir das fichas numismáticas desenvolvidas pelo Laboratório ATRIVM/UFMS. Por fim o capítulo 3 se intitula: “As Cunhagens Romanas e a Legitimidade do poder da dinastia dos Severos: o caso da deusa Hécate”. Neste capítulo indicamos o mito da deusa Hécate e sua relação com o mundo greco-romano, bem como a realização de apontamentos referente as cunhagens da deusa Hécate na cidade de Estratonicéia. Por fim, desenvolvemos nossas análises a respeito destas cunhagens a partir da teoria e método desenvolvido ao longo da pesquisa.

CAP 1 - O IMPÉRIO ROMANO NO CONTEXTO DA DINASTIA DOS SEVEROS

1.1 O começo da Dinastia

A dinastia dos Severos refere-se aos imperadores que governaram o Império Romano de 193 a 235 EC, isto é, Septímio Severo, Geta, Caracala, Macrino, Heliogábalo e Severo Alexandre. Seus governos eram constituídos de características singulares e adicionaram ou removeram elementos sociais, políticas e econômicas que mudaram a sociedade romana. A fim de compreender as dinâmicas da dinastia severiana, é necessário primeiro identificar os acontecimentos anteriores que levaram tal dinastia ao poder.

De acordo com Ana Teresa Marques Gonçalves (2020, p. 236) a partir do governo de Cômodo (180-192 EC) o Império Romano foi levado a um reordenamento das forças sócio-políticas de sua estrutura interna. Cômodo, durante seu governo, sofreu diversas conspirações, como a orquestrada por sua irmã Lucila em 182 EC e as organizadas por seus prefeitos do Pretório¹ Perênio e Cleandro, respectivamente em 185 e 189 EC. Mas foi a trama de Leto, prefeito do Pretório em 192 EC, juntamente com o apoio da esposa de Cômodo, Márcia, e alguns membros do Senado e da guarda pretoriana, que resultou no assassinato do imperador no mesmo ano. Com a morte de Cômodo instalou-se uma crise de sucessão no Império. Nesse contexto, indicado pelo Senado, Públio Hélvio Pertinax, senador eminente e rico, se torna imperador e fica no cargo por apenas oitenta e sete dias, até ser morto pelos pretorianos. Esse episódio seria uma retaliação da ordem pretoriana por Pertinax ter se negado a distribuir um *donativum*² de doze mil sestércios para os membros da guarda. Gonçalves destaca que nesse momento, resultado de um longo processo de expansão de funções, a guarda pretoriana se objetivou como os responsáveis pela proteção do cargo imperial e pela indicação dos soberanos, tendo uma ação extremamente ativa no processo de sucessão imperial do período.

¹ Segundo Pedro David Conesa Navarro (2012, p. 381-382) era um posto oficial que visava entre muitas atribuições a segurança e cuidado do imperador e de toda sua família, na qual o responsável por exercê-la era um homem de condição equestre. Esse cargo foi desejado por muitas figuras ligadas ao exército, já que passou a constituir uma grande plataforma para alcançar o trono imperial.

² Gonçalves (2020, p.236) afirma que foi uma tentativa de evitar o declínio da economia, uma vez que os cofres públicos se encontravam escassos desde os empenhos de guerra fomentados durante o governo do imperador Antonino, Marco Aurélio (161-180).

Conforme Gonçalves (2020, p.236), após a morte de Pertinax os pretorianos promoveram uma espécie de leilão do cargo imperial. Neste transcurso emerge alguns nomes significativos para ocupar o cargo de imperador. Um deles, Dídio Juliano, respaldado pelo Senado, apela para a proposta de oferecer vinte cinco mil sestércios para membros da guarda, se o auxiliasse a ascender ao poder. No entanto, Juliano fracassa e não obtém sucesso entre as tropas estacionadas na fronteira. As legiões situadas na Síria apoiaram e indicaram Pêscenio Nigro e as da Bretanha indicam Clódio Albino. É nesse cenário que eclode a figura de Lúcio Septímio Severo, aclamado e indicado pelas legiões da Panônia.

Para a autora, Septímio Severo foi quem se estruturou mais rápido. Constituiu dezesseis legiões, declarou-se Vingador de Pertinax e se dirigiu a Roma (Gonçalves, 2020, p.237). Por trabalhar sob os governos dos Antoninos (96-192 EC), Septímio Severo conhecia bem o Império, tendo recebidos cargos na Sardenha, na província da África, na Sicília e na Gália. No ano de 193 EC, ele chegou em Roma, gerou a morte de Dídio Juliano e remodelou a guarda pretoriana, reconhecida como a assassina de Pertinax, de quem se dizia vingador. Nesse mesmo ano, Severo, torna-se o novo governante do Império. Em relação a isso, Herodiano³, historiador contemporâneo do Severos nos conta:

[...] Severo, encorajado a esperar por maior sucesso, usou um truque para capturar e manter prisioneiros os guardas pretorianos, os assassinos de Pertinax. Ele enviou cartas particulares aos tribunos e centuriões, prometendo-lhes ricas recompensas se eles persuadissem os pretorianos em Roma a se submeterem e obedecerem às ordens do imperador. Ele também enviou uma carta ao acampamento pretoriano, orientando os soldados a deixarem suas armas no acampamento e saírem desarmados[...] Ele ainda ordenou que eles fizessem o juramento de fidelidade em seu nome[...] Confiando nessas ordens e persuadidos por seus tribunos, os pretorianos deixaram suas armas para trás e apareceram do acampamento em uniformes festivos, carregando ramos de louro[...] (HERODIANO, *História do Império Romano*, II, 13, 1-4).

Como mostra Herodiano, Septímio Severo armou uma armadilha para os pretorianos, fazendo com que os mesmos se rendessem e os levasse a perder seus postos. Todavia, o imperador não podia ficar sem uma guarda de proteção. Nesse sentido, Gonçalves (2020, p.237) relata a constituição de uma nova guarda de soldados vindos das legiões provinciais, ressaltando

³ De acordo com Semíramis Corsi Silva (2014, p.224), Herodiano viveu entre 180 e 250 EC, ocupou cargos políticos e administrativos no Império Romano e escreveu os oito livros da *História do Império Romano* de 180 a 238 EC. Destacamos, assim como frisa a autora, que Herodiano subordinado às suas funções político-administrativas, acaba por caracterizar seus escritos. Sendo próximo à corte imperial, sua perspectiva vai ao encontro de valores da aristocracia, principalmente dos senadores romanos.

que até o período severiano, os pretorianos eram selecionados apenas entre soldados da Península Itálica.

Embora Dídio Juliano já houvesse sido exterminado, ainda restavam dois inimigos, que assim como Septímio Severo buscavam ocupar o cargo imperial: Pescênio Nigro e Clódio Albino. Considerando que seria uma desvantagem lutar em duas frentes, contra Albino que vinha no Ocidente e contra Nigro que vinha do oriente, Severo se aliou a Albino. Nessa empreitada, Severo proclamou Albino César e, logo, indicou para ser seu sucessor. Assim atacou Nigro na Síria. As tropas severianas venceram as de Nigro, que acabou sendo assassinado quando tentava se refugiar no território dos Partos. Após essa conquista, Septímio decidiu eleger seus filhos, Caracala e Geta, como seus sucessores do governo imperial, atraindo a fúria de Albino. Este se rebelou e reuniu suas legiões, atravessando a Gália, visando invadir a Península Itálica. Septímio reorganizou suas legiões e partiu ao seu encontro, disputando a batalha de *Lugdunum*⁴, na qual Albino foi derrotado. Os partidários de Albino foram executados, estando entre estes vinte e nove senadores favoráveis a Albino e contrários a Severo (Gonçalves, 2020, p.238).

Nessa conjuntura, é preciso frisar uma série de mecanismos que o Imperador se valeu para legitimar a nova dinastia em Roma. Para Fernández Ardanaz e González Fernández (2006, p.24), o elemento chave na tomada e preservação do poder imperial por Septímio Severo se deveu à sua *auctoritas* e *potestas*⁵. No que tange a isso, Lorena Esteller (2014, p.72), nos chama a atenção para o fato de Severo ter se colocado como vingador de Pertinax, dando ao novo imperador a honra militar e a extinção da *auctoritas* e *potestas* negativas que ele tinha até então, uma vez que fez justiça à morte do imperador anterior, executada pelos pretorianos. Dessa

⁴ Conforme Yves Rolland (2019, p.108), *lugdunum* detinha uma posição geopolítica benéfica, tendo em vista que estava situada na confluência de dois rios navegáveis: o rio Ródano e o Saône, logo um importante território militar também. Na perspectiva de André Pelletier (1999, p.24) com a vitória de Severo, o território provavelmente foi saqueado, incluindo a população que apoiou Albino, especialmente a elite. Por fim tal grupo foi dizimado ou exilado, e os bens desta última confiscados em benefício do patrimônio imperial.

⁵ Mediante Lorena Esteller (2014, p.70), definimos como um saber e poder socialmente reconhecido, que é possível alcançar através de um conjunto de construções simbólicas de identificação e diferenciação. Além disso, a partir de Carlos Eduardo da Costa Campos (2017, p.381), *auctoritas* pode ser entendido como a habilidade de alguém exercer poder sobre a sociedade romana através do status que ocupava na sociedade, sem o uso da força ou violência física como condicionante, em razão da imagem pessoal. No que tange a *potestas*, Campos ressalta que se vincula à posse do controle ou comando de pessoas e coisas. Dessa forma, o portador deste poder está relacionado à capacidade física e/ou mental para operar o poder sobre os outros. Nesse sentido, podemos aferir que Septímio Severo recorreu a esses mecanismos para que sua figura fosse socialmente reconhecida como a de um imperador legítimo e, consequentemente, fosse marcada na memória coletiva.

forma, Septímio perdeu a imagem negativa de usurpador do império por meio da guerra civil, para uma identificação com os valores essenciais de um *optimus princeps*, como a *iustitia*⁶. No que tange a essa questão, Herodiano narra:

[...] Ele foi ao Senado e se dirigiu a todos os senadores em um discurso de tom muito suave e cheio de promessas de coisas boas para o futuro. Cumprimentando-os coletiva e individualmente, ele lhes disse que tinha vindo para vingar o assassinato de Pertinax e assegurou-lhes que seu reinado marcaria a reintrodução do governo senatorial. [...] Pretendia imitar o reinado de Marco em todos os aspectos e assumiria não apenas o nome de Pertinax, mas também a maneira e a abordagem dele (HERODIANO, *História do Império Romano*, II, 14, 3).

No relato de Herodiano, nota-se que Severo empenhou-se em conquistar a lealdade do Senado, afirmou aos senadores que respeitaria os poderes da ordem senatorial, seguindo o modelo de bons imperadores como Marco Aurélio (161-180 EC). Ademais, Esteller (2014, p.72) enfatiza que Severo foi além, se associou à dinastia Antonina, proclamando-se filho de Marco Aurélio e irmão de Cômodo em 197 EC. Quanto a isso, Gonçalves (2020, p.338) pontua que ele se dedicou a criar bases sólidas e legítimas para seu governo, e se declarar como o continuador dos Antoninos passou a ser fundamental nesse propósito. Em 196 EC, Severo já havia mudado o nome de seu filho mais velho, Caracala, para Marco Aurélio Antonino e dado o título de *Imperator Destinatus*, em troca do apoio que dera ao pai nas batalhas enfrentadas no Oriente.

Ressaltamos que ao proclamar-se irmão de Cômodo, decretando que sua *damnatio memoriae*⁷, vigente até então, deveria ser interrompida e substituída por uma apoteose, assustou o Senado. Para o Senado, Cômodo havia sido um mau governante. No entanto, na perspectiva de Gonçalves era impossível se vincular à persona de Marco Aurélio sem procurar recuperar a de Cômodo, seu filho e herdeiro. A vinculação mais estreita de Marco Aurélio teria agradado a vários senadores, mas a reabilitação de Cômodo teria provocado o efeito inverso. A autora ainda

⁶ Segundo João Guilherme Vieira Poiati (2024, p.54) pode-se definir como justiça e equidade. Além disso, denota uma virtude coletiva ligada à ideia de regulação social por meio da aplicação de leis.

⁷ Prática Romana de apagamento da memória, na qual o procedimento era a execração oficial e a destruição das representações figuradas e do nome do sentenciado de todos os monumentos. Segundo Gonçalves (2003, p. 16) advinha de uma decisão tomada pelo Senado. Poderia ser sugerida pelo *princeps*, mas tradicionalmente, a palavra final era dos senadores.

evidencia que para historiadores antigos, como Herodiano e Dião Cássio⁸, Marco Aurélio já aparecia como o último Imperador de uma Roma próspera, cuja estabilidade teria sido rompida com a ascensão de Cômodo, e estes refletiam um modo de entendimento comum a alguns grupos aristocráticos, que ficaram bastante contentes com a conexão de Septímio da imagem de Marco, mas resistiram à vinculação com a odiada figura de Cômodo (Gonçalves, 2007, p.2-5).

Para além disso, Esteller (2014, p.74) indica o uso de sonhos, presságios e profecias por parte de Severo, que o possibilitaram legitimar seu posto como Imperador de forma crível para a época e que conquistasse a lealdade dos soldados e da população romana. Na Antiguidade, o mundo concreto não era separado nitidamente entre a realidade e a vida desperta, essa fronteira era muito subjetiva. Os sonhos continham indicações sobrenaturais do futuro, o que lhes dava o significado de presságios e elas influenciavam decisões políticas. Por esse fato, foram utilizados como meio de legitimação. Entre muitos sonhos e presságios de Septímio Severo, é o historiador Dião Cássio quem descreve um de seus sonhos premonitórios:

[...] Quando foi admitido no Senado, sonhou que estava amamentado por uma loba, assim como Rômulo havia sido. Quando ele estava prestes a se casar com Júlia, Faustina, a esposa de Marco, preparou sua câmara nupcial no templo de Vênus perto do palácio. Em outra ocasião, água jorrou de sua mão, como de uma fonte, enquanto ele dormia. [...] Novamente, ele pensou que no Fórum Romano um cavalo jogou Pertinax, que o havia montado, mas prontamente se colocou em suas costas [...] (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXIV, 3, 1-3)

Como visto, a justificativa dos presságios por meio dos sonhos, é empregada pelo imperador para alcançar a sua *auctoritas*. Esteller (2014, p.75), salienta que os sonhos tinham importância no período severiano, pelo fato do próprio Dião Cássio mencioná-los durante o governo do primeiro Imperador, legitimando seu lugar no Império.

É importante lembrar, conforme Semíramis Corsi Silva (2014, p.229), que as práticas de legitimação, até agora analisadas, não são as únicas que os severos se utilizaram. Também são refletidas em outros suportes, como estruturas arquitetônicas, bustos imperiais, moedas,

⁸ Conforme Silva (2014, p.224) foi erudito da ordem senatorial que residiu em Roma e fez parte da corte imperial entre 200 EC à 2010 EC. Campos (2017, p.30) também frisa que o autor, escreveu a obra *História Romana* desde as origens até 229 EC, em oitenta livros, se utilizando da estrutura dos anais romanos. Foi eleito senador em 192 EC sob o governo de Cômodo, pretor em 194 EC sob Pertinax, e eleito cônsul duas vezes sob Septímio Severo, em 229 EC. De 218 até 228 ele era curador de Esmirna e Pérgamo, procônsul da África, e legatário da Dalmácia.

títulos imperiais e cerimônias, e não unicamente na ligação da imagem dos Severos com os Antoninos.

Um componente interessante da dinastia dos Severos é a identidade cultural. Silva (2014, p.224), aponta que ao contrário dos imperadores anteriores, todos com ascendentes na Península Itálica, Septímio Severo foi o primeiro imperador provincial sem ligações familiares com a Península Itálica. Severo, nascido em Leptis Magna, cidade da África Proconsular, vinha de uma família equestre⁹. Casou-se, em 180 EC, com Júlia Domna, que se tornou imperatriz romana com a ascensão do marido. Júlia era de uma nobre família na província da Síria, que tinha fortes ligações com as cidades da região e grande participação imperial romana. Durante o governo de seu marido e de seu filho, Caracala, Julia Domna teve uma grande influência política no Império.

Portanto, como enfoca Silva (2014, p.225), pela primeira vez na história do Império, se constitui uma dinastia formada por um imperador sem laços com Roma e uma imperatriz de origem oriental, o que será uma diferença presente no governo dos Severos. Gonçalves (2020, p.224) contribui, evidenciando que essa peculiaridade foi usada pelos historiadores contemporâneos da dinastia, para perceber a adição à administração da corte imperial de elementos africanizados e orientalizantes. Ao narrar a festa de casamento de Caracala com Plautila, Dião Cássio destaca um certo caráter “bárbaro” no cardápio oferecido no banquete: “[...]E todos nós fomos recebidos juntos em um banquete, em parte em estilo real e em parte em estilo bárbaro, recebendo não apenas todas as iguarias cozidas costumeiras, mas também carne crua e diversos animais ainda vivos” (*História Romana*, LXXVIII, 2).

Tal fragmento revela o fato da historiografia romana não ser imparcial na construção do discurso em relação aos Severos. De acordo com Carlos Eduardo da Costa Campos (2019, p.56), o discurso é o conjunto de representações elaboradas sobre um sujeito, um grupo e/ou um objeto relacionado com as práticas humanas desempenhadas em um meio social. Essas representações correspondem aos interesses dos grupos que a construíram. Tais representações podem ter o propósito de euforizar ou disforizar. Euforizar denota valoração positiva de um indivíduo ou objeto de interesse, através da exaltação na esfera discursiva e disforizar está no ato de desqualificar práticas políticas, culturais e sociais de um dado grupo de sujeitos.

⁹ Alice Maria de Souza (2021, p.33-35), evidencia que a ordem equestre era formada pelos membros da cavalaria romana. No período severiano estes, já possuíam a possibilidade de ascender a cargos de magistratura.

Dessa maneira, o conceito de discurso pode ser interpretado pela via da semiótica. Nesse sentido, na abordagem de Algirdas Julius Greimas e Jules Courtés (1988, p.125-130), o discurso é entendido como a abstração do texto a serviço de uma unidade de sentido. O discurso associado com certas concepções enviesadas e com os aspectos linguísticos (comportamentos verbais) e não linguísticos (comportamentos significantes expressados pelas ordens sensoriais), reproduz no enunciado uma semântica discursiva. À medida que o texto é infestado dessa prática discursiva, ela passa a se sobressair sobre o elemento linguístico e exterioriza significações com diversas finalidades, inclusive a de construir uma imagem positiva ou negativa de um sujeito ou grupo.

Compreendemos o discurso como elemento originado da enunciação, ou seja, o processo de enunciação resulta no sentido da ação. Ademais, ele pode ser visto como um processo de expressão, em que as frases constroem um entendimento, forma, estrutura, sentido e efeito, desta forma o discurso. Assim uma frase mesmo que pequena denota relevantes significados em sua expressão e de como ela é interpretada por quem o visualiza, lê ou ouve. Posto isso, observa-se que no caso dos Severos a disforia discursiva, se encontra atenuadamente nos traços culturais da dinastia, sendo usada como retórica por historiadores como Dião Cássio.

Em suma, desde os avanços de Septímio Severo na busca pelo cargo imperial e até a consolidação de seu objetivo, a dinastia severiana contém diversas características interessantes que refletem na governabilidade de Severo e seus sucessores. Seja por uma política de associação através dos Antoninos ou por outras formas de legitimação que alicerçaram os Severos, é crucial pensar que essas ações são causas de um contexto de crise conjuntural-estrutural que o Império estava enfrentando, logo elas eram necessárias para a consolidação da dinastia. Além disso, os Severos apresentam particularidades que plasmam determinadas questões atípicas do Principado Romano¹⁰, sendo uma das principais envolvendo o agenciamento feminino por parte das mulheres severianas, a mais conhecida Júlia Domna e posteriormente Júlia Mesa, Julia Soêmia e Júlia Mamea. Assim entendemos que é importante

¹⁰ Através de Campos (2017, p.49-50; p.387) entendemos o Principado como uma nova forma de exercício de poder fundada por Otávio Augusto (63 AEC - 14 EC). Nesse processo, Augusto se apropriou das concepções políticas e culturais, bem como das instituições do período da República Romana, preservando elementos do passado e integrando novos significados para as demandas que naquele momento se apresentavam em Roma. Nesse sentido, seu objetivo não era fazer uma ruptura com a antiga ordem social, mas mesclar as novas configurações sociais e políticas com as antigas noções da República. O Imperador ocupava o cargo de governante, mas como líder da coletividade nos moldes das demandas republicanas. É por isso que Augusto adotou o título antigo de *Princeps*, isto é, “primeiro” ou “líder” para denotar o seu domínio e poder.

pensar nas dinâmicas sócio-políticas dos Severos, bem como suas contribuições para o Império Romano. É por essa meta, que na sequência vamos nos debruçar sobre os principais fatos ocorridos no âmbito político e cultural sob o domínio da dinastia severiana.

1.2 Os Principais Eventos Políticos – Culturais

Semíramis Corsi Silva (2014, p.225) levanta um aspecto debatido sobre os Severos como apresentando transformações, é o de alguns historiadores que a analisam como sendo uma Monarquia Militar, fundamentado no fato de Septímio Severo ter sido aclamado ao cargo Imperial pelo exército da Panônia, do qual ele era general, ou seja, os soldados conseguiram impor um imperador a Roma. Porém, a autora afirma que essa tese tem sido criticada pela historiografia mais atual.

Silva (2014, p.225-226), enfatiza que embora Severo tenha sido aclamado pelos soldados, ele também teve um *cursus honorum*¹¹ relacionado ao Senado e se atentou com a legitimação do seu governo pela ordem senatorial. Na historiografia mais recente, Septímio aparece como o que mais possui tarefas enquanto juiz e legislador. Nesse sentido, percebemos que o direito no período severiano teve na realidade grande importância, sendo o momento de célebres juristas como Papiniano, Ulpiano e Paulo, todos provinciais com currículo também como prefeitos do pretório e conselheiros imperiais. Dessa forma, como destaca a autora (Silva, 2014, p.229-230), a importância dos soldados no governo dos Severos está representada nos textos da época, que por alguma razão incomodava os escritores antigos ligados ao Senado. A singularidade dessa dinastia se apoiava no fato de Septímio representar a ideia de que o exército podia impor um imperador.

Corroborando com Silva, Ana Teresa Marques Gonçalves (2020, p.241) ressalta que os primeiros Severos buscaram apoio entre os militares, mas não foram os únicos a fazer isso, nem se sustentavam apenas nos soldados. As bases de assimilação do Imperador com o exército foram fortemente estabelecidas por Augusto¹², e os imperadores subsequentes preservaram e

¹¹ Segundo Campos (2017, p.383) pode ser traduzido como carreiras. Era comum a necessidade do cidadão servir como questor e pretor antes de disputar o consulado. Sula em 180 AEC, através de *Lex villia annalis*, prescreveu lacunas estabelecidos entre cada magistratura e a idade mínima para a candidatura.

¹² Conforme Campos (2017, p.49), o *princeps* Caio Júlio César Otaviano Augusto, primeiro imperador do Principado romano, constituiu um modelo de governo por uma relação dialética entre o desenvolvimento de um papel social e as perspectivas a que essa função deveria corresponder. Augusto teve de agir em um contexto de

adaptaram estas ideias. Como todos os imperadores, Septímio Severo baseou sua posição num suporte militar, mas sem deixar de reconhecer a necessidade de instalar as vontades das aristocracias, romanas e provinciais.

Ademais, Gonçalves (2020, p.239) mostra algumas das medidas tomadas por Septímio Severo que impactaram o Império. Ele tentou controlar as oposições a seu governo por intermédio da remessa de donativos para os soldados. Também, elaborou novas estratégias para a defesa das fronteiras, melhorando fortificações, construindo novas estradas para facilitar o deslocamento das tropas, criando forças móveis e favorecendo o recrutamento regional de soldados. Além disso, aumentou o soldo dos legionários e reestruturou a *annona*¹³ militar, encarregada pela repartição de alimentos para os soldados. Foi com ele que se iniciou a permissão de casamento oficial dos legionários e a permanência de suas famílias em cidades perto das fortificações. Por fim, garantiu o acesso direto dos centuriões à ordem equestre, o que lhes permitia diversas possibilidades de chegar a postos civis e militares. Com estas determinações, Severo procurava obter o apoio das forças militares, mas também fortalecer as fronteiras frente aos avanços dos Partos, no Oriente, e dos Bretões, que não desistiram em atravessar a Muralha de Adriano.

Durante seu governo, fez várias viagens pelo Império, objetivando conhecer seus governados, reestruturar a moral das tropas, garantir a fidelidade das elites provinciais e fiscalizar os governadores provinciais. Esforçou-se também vincular sua família de seu governo dando títulos diversos a sua esposa, Julia Domna, e a seus dois filhos e herdeiros, Caracala e Geta. Septímio foi acometido por uma doença¹⁴ em 211 EC., na cidade de York, enquanto batalhava contra os invasores da Bretanha (Gonçalves, 2020, p.240).

Depois da morte de Septímio, subiram ao poder seus dois filhos: Geta e Caracala. Durante o ano de 211 EC, em que governaram de forma colegiada, tomaram duas providências

mudanças culturais em Roma, após as guerras civis. Nesse sentido, ele precisou mesclar elementos da tradição republicana que estavam no horizonte mental romano com as inovações. Logo, os imperadores que o sucederam, incluindo Septímio Severo, preservaram a necessidade de se legitimar socialmente frente a diversidade do império.

¹³ De acordo com Adolfo Raúl Menéndez Argüín (2006, p.154-163), Augusto criou entre 8 e 14 EC a Prefeitura *Annonae*, tendo como objetivo principal manter um preço do trigo relativamente baixo na capital, além das distribuições gratuitas àqueles cidadãos que tivessem direito a elas. No entanto, não existiria uma administração da *annona* militar separada, mas sim que esta seria uma das funções da *annona* imperial, gerida a partir de Roma, atendendo às necessidades de abastecimento de alimento dos exércitos. Nesse ínterim, o grande impulsionador da *Annona* militar teria sido Septímio Severo, uma vez que inaugurou o imposto específico destinado à manutenção dos soldados romanos.

¹⁴ Segundo Gonçalves (2020, p.103) devido a complicações causadas pela gota, aos 65 anos.

(Gonçalves, 2020, p.242): aprovaram no Senado a *consecratio*¹⁵ de Septímio e assinaram um tratado de paz com os povos invasores da Bretanha, o que foi considerado uma demonstração de fragilidade dos imperadores, que optaram pelo armistício em vez da guerra. Em seu trabalho “*Jogos do poder: relações sociopolíticas nos governos de Septímio Severo e Caracala*” (1999), Gonçalves nos conta detalhes sobre a dinâmica dos dois novos imperadores mediante os relatos de Herodiano. O fato é que havia uma rivalidade forte entre os irmãos.

Conforme a pesquisadora, Geta e Caracala escreviam cartas privadas para os senadores, prometendo regalias para adquirirem seu apoio (Gonçalves, 1999, p.117-118). A maioria acabou por apoiar Geta, uma vez que Caracala, como o pai, preferia a amizade baseada no medo àquela baseada no afeto. Por outro lado, Caracala acabou se aproximando do exército, tendo em vista que na efetuação de nomeações para cargos militares ou civis, cada um queria promover seus próprios amigos. Como a única forma de afastar um concorrente era a eliminação capital, Caracala manda assassinar Geta, afirmando que este planejava uma conspiração contra ele, em 212 EC. Para evitar a formação de uma força social de oposição, Caracala ordena o extermínio dos membros da corte e os amigos de Geta, senadores de alto nome e fortuna, governadores e procuradores provinciais.

Caracala governou sozinho de 212 a 217 EC. Este aumentou o soldo dos legionários, causando inflação. Em reação, criou uma moeda, o Antoniano¹⁶. Em 212 EC, editou a Constituição Antoniniana, uma lei imperial que dispunha a cidadania romana a todos os homens livres de Roma. Com esta medida, Caracala aumentou a arrecadação de impostos e a filiação de soldados nas legiões. Assim como seu pai, Caracala enfrentou problemas nas fronteiras, e acabou assassinado sob a liderança de seu prefeito do pretório, Opélio Macrino, em 217 EC. (Gonçalves, 2020, p.242).

Na análise de Paloma Aguado García (2003, p.26), um dos sinais de descontentamento está nos escritos de Dião Cássio. Este demonstra demasiada insatisfação com o governo do

¹⁵ Segundo Gonçalves (2007, p.25; 2003, p.32), também chamada de apoteose, depois do funeral do Imperador, o Senado se reunia e debatia a consolidação de um culto oficial em sua memória. Era um processo essencialmente ritualístico, na qual alguém era feito *sacrum*, uma propriedade das divindades, por decisão do Senado, ou seja, o imperador se tornaria *divus*. Era a consequência da boa vontade e do reconhecimento do sucessor, que entrava em concordância com os senadores para que eles aprovassem o caráter de divindade ao morto e de herdeiro de um deus ao reinante. Dessa forma, a *consecratio* era uma decisão senatorial, um tributo àqueles que, de alguma forma, auxiliaram na manutenção dos interesses senatoriais, uma declaração pública de apoio.

¹⁶ Álvaro da Veiga Coimbra (1957, p.473) afirma que a moeda era de prata, um denário comum, na qual constava a cabeça de Caracala radiada em lugar de laureada e o busto de Augusta circundado pela meia lua.

imperador. Enquanto no governo de Severo, Dião apresentava uma certa consideração, por Caracala não mediu palavras para expressar o que pensava, isso claro após a morte do governante, sem perigo de sofrer penalidades. Há uma condenação à sua política nas fronteiras, considerando-a ineficaz e ingênua. Além disso, enfatiza seu comportamento vulgar, rude e impróprio. Também critica o exército em seu poder, julgando-o como tirânico, alegando que desprezava o Senado e as instituições que construíram a grandeza de Roma. Nas palavras de Dião Cássio: “Antonino (Caracala) devastou toda a terra e todo o mar e não deixou nada ileso em lugar nenhum” (*História Romana*, LXXVIII, 15, 2).

Com o declínio de Caracala, Macrino toma o nome dos Severos e dá o nome de Antonino a seu filho Diadúmeno. Sua ascensão ao poder ocorre sem qualquer vinculação ou apoio direto dos senadores, suscitando em um governo que dura pouco tempo. Apesar de conseguir o comando imperial, não atinge a confiança dos soldados e muito menos a aprovação dos senadores. Seu suporte vinha da aclamação das tropas, induzidos por tribunos ligados a sua pessoa, tendo em vista que havia neutralizado a invasão dos Partos. Todavia, Macrino assegura construir uma aristocracia respeitando os privilégios do Senado, e, assim, acaba por ganhar as honras de um Augusto (Gonçalves, 1998, p.159).

O que o Macrino não contava, era com o poder de articulação das princesas sírias. Conforme Silva (2014, p.247), Júlia Domna tinha uma irmã, Júlia Mesa, e esta teve duas filhas, Júlia Soêmia e Júlia Mamea, a primeira mãe de Heliogábalo e a segunda de Severo Alexandre. Júlia Mesa é tida, pela documentação, a grande responsável pela queda de Macrino e pelo retorno dos Severos ao poder imperial, com a elevação de Heliogábalo ao poder. Segundo Herodiano, Júlia a partir de um complô com os soldados da III Legião Gálica, financiou-os e assim Macrino acabou morto junto com seu filho na Bitínia, pelos soldados que outrora haviam legitimado seu poder (Gonçalves, 2020, p.242; 2025, p.17).

Heliogábalo ascende ao poder em 218 EC. Por ser filho da princesa síria Júlia Soêmia, filha de Júlia Mesa, a irmã da imperatriz Júlia Domna, Heliogábalo tem seu poder transmitido de maneira matrilinear. Portanto, além da singularidade de ser uma dinastia de origens não itálicas e a primeira de uma região oriental, os Severos apresentam consigo a transferência de poder por via de suas mulheres e o poder marcante destas sob o governo imperial (Silva, 2018, p.145).

O nome de nascimento de Heliogábalo é Vário Avito Bassiano, mas passou a nomear-se Marco Aurélio Antonino quando foi aclamado imperador, em referência aos imperadores Antoninos, herança das políticas de legitimação dos Severos e principalmente Caracala, que recebeu o nome de Antonino e cuja paternidade de Heliogábalo a ele é direcionada, provavelmente como meio de sustentação de seu governo. O nome latinizado *Heliogabalus* vem de uma tradição tardia e faz relação a Elagabal, o deus solar da cidade Emesa, na Síria, divindade da qual ele foi um leal sacerdote. O imperador amplificou o culto a Elagabal para além dos limites do que era aceito pela elite da cidade de Roma, o que o designou a ponto de receber tal denominação posteriormente (Silva, 2018, p.146).

Gonçalves (2020, p. 243), atesta que os costumes sírios de Heliogábalo são destacados pelas fontes como motivo de aborrecimento da aristocracia romana, desde sempre defensores do *mos maiorum*¹⁷. Ele se expunha com roupas tipicamente orientais e gastava tempo e recursos prestando culto ao deus Elagabal de Émesa. Em vista disso, através da documentação da época, podemos marcar que o imperador passou dos limites quanto às práticas que valorizam os costumes greco-romanos, espaço de expressão fundamental à ordem imperial, cimentado na cultura e construção identitária, na visão de escritores como Herodiano e Dião Cássio (Silva, 2018, p.152).

É necessário refletir que o Império Romano no período severiano esteve coberto em guerra contra os povos iranianos, partos e persas. Dessa forma, um imperador como Heliogábalo, que se assemelhava culturalmente em alguma instância, segundo as fontes, desses grupos inimigos, era, na visão da elite romana, um ultraje no Império Romano (Silva, 2018, p.153).

No governo de seu neto, Júlia Mesa aparece como uma grande estrategista, buscando sedimentar bases para que seus familiares homens pudessem se estabelecer nos cargos públicos. Heliogábalo não teve filhos homens com suas esposas¹⁸, logo não existia um herdeiro natural, o que poderia levar o jovem imperador a ser sucedido por um membro de outra *gens*¹⁹. Então

¹⁷ Segundo Campos (2017, p.42) pode ser compreendida como o conjunto de diretrizes que configurava o pensamento cultural romano. A noção do que se deveria fazer ou não em sociedade, estava diretamente ligada às práticas religiosas, papéis sociais que caracterizam homens e mulheres, por exemplo.

¹⁸ Segundo Gonçalves (2025, p.20), Heliogábalo teve 4 casamentos diferentes, todos eles com mulheres da alta aristocracia romana. São elas: Júlia Cornélia Paula, Júlia Aquília Severa, uma virgem vestal e Ânia Aurélia Faustina.

¹⁹ Conforme Campos (2017, p.384), é o plural de gentes. Nesse ínterim, constitui-se como um clã, na qual os membros dividiam o mesmo nome ou nome de família, o qual os vinculavam a um antepassado comum.

restou a Mesa planejar a adoção²⁰ e posterior ascensão de Severo Alexandre, o que foi feito, Alexandre se tornou filho adotivo de Heliogábalo²¹ aos 12 anos (Gonçalves, 2025, p.20-21).

Destarte, as articulações políticas de Mesa eram tidas como uma crise política e institucional²², o que vai influenciar em como Heliogábalo é representado nos escritos de sua época. Percebemos que a imagem negativa que é criado do imperador, entre muitos aspectos, também está atrelado a presença feminina marcante das mulheres em seu governo, levando Heliogábalo a uma posição de efeminado²³, tornando questionável sua governabilidade para os membros da aristocracia romana, principalmente o Senado.

O jovem *princeps* enfrentou a crise econômica que já vinha se estendendo e as guerras travadas nas fronteiras da parte oriental do Império, bem como o crescente descontentamento do Senado em relação às suas políticas administrativas, que incluíam a expansão de postos para membros das elites sírias ao Senado e a nomeação de escravos e libertos para cargos importantes. Todas essas questões resultaram na eliminação de Heliogábalo e de Júlia Soêmia pelos pretorianos, em 222 EC, que deram o poder a seu primo Severo Alexandre (Silva, 2021, p. 97; Gonçalves, 2020, p.243).

Para Sergio Rubio, Alexandre fez mudanças para se afastar da figura de Heliogábalo, principalmente dos seus comportamentos orientais (Rubio, 2014, p.4-5). Ele aparece como um contraponto ao imperador anterior, na qual o *princeps* retorna às tradições romanas, o que teria deixado satisfeita a elite de Roma. Por influência de Mesa e Mamea, se cercou de personalidades importantes no seu principado, como Domicio Ulpiano, nomeado prefeito do pretório por ele em 222. Alexandre iniciou uma série de reformas administrativas, econômicas

²⁰ Segundo Gonçalves (2025, p.21) prática regular na política romana, quando o homem não possuía herdeiros homens. Foi uma ferramenta útil para a manutenção familiar de inúmeras famílias aristocráticas.

²¹ Heliogábalo tinha 16 anos.

²² Mediante Gonçalves (2025, p.21), em outro episódio relatado Na Vida de Heliogábalo, na *História Augusta*, na primeira sessão senatorial de Heliogábalo como governante, ele teria exigido a presença de sua mãe Júlia Soêmia, que teria integrado as discussões do *senatus consulta*. Tal rompimento das tradições teria sido tão negativo aos olhos dos outros, que foi proibido nos governos seguintes.

²³ Segundo Ariel Garcia Corrêa (2019, p.18-19), Dião descreve que o imperador pintava os olhos, se prostituía imitando o jeito de uma mulher e também tinha a vontade de cortar fora seus órgãos genitais. Herodiano relata que as características afeminadas de Heliogábalo estavam presentes nas suas vestimentas, hábitos de se maquiar, seus colares de ouro e danças. Na visão de Silva (2021, p.111), tendo mulheres como conselheiras, sua avó Júlia Mesa e sua mãe Júlia Soêmia, o jovem imperador se aproxima ainda mais do que era tido como universo feminino, dependente e sem a *autoritas* que o cargo exigia. Acreditamos que os costumes sírios e as expressões de gênero de Heliogábalo iam contra o *mos maiorum*, assim seus detratores, que estavam vinculados a ordem senatorial, valeram de suas práticas consideradas desonrosas para firmar uma postura negativa do imperador, ou seja, um *pessimus princeps*.

e religiosas que iam de encontro com os interesses do Senado, pois voltaram a poder intervir diretamente na política imperial, com maior controle, ao mesmo tempo que diminuía os privilégios da ordem equestre e do exército.

De outra forma, a expedição militar no oriente durante sua administração desestabilizou o Império. Sem um sucesso expressivo, com grandes perdas no exército, o descontentamento das legiões provocou revoltas militares alocadas no Egito e na Síria. O avanço dos Persas e Alamanos, a dificuldade de organizar uma resposta militar rápida do imperador e um tesouro imperial debilitado devido à crise econômica, contribuíram para o declínio da popularidade dele. No bojo da situação, o *princeps* tentou por meio de negociações com os invasores contornar suas más decisões, o que foi visto como covardia pelos membros do exército, acentuando ainda mais a indignação por parte destes. Por consequência, Severo Alexandre e sua mãe foram eliminados em 235 EC, por ordem de um soldado de carreira e oriundo da família de pastores, chamado Maximino. Paulatinamente conquistou a afeição e lealdade dos soldados e pôs fim ao último imperador severiano. Maximino, iniciou uma nova era em Roma, denominado como “período da anarquia”, que não acabaria até a vinda de uma nova personalidade que fosse capaz de estabelecer uma nova dinastia e uma nova ordem política (Rubio, 2014, p. 7-9; Gonçalves, 2020, p. 243).

1.3 Uma Breve Bibliografia de Septímio Severo, Júlia Domna e Caracala

O nosso estudo exigiu explorar a vida das personalidades constatadas em nosso *corpus documental*, sendo eles os primeiros membros da dinastia dos Severos: Septímio Severo, Júlia Domna e Caracala. Ressaltamos que a necessidade surgiu devido a recorrência que estes três personagens históricos aparecem no anverso de nossas moedas catalogadas, apresentando representações e referências nas legendas epigráficas. Dessa maneira, nesta sessão iremos dispor breves bibliografias dos dois imperadores e da Imperatriz da dinastia dos Severos.

Como denota Ana Teresa Marques Gonçalves (2019, p.35), Lúcio Septímio Severo nasceu em 11 de abril de 145 EC, na importante região de Leptis Magna (ver mapa 1), situada no norte da África²⁴. Nas investigações de José María Blázquez Martínez (2001, p.1) a cidade

²⁴ Conforme Belchior Monteiro Lima Neto (2020, p.3-4), o nome da região se devia à existência de três cidades proeminentes, Lepcis, Oea e Sabrata. A cidade de Lepcis se transformou como um relevante entreposto comercial,

teria sido fundada pelos Fenícios e no século IV AEC era uma cidade tributária de Cartago, a capital dos púnicos. Posteriormente, foi elevada à condição de colônia romana no governo de Trajano (98-117 EC).



Mapa 1: Mapa das províncias e fronteiras romanas em meados do século II EC. Bibliografia: JONES, Rebecca. Scotland's African Emperor. **Historic Environment Scotland**, Escócia, 11 out. 2017. Disponível em: <https://blog.historicenvironment.scot/2017/10/scotlands-african-emperor/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

Os pais de Severo eram Públio Septímio Geta e Flúvia Pia, membros da *gens* Septímia. Além dele, tiveram outros dois filhos, a menina Octúvia e o menino Geta, o jovem. Assim, Severo era o mais velho dos três. O avô paterno e outros membros da família Septímia receberam diversas homenagens em Lepcis, por obras realizadas em prol do Império. Por

utilizando-se de seu território estratégico no Mediterrâneo Ocidental. Além disso, era um local de forte comercialização de toda uma rede de produtos vindos das caravanas subsaarianas, sendo próspera já no período do domínio cartaginês.

exemplo, seu avô também chamado Lúcio Septímio Severo, iniciou no cargo de equestre sob os Flávios, chegando até a posição senatorial no período Antonino (Gonçalves, 2020, p.35).

Como Antony Birley (2002, p.61) alega, desde cedo o futuro imperador desenvolvia suas habilidades em aprender latim e grego, bem como sua língua nativa: a púnica. No ano 162 EC, aos 16 anos terminou sua escolarização formal em Leptis. Brian Campbell (2005, p.4) salienta que incentivado pelos exemplos de sua família, como o de seus primos, que haviam ingressado na carreira senatorial, o jovem africano foi estudar em Roma. Logo após a sua chegada, recebeu do Imperador Marco Aurélio o *latus clavus*²⁵ a pedido de seu tio avô Caio Claudio Septímio Aper, que havia sido Cônsul recentemente.

A partir desse ponto, Ethan Calero Ortuño (2017, p.244) indica que Severo começou sua carreira em Roma, mais precisamente aos dezoito anos, ocupando um dos vinte cargos do *vigintivirato*²⁶ em 164 EC. Durante esse período, conviveu com homens importantes da elite romana e provincial, que mais tarde seriam personagens importantes de sua própria história como Clódio Albino, Pescênio Nigro e Dídio Juliano. Também procurou aprimorar seus talentos como orador, frequentando o círculo literário de Marco Cornélio Fronto, o orador latino mais célebre de sua época²⁷. Infelizmente, com a eclosão de uma peste trazida pelas legiões de Lúcio Vero em seu retorno do Oriente em 166 EC e a impossibilidade de entrar para o Senado até os 25 anos de idade, forçou Septímio a retornar à África por um tempo.

Em 169 EC, retorna em Roma e acaba por conquistar uma cadeira no Senado, tornando-se *vir clarissimus*²⁸. Ainda sob o governo de Marco Aurélio, Septímio ocupou a posição de questor, cuidando para que o suprimento de animais da África fosse mantido ativo, utilizando os contatos que tinha em Leptis. Em 170 EC, apesar de ter sido nomeado como governador assistente da Bética, não conseguiu exercer o cargo. Primeiro porque seu pai havia morrido, fazendo com que novamente voltasse para Leptis com a finalidade de sanar seus problemas

²⁵ Segundo, Alice Maria de Souza (2014, p.158-159) era uma faixa larga de púrpura utilizado verticalmente sobre a túnica, embaixo da toga. Durante a República era traje dos senadores membros do conselho. Com as reformas do imperador Augusto, passaram a ser adotados pelos jovens equestres vinculados à ordem senatorial.

²⁶ De acordo com José D'Encarnação (2007, p.) era o primeiro estágio do *cursus honorum* do homem público romano, podendo receber o título depois de passar por quatro colégios que incluíam algumas das seguintes funções: participar em ordens judiciais, auxiliar os magistrados judiciais, preparar metais para cunhagens de moedas e trabalhar na preservação da rede viária urbana.

²⁷ Aldo Dinucci revela também o fato de Marco Cornélio Fronto ter sido professor de retórica do imperador Marco Aurélio.

²⁸ Homem mais ilustre.

familiares e o segundo problema foi a invasão dos mauritanos no território da Bética (Birley, 2012, p.82; Ortuño, 2017, p. 245).

Joel Le Gall e Marcel Le Glay (1995, p.458) afirmam que Severo foi designado *Legatus pro Praetore* em 173 EC pelo seu tio Caio, que era procônsul da África. Na capital da província, Cartago, os dois se envolveram em atividades de cunho judicial. Nesse período, começou a chamar a atenção dos integrantes do *consilium principis*²⁹ de Marco Aurélio, sendo cogitado como um dos candidatos do *princeps* para ocupar o tribunate da plebe³⁰ a partir do ano 174 EC, o que de fato aconteceu. Em 175 se casa com Pacia Marciana com quem teve ao menos duas filhas, uma faleceu bebê e a outra também faleceu em tenra idade.

Em 177 EC recebe um novo cargo, o de Pretor na Hispânia Terraconensis, encaminhado pelo seu tio avô Caio, que naquele momento fazia parte do *consilium principis* de Marco Aurélio. Com a influência dele, Severo continuava a consolidar uma carreira de sucesso na vida pública. Nos anos posteriores se tornou tribuno e *legatus* militar na Síria e na Sicília, e como governador na Gália e na Panônia (Birley, 2012, p.90; Gonçalves, 2020, p.35).

Quando esteve na Síria, Severo consolidou uma relação política importante com Públio Hélvio Pértinax, governador da Província, o que vai implicar em sua demissão no ano 182 EC com a reforma administrativa de Cômodo, nos quais os dois são destituídos de seus cargos. Severo aproveita e inicia uma jornada para desenvolver mais conhecimento intelectual viajando para Atenas. Já como governador da Gália, Semíramis Corsi Silva, evidencia que Septímio se encontrava na condição de viúvo. No entanto, em 187 EC, casa-se com Júlia Domna, uma importante aristocrata de uma família rica ligada ao sacerdócio de Elagabal da cidade de Emesa, na Síria. Futuramente, tal matrimônio terá papel fundamental na dinâmica de seu governo como Imperador (Ortuño, 2017, p.246; Silva, 2018, p.40).

Como mostra Ortuño (2017, p.247) em 190 EC Septímio formou parte do colégio consular planejado por Cleandro. Assim, vemos um indício de como a corte de Cômodo o tinha como um cidadão leal e confiável. Na visão de Birley (2012, p.166), a partir de 191 EC se

²⁹ Carlos Eduardo da Costa Campos (2017, p.65), indica que se tratava de um conselho magisterial de orientadores com um teor semi-informal, como uma reunião de amigos. Tal conselho integrava personagens da esfera judicial e administrativa de notabilidade em Roma, aos quais o *princeps* consultava quando necessário.

³⁰ Segundo Campos (2017, p.75), instituição romana que a detinha a função de proteger os interesses da plebe, abrigando parte das magistraturas de Roma. Para o autor, o poder tribunício era uma investidura importante no principado, amostra disso é que quando um magistrado errava em seu dever, se sujeitava a ser processado por um tribunal da plebe, ou seja, seu poder era exterior ao *cursus honorum*.

iniciou inúmeras condições que permitiram o futuro jogo de legitimação necessário para se projetar como sucessor de Pertinax. Seu irmão Geta, foi nomeado governador da Moesia Inferior, assim como Mário Máximo, o futuro biógrafo dos Césares. Essas redes de relações e associados que Severo cultivou ao longo de sua trajetória, permitiu domínio de poder sobre as legiões danubianas, logo também dos senadores africanos em seu governo.

Septímio Severo chegou ao poder em 193 EC precedido por sua reputação de administrador enérgico, tenaz e íntegro, equipado de uma sólida formação jurídica e marcante sucesso militar. Aspectos que foram destaques no Império sob sua liderança, principalmente nas campanhas militares. Tendo como um dos de seus objetivos principais assegurar as fronteiras orientais, o *princeps* comandou a segunda guerra pártica e também a guerra da Bretanha. Além disso, a fim de inspecionar os territórios, ser visto pelo povo e tomar medidas administrativas, empreendeu viagens ao oriente, sempre acompanhado da Imperatriz Júlia Domna e seu filho mais velho Cacarala, passando por territórios como Egito, Síria, Palestina e Arábia. A partir da cultura material, também é percebida uma excursão de toda a *domus* imperial na África Proconsular. Especialmente na região nordeste da província, muitas cidades indígenas foram elevadas à condição de colônia romana por Severo (Gall e Glay, 1995, p.462; p.476-479).

Severo governou o Império Romano até 211 EC, ao morrer devido a complicações de sua doença, provavelmente da gota. De acordo com Barley (2012, p.144), a enfermidade já o assolava a algum tempo, tendo em vista que houve situações em que Severo se recusou a comparecer a celebração de triunfo do Senado, devido a sintomas da doença, impossibilitando-o de se levantar na carruagem triunfal. Segundo Dião Cássio as últimas palavras do Imperador teria sido um conselho a seus filhos Caracala e Geta, que exerceriam o comando imperial de forma colegiada: “Sejam harmoniosos, enriqueçam os soldados e desprezem todos os outros homens” (*História Romana*, LXXVII, 15, 2).

No que tange a sua esposa Júlia Domna, Silva (2028, p.35) a apresenta como sendo filha de Caio Júlio Bassiano, alto-sacerdote da divindade solar Elagabal em Emesa, na província da Síria. É possível aferir que a família havia recebido cidadania romana e atrelada à importante *gens Iulia*. Dessa forma, provavelmente membros da família de Júlia Domna haviam recebido cidadania romana na época de Júlio César ou dos primeiros imperadores Júlio-claudianos.

Emesa fez parte do Império Selêucida até o seu declínio, fragmentando-se como outros reinos árabes da região. No entanto, antes disso, a região integrou parte do Império Persa. Através da arqueologia é constatado uma mistura de fortes influências semíticas e das culturas mesopotâmicas. No contexto romano imperial, a população de Emesa soube negociar com os poderes realizando casamentos como mecanismo de alianças, tornando-se parte da província romana da Síria no governo do imperador Domiciano (81-96 EC) (Silva, 2018, p.37-38).

Segundo Consuelo Isabel Caravaca Guerrero (2014, p.26), Julia Casa-se com Septímio Severo por volta de seus 15 anos. Para Silva (2018, p.40), a ligação das elites provinciais com o poder de Roma balizou as mulheres como elemento primordial para ascender no governo imperial por meio dos matrimônios, incluindo a família de Júlia, ao promover o estreitamento de laços com os romanos.

Na perspectiva de María José Hidalgo De La Vega (2012, p.159), Júlia Domna exerceu uma ação política poderosa no Império, sendo a mais influente entre as imperatrizes romanas. Ela fez com que sua irmã Júlia Mesa e seu cunhado Julio Avitu fossem transferidos à corte. Avitu chegou a alcançar o posto de senador ainda sob os severos. Em 197 EC assumiu o título de *Mater Caesaris* e *Mater Imperatoris Destinati*³¹. No governo de seu filho Caracala é perceptível o poder político de forma mais visível. Ela sempre o acompanhava em viagens e campanhas militares, o que lhe rendeu o título de *mater castrorum*³², que aparece em moedas cunhadas em roma. Hidalgo de La Vega aponta que tal título expressava que as tropas estariam sob a proteção da imperatriz e que ela por sua vez seria protegida pelo exército (2012, p.140-141).

Nessa questão, Silva (2018, p.41) vê a participação de Júlia no cuidado das correspondências e petições de Caracala, atendendo homens importantes em recepções públicas

³¹ Mãe do César e mãe do imperador destinado respectivamente. Pedro David Conesa Navarro (2019, p.85), aponta que quando Caracala no ano de 196 EC, assumiu o nome de Marco Aurélio Antonino e foi proclamado César após a eliminação de Albino, ela foi nomeada *Mater Cesaris*, o que evidenciava sua condição de mãe do herdeiro imperial. O mesmo ocorre em 197 EC, quando passa a usufruir o título de *Mater Imperatoris destinati*. Em 198 EC, Caracala foi proclamado Augusto, enquanto Geta foi proclamado César. Perante essa nova situação, ela passou a ostentar o título de *Mater Augusti et Mater Caesaris* (Mãe do Augusto e mãe do César).

³² Significa mãe dos acampamentos. Conforme Navarro (2019, p.75; p.80), tal título foi dado primeiramente à Faustina, a jovem, esposa de Marco Aurélio no final de sua vida. Domna recebe o título em vida por Septímio Severo, sendo uma das mais importantes que ela recebeu. O autor enfatiza que se procurava reafirmar a estabilidade dinástica, que só seria viável através da união do exército e da própria dinastia. Criava-se, portanto, uma maternidade institucional. Observamos então que *Mater Castrorum* figurava como um título propagandístico reforçando a imagem da imperatriz como protetora e figura materna das legiões romanas.

e mediando nomeação de membros da elite a cargos públicos e ao mesmo tempo exercendo a função de conselheira do filho imperador em assuntos políticos. Ainda no governo de seu marido, Júlia havia passado por uma turbulência política. Hidalgo de La Vega (2012, p.142-143) mostra que o prefeito do pretório, Caio Fúlvio Plautiano, descontente com a ascensão pública da imperatriz, alegou um suposto adultério³³ de Júlia para Severo, o que a retirou da vida pública em 200 EC. No entanto, em 205 EC, Plautiano acusado de traição é executado e dessa maneira Júlia recupera sua influência e visibilidade no império.

Há indícios de que uma das atuações mais relevantes de Júlia Domna tenha sido a de patronar intelectuais, pessoas aos quais ela auxiliou a consolidar alianças com Septímio Severo e Caracala. Mediante o sofista e biógrafo contemporâneo dos Severos chamado Filóstrato, Silva (2018, p.42; p.44) enfatiza a existência de um círculo de pessoas ligadas à imperatriz que sanava seus interesses por questões literárias e filosóficas, o que a fez ficar próxima desses intelectuais. Nesse ínterim, Hidalgo de La Vega (2012, p.144) destaca a concessão à cadeira de retórica em Atenas para Filisco da Tessália³⁴ por parte de Júlia, algo que até então era uma escolha apenas dos imperadores.

Ademais, Hidalgo de La Vega (2012, p.149) evidencia que Júlia Domna foi a primeira mulher a estudar retórica desde Cornélia, mãe dos Gracos, algo inédito no Principado. É claro que outras mulheres também desempenharam um papel cultural ativo na corte imperial e que inclusive foram criticadas com maior ou menor grau pelos autores de sua época. Para a autora (2012, p.153), as representações destas mulheres nos textos literários como virtuosas se davam quando elas exerciam sua influência cultural e política de maneira tradicional, promovendo os valores e princípios tipicamente romanos sem alterar a ordem social vigente, como Otávia, Antonia e Lúcia. Por outro lado, eram consideradas infames quando ousavam exercer um poder político autônomo, que simbolicamente, subvertia o que havia sido construído pelos

³³ Daría Saavedra-Guerrero (2009, p.258) destaca o adultério como um crime de alta traição, levando a pessoa à pena capital. Sobre a acusação de Plautiano contra Júlia Domna, Rafael González Fernández e Navarro (2014, p. 42), indicam que foi mal fundamentada. A imperatriz foi absolvida, mesmo o prefeito do pretório tentando a todo custo provar a sua tese, chegando até mesmo utilizar métodos de tortura com mulheres livres a fim de obter evidências contra Júlia, o que aparentemente não ocorreu.

³⁴ Glen Warren Bowersock (1969, p.10), elucida que foi um sofista ativo que aproximou-se da corte imperial durante a dinastia dos Severos, provavelmente integrando o círculo social de Júlia Domna. Além disso, a partir de achados epigráficos, Filisco pode ter sido professor de retórica e procurador (cargo administrativo) na região da Tessália.

imperadores, alterando de forma perigosa a ordem estabelecida e as diferenças de gênero, como é o caso de Agripina Menor, Messalina e Domícia Longina.

Dessa forma, Júlia Domna rompe com ambas as tradições. A imperatriz combinou seus desejos culturais e políticos e boas relações com os membros da ordem senatorial, possibilitando que não sofresse tantas críticas por parte de escritores como Dião Cássio, este escreve até mesmo que tinha uma certa simpatia por ela. Por essa postura Júlia alcançou o status de a grande matriarca da dinastia dos Severos e ao mesmo tempo estabelecia o status de patrona dos intelectuais e filósofos (Hidalgo de La Vega, 2012, p.154).

Vemos que Júlia soube se aproximar bem da cultura greco-romana, mesmo que sua cultura siríaca permanecesse de alguma forma no seu cotidiano. Entre as poucas críticas que recaem sobre a imperatriz é justamente essa, o de seu uso da cultura siríaca, o que indica para uma provável manutenção de tradições de sua cidade natal, Emesa. Para Silva (2018, p.50-51), tais intelectuais como Filóstrato tiveram papel importante nessa imagem greco-romana de Júlia, a apresentando como uma leitora de sofistas gregos na sua obra *Vida de Apolônio de Tiana*.

Após a morte de seu marido, Júlia se vê em meio aos conflitos de seus filhos, Geta e Caracala. Essa rivalidade vai culminar no assassinato de Geta pelas mãos de seu próprio irmão e Júlia provavelmente assiste a cena do crime. Quando Macrino assassinou Caracala em 217 EC, Júlia se encontrava em Antioquia. Na versão de Dião, Júlia teria morrido de um tumor no seio já antigo que se agravou devido a notícia da morte do filho. Já Herodiano relata que ela teria se suicidado após receber de Macrino as cinzas de Caracala para que fossem concretizados os ritos fúnebres. Sendo uma delas a possível causa de sua morte, fato é que Macrino não deixaria Júlia Domna sobreviver e ademais obrigou a família de Júlia, incluindo sua irmã Júlia Mesa, de volta a Emesa (Hidalgo de La Vega, 2012, p.145-146; Silva, 2018, p.51).

Segundo Gonçalves (2020, p.102-103), o filho mais velho de Septímio e Júlia, Caracala ou mais precisamente Lúcio Septímio Bassiano nasceu em 188 EC na cidade de *Lugdunum*, na Gália. Foi nomeado Marco Aurélio Antonino quando se tornou César em 195 EC, como forma de relacionar a família Septímia à família dos Antoninos, após o pai se autodeclarar filho do imperador Marco Aurélio. Na tradição, Antonino ficou conhecido como Caracala devido a uma longa túnica de mesmo nome, que descia até os calcanhares e que ele usava com frequência. Em 198 EC foi elevado a Augusto e em 202 EC casou-se com Púbia Fúlvia Plautila, filha do prefeito do pretório, Plautiano.

Seu irmão mais novo, Públio Sétimo Geta, nasceu em Mediolanum na Itália em 189 EC. Geta passou a integrar a linha sucessória com Caracala e de fato governou por um ano até seu assassinato posteriormente. Sobre a relação de Caracala com Geta, Gonçalves detalha que desde a infância os dois irmãos não se entendiam. Severo sabendo disso procurava unir os irmãos, desejando que governassem juntos, seguindo o exemplo de Marco Aurélio e Lúcio Vero. O imperador tentou através das campanhas militares, como na Bretanha, integrar os irmãos e acalmar seus ânimos. Um elemento que pode ter fomentado a inimizade dos dois, poderia ter sido as facções políticas que geravam discórdias entre os dois herdeiros, aqueles que apoiavam Antonino e outros que apoiavam Geta (Gonçalves, 2020, p.103; p.107-108).

Cristiano Rodrigues de Souza (2012, p.8) mostra que quando Caracala e Geta retornavam com os restos funerários de seu pai falecido da campanha da Bretanha, transcorreu o funeral público de Severo e, por fim, sua apoteose. Eles discordavam tanto que cogitaram em dividir a administração do império, todavia foram impedidos de levarem este plano à força por Júlia Domna. Após a morte de Geta, validado pelo Senado, Caracala decreta a *damnatio memoriae* do irmão (Gonçalves, 2020, p. 109).

Para Alejandro Bancalari Malina (2000, p.385-388), Caracala decreta uma das reformas políticas, administrativas e jurídicas mais relevantes do mundo romano em 212 EC: a Constituição Antonina, que concedia a cidadania romana a todos os homens livres do Império. Ao promulgar essa lei, Caracala tomou como modelo político, militar e imperial a imagem de Alexandre, o Grande, tendo em vista que era um admirador dos gestos e das ações do macedônio, chegando a adotar o título de *Magnus*. Ele se propôs explicitamente como objetivo próprio fazer com que todos os habitantes do Império, até aqueles que não possuíam a cidadania romana, participassem de um agradecimento universal por ter sobrevivido ao atentado de seu irmão. Dessa forma, a concessão da *civitas romana* eclode como premissa de uma *supplicatio* universal, nos moldes da imagem de Alexandre.

No entanto, não impede Caracala de ter o mesmo fim dramático de seu irmão. A mando de Macrino, é assassinado em 217 EC. Silva (2018, p.41) marca o legado do *princeps* a de um mau governante segundo os textos de Dião Cássio e Herodiano. Tais autores revelam que ele cometia assassinatos de homens da elite sem justificativa, falsidade com amigos, perseguição aos filósofos, ambição desmedida por dinheiro, nomeação de homens sem *cursus honorum* entre outras ações que o colocaram na categoria de *pessimus princeps*.

Diante do exposto neste capítulo, observamos os Severos como uma dinastía importante para a história de Roma. Ao levantar aspectos sobre como se deu o processo de firmamento da *gens* Septimia no cargo imperial, começando com Septímio Severo e indo até Severo Alexandre, vemos que os imperadores souberam lidar, em maior ou menor grau, com as adversidades do império. Além disso, se valeram das instituições consolidadas como o Senado, para ampliar e manter poder por meio dos aparatos burocráticos, como a lei célebre de Caracala, a *Constitutio Antoniniana*. Frisamos também o elemento de gênero forte baixo os severos, colocando as “Júlias” como relevantes personagens nas tramas políticas da dinastia.

Por fim ressaltamos a identidade étnica dos severos, isto é, imperadores e uma imperatriz com componentes africanos e sírios, rompendo com visões eurocêntricas que tendem muitas vezes a recair sobre o império romano. A dinastia dos Severos revela a pluralidade cultural de um império tão extenso territorialmente, e que as identidades étnicas e culturais se mesclavam com o poder estabelecido por Roma. Septímio Severo ascendeu ao poder, em grande medida por conta da sua posição social, ou seja, pertencia a uma *gens* proeminente no norte da África. Júlia Domna por sua vez, pertencia a uma importante família aristocrata no oriente, e teve sua inserção no alto posto da hierarquia romana através do seu matrimônio com Severo. Desse modo, percebemos que as articulações políticas da elite romana não estavam restritas a Roma, mas que elas se estendiam as províncias, permitindo que pessoas como Septímio e Domna conquistassem suas aspirações políticas.

CAP 2 - NUMISMÁTICA E A PESQUISA HISTÓRICA

2.1 A Cultura Material nas Pesquisas Históricas

Em um primeiro momento cabe destacar, mediante José D' Assunção Barros (2009, p. 6-7), que a cultura material está intrinsecamente associada às práticas arqueológicas, inserido na comunidade dos historiadores. O papel da arqueologia está na sua capacidade de empregar métodos específicos para levantar fontes materiais e dados empíricos sobre os quais nos permite elucidar determinado aspecto que pode ser o da História da Cultura Material³⁵.

Marcelo Rede enfatiza que a materialidade dos artefatos arqueológicos não está fora do fenômeno social, ao contrário, ela compõe tal dimensão junto com as ideias e relações sociais. Dessa forma, o objeto material é passível de ser analisado enquanto documento histórico, pois ela surge a partir de um contexto de produção situado no tempo e espaço. Rede aprofunda a discussão ao apontar que o objeto perde e incorpora características, pois pela sua própria materialidade atravessam contextos culturais variados e sucessivos, sofrendo reinserções e configurações. Sendo assim, para a pesquisa histórica a Cultura Material é um campo de extrema contribuição, em que expressa inúmeras dinâmicas da sociedade humana (Rede, 1996, p. 274; p.276).

Nesse sentido, em nossa análise as pesquisas por meio da cultura material não devem pautar a sua superioridade ou a negligência dos documentos literários, mas uma combinação entre as duas possibilidades de fontes, fazendo cruzamentos entre elas a fim de sanar lacunas que aparecem no meio do caminho da investigação historiográfica. Em relação a isso, através do estudo de Thomas Williamson, Rede (1996, p.277) incentiva a concentração de análise nos artefatos, em seu contexto social, econômico e topográfico por meio de seus aspectos arqueológicos, mas também iconográficos, cartográficos e textuais.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1983, p.114-115; p.117), demonstra que tais estudos têm tido efeito na historiografia. Um de seus levantamentos é a questão das análises espaciais, que com efeito questiona o conteúdo espacial da ação humana, principalmente no que tange ao

³⁵ Na visão de Barros (2009, p.4) a História da Cultura Material é um campo historiográfico que se preocupa com a esfera da vida material do homem, incluindo os objetos e materiais que formam a base desta cultura material que é socializada e organizada nas sociedades ao longo da História.

comportamento cultural. Também o seu caráter de território e territorialidade, passando pelos estudos de concentração de assentamentos e construção de pontos, redes e hierarquias de estruturas de assentamentos. Neste caso, tal paradigma tem aberto lugar para a chamada arqueologia industrial, que aparece com o surgimento das novas organizações de espaço no contexto da Revolução Industrial. Estes são alguns dos exemplos que evidenciam o potencial da cultura material na verificação de informação, que podem ir desde a Pré-História até nossa contemporaneidade.

Renata Senna Garraffoni (2013, p.224), contribui com o debate ao abordar a cultura material e suas interpretações no cenário greco-romano. Para a autora, a Arqueologia é uma epistemologia independente e assim perpassa pela subjetividade daquele que conceitua sua pesquisa. Por isso a cultura material é polissêmica, ela pode ter tido diversas utilidades no passado e pode servir de referência para os discursos dos arqueólogos no presente. Dessa forma, para que possa ser compreendida em sua complexidade requer que o pesquisador entenda o que é o artefato e precisa observar o que foi interpretado por estudiosos que o exploraram.

Pedro Abreu Paulo Funari (2010, p.90-91; p.93) destaca que as fontes arqueológicas passaram a ser parte integrante da pesquisa histórica desde os movimentos historiográficos do século XX, como a Escola dos *Annales*, constituindo uma corrente contra os discursos positivistas ao ampliar significativamente as fontes para além do texto e dos arquivos. Interessados no cotidiano, como brinquedos de crianças, artefatos femininos, edifícios hospitalares, tudo passou a ser objeto de estudo para os historiadores, aumentando o número de atores sociais, estando entre estes grupos indivíduos subalternos que até então eram marginalizados pela historiografia mais tradicional.

Funari (2010, p.97-98) afirma que o estudo da literatura aliado à análise dos artefatos materiais é fundamental, tendo em vista que podemos nos deparar com sociedades que transmitem seus vestígios através da cultura material e não da escrita. O autor exemplifica isso ao trazer à tona o caso da historiadora espanhola Inês Sastre, que detectou a diferenciação de status entre os habitantes de uma comunidade castreja, que naquele momento era um assentamento pré-romano. A conquista dos romanos no território ibérico acentuou essas diferenças e implicou no surgimento de uma elite articulada aos interesses imperiais e locais. Sastre mapeou que essa preocupação estratégica estava marcada nas fontes literárias romanas. Nesse sentido, as fontes arqueológicas contribuíram para a convicção de que foram criadas

construções para armazenar, controlar e distribuir alimentos por parte da elite nativa e o aparecimento de segmentos empobrecidos em regiões menos férteis da antiga comunidade celta.

Mesmo em sociedades que utilizam a escrita, ainda pode coexistir uma grande parte da população que é iletrada, estando na maioria das vezes ausentes nas fontes escritas e sendo representados negativamente por aqueles que os descreveram. Assim, as fontes arqueológicas ajudam a entender melhor os processos históricos, explorando as diferenças e contradições entre as fontes literárias e arquivísticas (Funari, 2010, p.100).

Ademais, Funari juntamente com Aline Vieira Carvalho (2009, p.7) ressaltam que o uso da cultura material pode ser diferente das expectativas criadas pelos pesquisadores. A cultura material é formada conforme a intencionalidade, logo é concebida, materializada e utilizada dentro de determinadas sociedades e dessa forma pode ser interpretada para o entendimento da estrutura social das regras culturais. Tais leituras são desenvolvidas pela Arqueologia, que busca entender as relações sociais e as transformações da sociedade por meio da cultura material.

Airan dos Santos Borges e Carlos Eduardo da Costa Campos (2020, p. 24-25) percebem na cultura material como uma excelente oportunidade para o ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere ao ensino de História Antiga. Os autores evidenciam que os objetos possibilitam indagações sobre o passado e abrem novos tópicos de estudos no que tange a relações de poder, conflitos, conflitos sociais entre outros. Essa visão permite que os objetos materiais provenientes dos sítios arqueológicos, dos acervos museológicos e de suas interações com os espaços contemporâneos, ofereçam base para o desenvolvimento sociopolítico do universo greco-romano enquanto fenômeno histórico. A aliança da História da Cultura Material, a Arqueologia e o Ensino de História podem ter resultados efetivos nas criações de novas estratégias para o ensino-aprendizagem.

Borges e Campos (2020, p.24), pontuam que a produção material amplia as perspectivas para além dos textos oficiais. Na realidade romana, por exemplo, isolar os vestígios materiais é colocar unicamente as legislações imperiais como o cerne dos questionamentos. Nesse âmbito, somente os escritos não contemplam todas as possibilidades de interpretação de um dado contexto. A cultura material reflete a vivência dos espaços, dos embates de grupos, da vida do cotidiano e a pluralidade de maneiras de ser e agir nos tempos e nos espaços. Dessa forma,

acreditamos que a cultura material é uma ferramenta de análise extremamente útil em nossas pesquisas. Em nosso caso, tendo as moedas romanas como objeto de estudo, a notamos como sendo um vestígio material que estavam no seio das sociedades antigas, perpetuadas por diversas esferas da sociedade romana, portanto um suporte valioso para adentrar e investigar as estruturas políticas, sociais e culturais do mundo romano.

2.2 A Numismática Romana como Fonte Histórica

Segundo Claudio Umpierre Carlan e Pedro Paulo Abreu Funari (2012, p.13; p.20), a moeda é caracterizada pelas seguintes características: um objeto metálico circular, indica um valor monetário e em um nível mais abrangente refere-se ao dinheiro, ou seja, um sistema de equivalência que tem por finalidade expressar os preços das coisas. Além disso, constitui parte de uma série, é um exemplar em tudo similar aos outros exemplares da mesma moeda. A moeda deve deter um emblema, símbolo ou assinatura de um poder político emissor e assegurador do seu valor, podendo ser uma cidade, uma confederação, um rei.

Na assertiva de Carlos Eduardo da Costa Campos (2018, p.369), a numismática³⁶ na Antiguidade carece de um estudo a partir do viés de que ela atua como um conhecimento sobre os objetos metálicos, refletindo características gravadas na cunhagem³⁷ como valores econômicos, circulação e a comunicação que divulgam para as sociedades antigas. Em vista disso, Carlan e Funari (2012, p.63) apontam que a análise da numismática na Antiguidade perpassa por questões relacionadas a sua produção, os grupos que cunhavam as moedas e sua importância política, econômica, social e religiosa. Ao levar essas informações em consideração

³⁶ Em nossa pesquisa o foco será a moeda romana, no entanto ressaltamos que a numismática enquanto disciplina contempla outros objetos materiais, incluindo cédulas, selos, medalhas, carimbos, fichas, entre outros e seus estudos em diversas temporalidades. Também atualmente esse campo de pesquisa tem sido estendido para outros objetos de filatelia como cartões telefônicos e criptomoedas, passando a ser artefatos de pesquisa por historiadores e numismatas.

³⁷ A partir de Álvaro da Veiga Coimbra (1957, p.524-525) entendemos a cunhagem como o produto final de um processo de configuração física da moeda, principalmente no que tange ao molde da peça. Além disso, consideramos os aspectos imagéticos da moeda como pertencentes a essa configuração, como as gravações de bustos, emblemas, símbolos e legendas inseridas durante seu processo de produção. O pesquisador Christopher Howgego (1995, p.24; p.26) indica que as cunhagens eram produzidas a partir da extração de metais como ouro e prata nas minas. Também podiam ser gerados por meio do derretimento de artefatos, tais como estátuas de culto, oferendas, coroas, vasos, móveis, ornamentos arquitetônicos e lingotes. A casa de cunhagem era o lugar que a moeda era feita por meio de um disco metálico entre dois cunhos gravados: o reverso fixado em uma punção e o anverso fixado em uma bigorna.

será possível estabelecer métodos de análise dos aversos e reversos monetários, nomenclaturas científicas específicas para a peça monetária e o levantamento do contexto arqueológico de produção do artefato.

Conforme Campos (2018, p.369-370; p.379-380) o método de análise deve levar em consideração o fator interdisciplinar, pois a numismática dialoga com outras áreas de conhecimento como a história, a meteorologia, a epigrafia, a filologia, iconografia, economia, política e outros campos do saber que podem ser consultados. Para tanto, na historiografia é necessário a sistematização do corpo documental. Isso pode ser feito através da construção de um catálogo numismático formado por pranchas de análise. A prancha precisa conter informações como a imagem da moeda, inscrições epigráficas e características físicas como o tipo de moeda, período, território e o material que compõe a peça.

Sobre a divisão da numismática na Antiguidade, Hubert Frère (1984, p.87) declara que as moedas antigas se referem fundamentalmente aos exemplares gregos e romanos, bem como o das comunidades influenciadas pelos gregos e pelos romanos, tais como celtas, etruscos, púnicas. Nesse sentido, as cunhagens do império também integravam as moedas das colônias romanas e das populações conquistadas ou aliadas. Além disso, as moedas gregas no período romano, inclusive nas cidades, emitiram uma produção vasta e diversificada de moedas.

Campos (2018, p.371-373; p.376-377) indica que a inserção das moedas em Roma ocorreu no final do século IV e a partir do século III A.E.C., no período da República Romana, adotando o sistema de cunhagem por meio de contatos culturais com gregos³⁸ e etruscos. O uso da moeda então passou a integrar o mundo romano expressivamente após a Segunda Púnica, provavelmente pela facilidade de trocas que um tipo de metal é capaz de fornecer no processo de expansão romana no mediterrâneo. As peças eram produzidas em larga escala a partir de um protótipo estabelecido, visando sua potencialidade de troca e durabilidade comercial. O processo de cunhagem romano passou por diversas fases ao longo da república e do império, fornecendo um vasto acervo documental numismático que pode ser constatado em vários territórios sob o comando de Roma. Tais moedas eram utilizadas como meio de trocas por diversos produtos como artigos de luxo, cotidianos, itens agrícolas e alimentícios, bem como

³⁸ Segundo Paula de Jesus Aranha (2016, p.114; p.117), as primeiras moedas como conhecemos foram emitidas no antigo reino da Lídia, localizado hoje na atual Turquia na segunda metade do século VII AEC. Posteriormente, as cidades gregas da Jônia também fizeram suas cunhagens. A partir das emissões gregas, a difusão e uso da moeda passou a se expandir por todo o mediterrâneo antigo.

na cobrança de impostos, pagamentos dos soldados, créditos e pagamentos de jogos envolvendo prática de prostituição. Dessa maneira a moeda romana atendia a função de ser um artefato de troca extremamente útil, por conceber esses aspectos: agilidade em seu transporte, projetar valor para o objeto, reservar valor servindo assim como expressão de riqueza, dispositivo de pagamento para objetivos sagrados e por fim disseminar ideologias, imagens e valores das autoridades locais.

João Carlos Furlani no trabalho “*As moedas romanas e os estudos numismáticos contemporâneos*” (2020) expõe alguns apontamentos sobre a análise da numismática romana apoiado nas ideias de Fleur Kemmers. Furlani (2020, p.221-222) aponta que as cunhagens romanas, principalmente no período imperial, serviram como um mecanismo de visibilidade política do imperador e sua família, dado que as moedas chegavam até os espaços mais remotos do império, o que facilitava a consolidação e o asseguramento de autoridade dos líderes políticos locais e do *princeps*. A responsabilidade da produção, escolha de símbolos, quantidade e distribuição poderia ser do Senado, imperador, um conselho local ou um magistrado. Nesse ínterim, incidia sobre o imperador, juntos com seus súditos, decidir os emblemas que estariam contidos nas moedas, abrindo portas para diversas representações autodeterminadas e aparentes que contemplavam o público, o oficial e as identidades. Essas representações traziam muitas vezes deuses, soberanos, locais e práticas sagradas, templos, altares, monumentos e sacrifícios.

Sobre a expansão das moedas romanas, Howgego (1995, p.56; p.58) evidencia que as cunhagens das cidades regionais sofreram influência do poder romano à medida que assimilavam suas características. Como exemplo, o autor traça a moeda cívica da ilha de Chios na Grécia que sofreu alterações com a expansão romana, refletindo a expressiva prática de imperialismo³⁹ na região. Por outro lado, o autor aponta para o fato de cidades no oriente terem mais liberdade nas decisões de produção das suas moedas até o final do século III EC. Embora houvesse algum grau de assimilação, as tradições gregas orientais foram, em sua maioria, mantidas, ressignificadas e até mesmo criadas pelas *poleis*.

³⁹ Campos (2013, p.46) aparaado nos conceitos de Edward Said através da obra “*Cultura e Imperialismo*” (1995), percebe o imperialismo como possuindo uma pluralidade de elementos aplicáveis na Antiguidade, mesmo que esteja fortemente atrelado a contemporaneidade. As ações imperialistas consistem na busca pela soberania para além da esfera local e fronteira, ou seja, adentra no âmbito universal, fomentando práticas de conquista e preservação dos domínios de outros territórios. Dessa forma pontuamos que o imperialismo romano mecanizou práticas expansionistas, de forma ativa ou potencial, para integrar novas regiões às suas posses.

As moedas romanas apresentavam aspecto político desde sua adição em Roma, pois as decisões dos tipos de moedas figuravam representações dos eventos e de indivíduos importantes. A inclusão do retrato nas cunhagens iniciou em 54 AEC e se atenuou com Júlio César (100-44 AEC), sendo o primeiro a inserir seu rosto nas moedas, rapidamente se tornando um elemento marcante na cunhagem. Desde o governo de Augusto os temas imperiais ocuparam a cunhagem. Com a progressão do Principado, a tendência era dar maior atenção às faces militares. Porém, continuava uma variabilidade dos tipos de moedas até o século IV EC (Howgego, 1995, p.67-68).

Outrossim Howgego (1995, p.72; p.74-75), retoma o elemento político das moedas romanas, demonstrando que sua produção e circulação era carregada de aspectos discursivos atrelados às ações públicas dos imperadores, como é o caso de Nerva (30-98 EC) que distribuía dinheiro ao povo, de milho para a plebe urbana, a remoção do imposto imperial para determinados territórios do império entre outros. Sobre a recepção das cunhagens pelos romanos é visto que tais objetos desempenhavam um papel importante na divulgação imperial, plasmando símbolos do poder como os retratos imperiais que impactaram no estilo de vida das pessoas, a exemplo citamos o modelo de penteados imperiais que passaram a ser reproduzidos pela população. Além disso, símbolos familiares como o capricórnio⁴⁰ ou específicos como a coroa cívica⁴¹ estavam presentes nos utensílios, tais como móveis, revestimentos de argila, telhas e monumentos funerários. Logo a aceitação da moeda era fortemente assimilada, pois continham insígnias de apelo popular, o que permitia a inserção dos discursos imperiais no âmbito privado da sociedade romana.

Em outra perspectiva, as cunhagens do império constituíam legitimidade ao imperador por sua descendência e realizações, sendo um tema recorrente nas moedas. Elas transmitiam uma mensagem clara sobre a esfera de poder e sucessão imperial. Nesse íterim, podemos observar os denários cunhados em 12 AEC no governo de Augusto, que constam o retrato de Augusto de um lado e o de Agripa do outro, evidenciado a figura dos dois na mesma proporção de relevância. O objetivo era reafirmar a mensagem dinástica e dar uma base de legitimação

⁴⁰ Segundo Natália Frazão José (2020, p.55), o capricórnio era vinculado a Rômulo e à liberdade política, como aparece na Eneida, de Virgílio ou no Altar da Paz de Augusto. Ademais, capricórnio pode significar sorte ou, como os romanos a chamavam, Fortuna.

⁴¹ Campos (2017, p.83) denota que a coroa cívica era tida como uma das mais prestigiadas condecorações militares que um cidadão romano poderia receber. No contexto do Principado de Augusto, em 27 AEC tal insígnia foi conferida ao imperador, o tornando um cidadão vitorioso que foi capaz de salvar os romanos da desordem.

através do discurso usando como suporte as moedas. Tal era a finalidade que em outros tipos aparecia Augusto e Agripa sentados lado a lado na tribuna e sua filha Júlia sob uma coroa cívica acompanhada pelos retratos do neto de Augusto, Gaio e Lúcio (Howgego, 1995, p.81).

A esse respeito Campos (2017, p.295-296) dispõe que certos temas eram habituais nas cunhagens, como os deuses e heróis, os colégios sacerdotais, a legitimidade e a sucessão e imagens imperiais. O uso de deuses e heróis estava associado à ideia de ratificar a preponderância social por meio do consentimento do sagrado e dos colégios sacerdotais conferia um privilégio social e uma manifestação de autoridade junto ao divino ao se inserir na esfera sacerdotal. A sucessão do poder deveria ser comunicada a várias regiões, por isso a linguagem monetária da moeda transmitia que o sucessor estava capacitado para prosseguir com manutenção da ordem social e sobrenatural para o público. Os símbolos imperiais nas moedas projetavam a concepção do direito romano de governar o mundo e tais emblemas de poder figuravam a retórica de subjugação do outro.

Como abordado, as moedas romanas desempenharam uma função primordial nas articulações discursivas que entre muitas faces buscavam legitimar o poder dos líderes romanos, principalmente no contexto do Principado. Desse modo, constatamos que tais cunhagens são um canal oportuno para compreender as dinâmicas políticas da Antiguidade, proporcionando análises sobre identidade, legitimação, poder, sucessão, entre outros na conjuntura da República e no Principado romano.

2.3 *Corpus Documental* e Metodologia de Pesquisa em Numismática pelo Laboratório ATRIVM UFMS

Segundo o próprio site do *American Numismatic Society* (2025)⁴², os administradores do banco de dados digital são oriundos desta organização de mesmo nome fundada em 1858. O objetivo da instituição é promover o estudo e pesquisa da numismática. O site em questão detém um acervo permanente de mais de 800.000 moedas, objetos monetários, medalhas e outros itens datados desde 2000 AEC. Além disso, possui uma biblioteca especializada com aproximadamente 100.000 livros, documentos e artefatos, compondo uma das mais amplas

⁴² Disponível em: <https://numismatics.org/> Acessado em: 08/11/2025.

coleções de numismática no mundo. A sociedade é referência no desenvolvimento de recursos numismáticos digitais e é uma das maiores editoras de pesquisa numismática acadêmica em atuação.

De acordo com Andrew Reinhard, Peter van Alfen, Gilles Bransbourg e Ethan Gruber (2017, p.8), a ANS⁴³ foi um dos primeiros museus dos Estados Unidos a pensar em um banco digital de numismática no início dos anos de 1980. Já na década de 1990 foi inaugurado o sistema *Prime Information*, precursor do atual *MANTIS*⁴⁴ (2025), o catálogo online das coleções numismáticas da ANS. Durante os anos 2000, a ANS buscou desenvolver publicações digitais independentes. No entanto, foi em 2008, por meio dos esforços de Andrew Meadows juntamente com Sebastian Heath, que a sociedade começou a fortalecer de modo mais sólido os espaços digitais numismáticos ainda não explorados. Assim, ao longo dos últimos anos a ANS se consolidou como uma instituição de pioneirismo digital no que concerne aos estudos numismáticos, abrangendo três grandes acervos: a *MANTIS* (coleções), *DONUM* (biblioteca) e *ARCHER* (arquivos).

A *MANTIS*, acervo o qual nos interessa, uma vez que aloca digitalmente os artefatos numismáticos, agrega moedas categorizadas em Gregas, Romanas, Bizantinas, Islâmicas, medievais e Modernas, bem como moedas da região do Leste Asiático e Sul da Ásia e sessões para moedas norte-americanas e latino-americanas e uma sessão específica para medalhas e condecorações. Em nossa pesquisa, nos valem da sessão dedicada a Roma, pois nosso trabalho visou o recorte histórico da dinastia dos Severos e a deusa Hécate. Reichard *et al* (2017, p.10) elucida que as moedas romanas do *MANTIS* são resultado de um projeto do ANS com o *Institute for the Study of the Ancient World* (ISAW) da Universidade de Nova York. O catálogo em questão dispõe um *corpus* digital de diversas moedas imperiais, desde o reinado de Augusto (27AEC - 14 EC) até o de Zenão (425 EC - 491 EC), a partir dos tipos de cunhagens imperiais registradas nos dez volumes do *Roman Imperial Coinage*, o RIC.

Tal catálogo tem unido instituições do mundo todo, possibilitando que visitantes acessem suas coleções por meio do “*Online Coins of the Roman Empire*” (OCRE). Entre os principais colaboradores destacam-se o *British Museum*, o *Münzkabinett* do Museu Estadual de Berlim, o *Fitzwilliam Museum*, os Museus de Arte de Harvard, o Museu de Pré-História de

⁴³ American Numismatic Society (ANS).

⁴⁴ Disponível em: <https://numismatics.org/collections/>. Acessado em: 08/11/2025.

Valência, o *Münzkabinett* do *Kunsthistorisches Museum* de Viena e o Museu de Arte da Universidade da Virgínia, que contribuíram com milhares de moedas junto às da coleção da ANS, ultrapassando mais de 106 mil moedas romanas registradas, muitas destas acompanhadas de fotografias (Reichard *et al*, 2017, p.10).

Reichard *et al* (2017, p.10) ressalta que os dados da OCRE podem ser verificados por inúmeros métodos de busca. Os usuários do catálogo podem limitar suas pesquisas escolhendo características específicas de interesse, tais como oficinas monetárias, denominações, autoridades, datas, monumentos e divindades. Atualmente a MANTIS dispõe de outros filtros que refinam uma determinada busca, são eles: emissor, estado, dinastia, retrato, departamento, tipo de objeto, fabricação, material, local de produção, região, tipo de moeda, série e categoria. Ethan Gruber; Gilles Bransbourg; Sebastian Heath e Andrew Meadows (2012, p.256) ainda demonstram que é possível visualizar o mapa de cada moeda registrada, ou seja, pode-se mapear o arranjo de moedas ao longo do tempo e do espaço e verificar a distribuição de um tipo específico de moedas por todo o Império Romano.

Dessa forma, percebemos o catálogo do banco digital do ANS como fundamental em nosso estudo, tendo em vista que é a partir dela que extraímos as moedas que serão analisadas nesta pesquisa. Para isso selecionamos 15 moedas do catálogo, com anverso e reverso. Tais moedas foram escolhidas por terem além das informações básicas, fotografias das peças, pois o nosso foco é a leitura imagética e iconográfica das mesmas. Conforme a descrição geográfica dos dados obtidos, todas as moedas foram produzidas na antiga cidade Estratonicéia, local então que se torna imprescindível para nossa análise e que terá seu aprofundamento posteriormente em nossa investigação.

Após a seleção minuciosa de nossas moedas, foi necessário criar um catálogo numismático. Nesse âmbito, utilizamos a proposta de Carlos Eduardo da Costa Campos (2018, p.379-380), que demonstra a necessidade da construção de fichas de análises, as quais podem ser numeradas levando em consideração elementos cronológicos, temáticos ou por disparidade de suportes, por exemplo. Este método já teve sua aplicabilidade por meio das fichas numismáticas desenvolvidas pelo Laboratório ATRIVM/UFMS⁴⁵, cuja fichas tiveram efeito

⁴⁵ O Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade ATRIVM/UFMS foi elaborado em 2018 e está vinculado a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tendo como coordenador o Dr. Prof. Carlos Eduardo das Costa Campos (FACH/UFMS). O laboratório possui parceria com o Museu de Arqueologia e o de Ciência e Tecnologia da UFMS, com o museu Histórico Nacional e a Universidade do Minho. Como grupo de pesquisa integra

nas pesquisas monográficas de dois graduados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Luis Miguel Pereira Lacerda com o trabalho intitulado *“As divindades na legitimidade do poder do princeps Augusto (27 AC - 14 DC): Um estudo a partir do acervo do museu histórico nacional”* (2023) e João Guilherme Vieira Poiati com o tema *“As moedas do imperador Tibério no museu histórico nacional (14 - 37EC): divulgação científica e humanidades digitais aplicadas ao patrimônio numismático”* (2024).

Lacerda (2023, p.25-26) demonstra que a catalogação por meio das fichas consiste em uma fase que envolve o registro do material de nossa fonte primária, na qual é criada a identificação do artefato, evidenciando dados e informações para entender o objeto na sua totalidade e o contexto em que este está inserido. As fichas devem descrever informações materiais e qualitativas sobre a moedas. A partir disso Lacerda (2023, p.52-57) elaborou 7 fichas com moedas de Augusto e Poiati (2024, p.66), construiu 23 fichas com moedas do Imperador Tibério (14 - 37 EC).

Nesse sentido, Campos (2018, p.380) reforça que os mecanismos de identificação das pranchas são: o tipo de moeda, período, região, o material utilizado na sua composição, as dimensões físicas das mesmas e quantas recorrências dos objetos foram detectadas, quando disponíveis. Em seguida requer a apresentação das imagens e as inscrições situadas nas moedas, separando as descrições em anverso e reverso. Por fim, é preciso colocar a referência de trabalhos que abordam sobre a moeda, ou seja, a bibliografia, bem como os comentários de análise a fim de contextualizar elementos históricos da peça (tabela 1). Seguindo este método, catalogamos uma a uma as 15 moedas extraídas do banco de dados do ANS, localizadas no acervo do MANTIS, todas elas contendo membros da dinastia dos severos no anverso e Hécate no reverso.

estudiosos da graduação, mestrado, doutorado e diversos outros pesquisadores nacionais e internacionais. Além disso, o Lab. possui um acervo de numismática, que é explorado para pesquisa, ensino, extensão e ações de inovação científica aplicada para a Humanidade Digitais. A coleção científica abrange cédulas, selos, medalhas, carimbos entre outros, bem como moedas da Antiguidade Greco-Romana, Medieval, Moderno, Contemporâneo e Brasileiras. Posto isso, o acervo integra doações da comunidade universitária, colecionadores de Mato Grosso do Sul, o Museu Histórico Nacional e participantes da Sociedade Brasileira de Numismática. Dessa forma, o laboratório se constitui como um importante espaço de salvaguarda das peças numismáticas da comunidade regional e nacional e tem sido referência no centro-oeste e no país no campo da popularização da ciência, Humanidades Digitais e Práticas de Ensino.

Tabela 1: Ficha de Catalogação de Moedas elaborado por Carlos Eduardo da Costa Campos (2017), coordenador do laboratório ATRIVM/UFMS e orientador desta pesquisa.

Ficha nº 1:	
Anverso	Reverso
Identificação:	
Moeda/Tipo	
Período	
Região	
Material	
Dimensões	
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	
Reverso	
Inscrições contidas na moeda:	
Anverso	
Reverso	
Referências	
Bibliografia	
Comentários	

Vale ressaltar que em uma última instância, esta pesquisa exigiu a tradução das inscrições epigráficas das moedas para o português, tendo em vista que as moedas às quais estamos trabalhando foram produzidas em uma cidade de fortes elementos da cultura Grega, inclusive o idioma. Sendo assim juntamente com o orientador deste estudo, foram realizadas as

traduções, tanto do anverso quanto do reverso das moedas e todas elas constam nas fichas junto às inscrições originais extraídas do ANS.

Por fim, Lacerda (2023, p.40) expõe que a potencialidade de um catálogo numismático bem estruturado, é o de fornecer um alicerce sólido para o estudo das moedas, facilitando o acesso rápido sobre os detalhes de cada peça. Ademais esta sistematização, contribui na verificação de padrões, raridades e na descoberta de novas características que podem evidenciar aspectos complexos de nosso passado. Neste raciocínio, fica claro o apelo positivo que as moedas detêm quando são fundidos em um método bem construído, sendo útil e eficaz para nossas pesquisas. Outrossim, lembramos que as moedas foram importantes para a sociedade romana, informando os aspectos cívicos de poder através da iconografia, balizados pelos símbolos, emblemas e insígnias tipicamente romanos. A moeda atual também carrega uma diversidade de constructos sociais e políticos que vigoram discursos de legitimidade, o que nos mostra sua capacidade ímpar de expor aspectos humanos que ainda estão tão intrínsecos em nossa materialidade, logo possíveis de serem analisados e interpretados por meio dos métodos numismáticos, tal como as fichas de análise abordado neste tópico.

CAP 3 – AS CUNHAGENS ROMANAS E A LEGITIMIDADE DO PODER DA DINASTIA DOS SEVEROS: O CASO DA DEUSA HÉCATE

3.1 O mito da deusa Hécate e sua relação com o mundo Greco-Romano

Hécate é uma das deusas mais importantes do período clássico, o que instiga muitos pesquisadores a se questionarem sobre qual seria a origem do seu culto. Para Trícia Magalhães Carnevale (2012, p.28), os vestígios apontam para diferentes respostas, mas há fortes indícios que indicam a sua matriz grega ou anatólia. A autora argumenta que as evidências literárias como a obra de Hesíodo propagada de forma oral e escrita, assim como as fontes arqueológicas em território grego corroboram para esta hipótese e fortalecem uma identidade mais recuada na Ática. É extenso o debate sobre o tema, e é inviável definir a origem geográfica exata ou até mesmo cultural de uma divindade tão antiga como Hécate e que sendo assim se torna fundamental focarmos em seus elementos que temos acesso para essa pesquisa.

Ao lidar com a deusa Hécate e suas especificidades é preciso retomar o conceito de mito. Na visão de Carnevale (2012, p.25-26), há uma relação entre mito e rito, sendo o rito a materialização do mito em ação, o mito explica o rito, no entanto não o ensina, ela relembra e ativa a memória. Deste modo, o mito se define por uma narrativa instaurada na religião e configura-se como uma representação coletiva, ou seja, existe um vínculo entre mito e imaginário social.

Nesse sentido, Carnevale (2012, p.26) por meio da base teórica de Bronislaw Baczko (1985) indica que o mito é uma ilusão, apesar de ter poder para tentar assegurar a coesão social por legitimar as demandas sociais definidas. O mito só garante esta função quando se torna veículo dos imaginários sociais, especialmente dos grupos situados no topo das hierarquias sociais. Isto fica evidente na *Teogonia* de Hesíodo⁴⁶ (VII AEC), em que relata a apoteose de Zeus, servindo de suporte para organizar a sociedade e dessa forma estabelecer as hierarquias dos deuses, e por consequência organizar a sociedade concreta dos gregos.

⁴⁶ Segundo Carnevale (2014, p.22-23) é uma obra de Hesíodo (700 AEC) que narra toda a origem do cosmo e de seus deuses, desde o início mais remoto até o estabelecimento de Zeus como governante dos deuses. Outro trabalho importante do autor é o *Trabalho e Dias*, que consiste em um compilado de conselhos sobre como viver sendo mortal sob o domínio de Zeus. Hesíodo configura-se assim como Homero, como escritores da tradição épica.

Discordamos da autora quando afirma que o mito garante a coesão social da sociedade. Embora o mito, como na *Teogonia*, tivesse narrativas veiculadas no consenso social, como o culto dos deuses, é necessário salientar que é impossível que apenas o mito fosse suporte para resolver dilemas e confrontos ideológicos nas sociedades antigas, tendo em vista que as identidades e as percepções de mundo nas relações entre dominador e dominado não eram homogêneas, elas eram plasmadas por negociações, assimilações e imbricações entre as partes.

No entanto, convergimos com Carnevale (2012, p.27), que aquele que possui a narrativa do mito detém o controle de um determinado discurso que impacta no imaginário social e assim regula as práticas sociais e políticas de uma sociedade, mesmo que de forma fragmentada. A partir deste foco, podemos tecer a narrativa mítica de Hécate no *Hino à Hekate*, de Hesíodo (*Teogonia*, VII AEC., vv. 404-452), como sendo um exemplo deste aspecto. Isso porque a presença da deusa nesta composição pode refletir as crenças comuns de um determinado grupo social, fator marcante entre os estudiosos, devido a deusa ser citada somente nos versos 404 - 552 e o que teria motivado Hesíodo a não conceder a mesma importância a outras divindades ao criar um Hino à Deusa.

Segundo as fontes que chegaram até nós, a deusa Hécate não possui um mito próprio e sua participação nas narrativas míticas é secundária. As narrativas mais antigas na sociedade grega são a *Teogonia* de Hesíodo entre os séculos VIII e VII AEC e o *Hino Homérico à Deméter*⁴⁷, entre os séculos VII e VI (Carnevale, 2012, p.28). Leandro Mendonça Barbosa (2014, p.494) expõe que na *Teogonia*, obra do período arcaico, são 48 versos que detalham a genealogia da deusa e expõe algumas de suas funções, bem como evidencia seu legado no panteão grego, demonstrando que era uma deidade muito antiga, provavelmente pertencente a linhagem dos Titãs e independente das divindades olímpicas.

De fato, Barbosa (2014, p.494) aponta que a deusa é sobrinha de Leto e filha de Perses e Astéria, ou seja, filha de Titãs. Na análise de Thais Rocha Carvalho (2019, p.29-30) alguns aspectos do Hino endereçada a deusa ficam mais claros. Para Hesíodo, Hécate atuava sobre todas as esferas da vida humana, às vezes associada a outros deuses, como Poseidon e Hermes.

⁴⁷ Conforme Carnevale (2014, p.23), os *Hinos homéricos* são uma coletânea de 33 poemas dedicados a 22 divindades do panteão grego. Tal conjunto de hinos é chamado de “homérico”, devido às grandes semelhanças de estrutura. Pedro Goergen (2006, p.183) contribui ao alegar que a figura na qual são atribuídos esses hinos, isto é, Homero, teria nascido por volta do ano 850 AEC na Jônia. Além disso, existem controvérsias sobre a real existência deste personagem histórico ou que suas outras obras célebres *Ilíada* e *Odisséia* não são do mesmo autor, pelas diferenças que as distinguem.

Além disso, por ser uma deusa da antiga ordem, mantém as suas honras na nova ordem de Zeus, sendo honrada pelo mesmo, uma vez que prevalece a sua influência sobre todas as esferas do cosmos desde os tempos dos Titãs. Seu poder é tão grande, que basta que ela queira, e pode ajudar ou dificultar os mortais em suas práticas mais essencialmente humanas.

Para além disso, a deusa possui tanto características ctônicas quanto olímpicas, o que dá indícios que o poeta poderia estar associando Hécate a estas duas esferas religiosas, desta maneira a colocando como uma divindade universal e como uma síntese destes dois campos, atribuindo suas atuações às forças da terra com ligação às forças acima dela. Nesta obra Hécate é constatada como auxiliadora dos soldados quando estes vão à batalha. Também concede a eloquência dos discursos. Aos esportistas e cavaleiros, e a todos que integram o seu círculo, Hécate abençoa com bonanças. Hécate favorecia então cinco estirpe de homens: reis, soldados, cavaleiros, atletas e pescadores marítimos. Ao possuir atributos lunares e por suas próprias atribuições basilares, Hécate é uma deusa trifuncional. Ela sai em defesa de reis e juizes de tribunais. Garante auxílio para guerreiros, atletas e cavaleiros. Na sua face fertilizadora, provém os alimentos, relacionados aos pescadores e aos criadores de animais (Barbosa, 2014, p.496-498).

No *Hino Homérico a Deméter*, a deusa Hécate marca presença no transcurso do mito narrado. O Hino relata o rapto da deusa Perséfone por Hades e a busca determinada de Deméter por sua filha. Após Perséfone ser raptada, Hécate foi a única que ouviu seu grito, apresentando-se como testemunha do rapto de sua filha, por sua privilegiada morada em uma caverna localizada na terra e não no distante Olimpo. É neste momento que Deméter é informada de que Perséfone foi de fato raptada. Deméter vai ao encontro do deus Hélio, que tudo vê e ele por sua vez dá um relato completo para Deméter, revelando, inclusive, o responsável pelo conflito: Zeus. Deméter depois se dirige a Elêusis, onde os mortais constroem todo um novo templo dedicado a ela e só então Zeus envia Hermes para trazer Perséfone de volta. Embora tenha sido levada contra a sua vontade, Perséfone é quem decide permanecer ou não casada com Hades, o que acaba acontecendo e assim sobe na carruagem de Hades e é conduzida de volta para o mundo mortal por Hermes (Carvalho, 2019. p.42, p.48-49, p.60-62).

Como evidencia Carvalho (2019, p.66, p.43, p.71), já quase no final Hécate retorna à narrativa, ficando decidido que a deusa por viver em sua caverna entre o Olimpo e o submundo, ajudará Perséfone em seu deslocamento de ida e vinda entre os dois mundos, sendo respaldo

para o cerne dos Mistérios de Elêusis e também do papel da narrativa mítica, que justifica os motivos para que aconteça os momentos em que a terra floresce e outros em que nada dela brota. Neste raciocínio, os sentimentos da deusa que rege a colheita, Deméter, são responsáveis por essa instabilidade. Quando feliz, na presença de sua filha, a terra é próspera e favorável aos homens. Por outro lado, quando separada, entristece-se, refletindo na terra, que se torna infértil até o recomeço do ciclo. Com a nova estrutura da vida de Perséfone, Hécate ganha nova atribuição, o de auxiliar a rainha do submundo em sua movimentação para o Olimpo, já que está situada entre eles, dessa forma promovendo sua função de mediadora.

Ainda sobre esse tema, Barbosa (2014, p.500-501) destaca que a morada da deusa, isto é a caverna, possui um fundamental aspecto simbólico pois representa o interno e o externo, bem como o mundo visível e o mundo invisível, apontando que Hécate convivia entre os dois ambientes. A Deusa desempenha um papel ambíguo, ora é a única que nota os infortúnios de Perséfone e os avisa a sua mãe, ora está simbolicamente ligada à morte. Quando Deméter encontra Hécate, a deusa encontra-se com archote nas mãos, o que poderia significar um símbolo presente no ritual de Elêusis, uma associação de Hécate a noite e ao escuro ou até mesmo o símbolo do conhecimento e iluminação dos caminhos.

Na parte final, no retorno de Perséfone, Hécate demonstra sua face bondosa, cercando ela e sua mãe de muito afeto, prontificando-se para servir e ser companheira da filha, o que revela sua relação a uma bondade de deusa materna, sendo atrelada mais a uma noção de deidade de luz do que do obscurantismo. No entanto, nos poucos momentos em que Hécate é referenciada, a deusa é ctônica, mas detinha sim um caráter atrelado ao submundo, como a caverna, os rituais telúricos de Elêusis e as tochas. Acreditamos que é a partir do *Hino Homérico a Deméter* que Hécate inicia esta vertente ctônica de forma mais expressiva (Barbosa, 2014, p.501).

No período Clássico, Mario Agudo Villanueva (2016, p.5) denota que Hécate é referenciada de maneira relevante na literatura, como em *As Vespas* de Aristófanes por volta de 422 AEC, na qual o personagem Filocleão menciona a existência de altares dedicados à deusa nas portas das casas dos atenienses. O ambiente doméstico era um dos espaços com os quais Hécate estava associado. Neste âmbito, Barbosa (2014, p.503) corrobora ao alegar que em várias regiões da Grécia eram construídos altares nas casas como forma de culto privado, em

que rituais para Hécate eram feitos em encruzilhadas nas luas cheia ou nova para afastar os espíritos das residências.

Também Hécate consta nas tragédias de Eurípides, mais expressivamente em *Medeia* (431 AEC), *Hipólito* (428 AEC), *As Troianas* (415 AEC) e *Helena* (412 AEC). Em *Medeia*, a protagonista Medeia mata os próprios filhos para se vingar de seu marido adúltero, Jasão e na história a personagem é instrumentada de ritos mágicos e atos de feitiçaria, e Hécate é referenciada uma vez, como a senhora da feiticeira Medeia. Esta tragédia teve papel fundamental na elaboração de Hécate como divindade da magia, sendo a primeira citação que obtivemos relacionado um ritual mágico com a deusa. Mesmo que Hécate já fosse de alguma forma associada à feitiçaria, é nesta obra que Hécate é assentada junto à magia maléfica, à morte. Nesse contexto, diferente dos séculos anteriores, o século V AEC partilhava de uma singularidade, no qual os indivíduos se preocupavam com suas emoções, e não com o bom convívio e manutenção da *polis*, para lançar mão do ideal aristotélico. Dessa forma, Hécate aparece agora como aquela que auxilia pedidos a serviço de depreciar outros indivíduos, pessoas incapazes de conter suas emoções, como Medeia e partir disso diversas serão as evocações da deusa para esta finalidade (Villanueva, 2016, p.5; Barbosa, 2014, p.502-504).

Carnevale (2012, p.36-39) caracteriza os atributos de Hécate a partir de seus epítetos mais conhecidos, difundidos desde o período clássico. Entendemos os epítetos como parte concreta da deusa que perdura na memória e no imaginário coletivo. A autora mapeia cinco principais atribuições e seus epítetos correspondentes, são eles: *Propylia*, *Porpolos*, *Phôsphoros*, *Kourotrophos* e *Chtonia*. Iniciando com *Propylia* ou “guardiã apotropaica”, oferece proteção nas entradas. O ritual praticado nessas passagens pode conter três funções: estabelecer um limite para proteção do que está dentro do mundo exterior, auxiliar viajantes ao partir e retornar para a entrada e por fim vigiar a mudança transitório pela estrada, sendo a primeira função atribuída à deusa Hécate. Ademais, a deusa pode conceder proteção apotropaica, a exemplo disso é a estátua de *Hekate Triforme* (ver figura 1), na qual seria sua função mais apropriada de acordo com os estudos de Rudloff, protegendo contra forças naturais ou espíritos vagantes. Os vestígios arqueológicos mostram a presença de Hécate nas entradas de templos e casas.

Porpolos ou a “assistente que conduz” caracteriza o aspecto de guia e companhia, provavelmente para os três maiores mistérios que está envolvida: Elêusis, Samotrácia e Argos,

guiando os indivíduos novatos nos Mistérios de Deméter e Perséfone. No caso de *Phosphoros*, isto é, “iluminadora” ou “portadora de tochas”, refere-se a pelo menos quatro possíveis funções: deusa protetora dos nascimentos, deusa lunar, deusa da manhã e das estrelas da noite e a guia. A relação da deusa e suas tochas como guia se situa no campo dos mistérios, indicando sua popularidade nessa esfera, o que explicaria a representação de Hécate nas artes empunhando as tochas e sua regular invocação com *Phôsporos*, como aponta Carnevale (2014, p.41-42).



Figura 1: Representação da estatueta de Hekate Triforme. Reprodução de um Hekateion (coluna votiva à Hekate Triforme), representação da Hekate de Alkamenes. Mármore romano, I-II AEC. Metropolitan Museum.

Bibliografia: HEKATE TRIFORME. Representação da estatueta de Hekate Triforme. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/255881>. Acesso em: 18 de out. 2025.

No que tange a face lunar de Hécate, Nerea López Carrasco (2022, p.487-488), traz a ideia de que a característica da deusa em ser a portadora de luz está ligada à noite, pois a divindade dissipa a escuridão com suas tochas. A noite é o período adequado para as epifanias de Hécate, o que favorece os rituais que eram feitos à meia-noite e por volta do fim do mês. No sexto dia do mês, momento em que a lua se desloca de leste a oeste em relação ao sol e transiciona a fase cheia para a minguante, era ofertado a Hécate e Ártemis o doce circular denominado *amphiphón*. Além disso, o trigésimo dia do mês era consagrado à deusa em associação com a renovação lunar. Outro elemento lunar de Hécate é a sua triplicidade, da mesma forma que o astro se caracteriza por três faces, a natureza tríplice de Hécate expressa-se em suas três cabeças sobre um só corpo ou em seus três corpos com suas respectivas cabeças e três pares de braços que levam seus atributos. Esta é a iconografia mais habitual que consta nos amuletos mágicos e assim descrita nos textos de magia.

O epíteto *Kourotrophos* denota a “regência do nascimento”. A reprodução, a criação de crianças e a morte eram atribuições dadas às mulheres e a deusa Hécate estava associada a estes aspectos. A ligação com a morte está no fato de às mulheres gregas serem responsáveis pelos cuidados com o corpo morto. O sinal mais claro desta característica são as lâminas de chumbo com imprecções (*Katádesmoí*), que no período clássico abordam a deusa como a segunda divindade mais evocada. Tais lâminas tinham como objetivo à morte do adversário, reiterando a relação de Hécate com o Mundo dos Mortos que a deusa já detinha (Carnevale, 2014, p.43-44).

Finalmente Carnevale (2014, p.44-45), menciona o epíteto *Chotonia* como sendo uma das mais importantes da deusa. Tal título mítico está relacionado aos elementos da Terra. Hécate possui esta característica, especialmente pela sua relação com outras divindades ctônicas como Hermes, Perséfone e Cérbero. A intensa presença da divindade nos *Katádesmoí* e os locais de depósito dessas lâminas, como em sepulturas, poços d’água ou curso de água, revelam a sua face atrelada a morte e a magia. Por ser uma deusa ctônica, possui alguns elementos que não são únicos à ela, pois existem vários outros deuses com estes mesmos atributos, tais como: as encruzilhadas, oferendas mensais, multiplicidade, cães, cobras, tochas, chaves, magia e ligação com os mortos.

Em outra esfera, a pesquisadora (2014, p.92-93; p.102-103) indica a relação de Hécate com o uso de ervas, as *phármaka*. Através de plantas localizadas na literatura grega, como em Homero e Hesíodo, a deusa é atrelada a macieira, *Asphodelus* e ao *Acônito*. O *asphodelus*, por exemplo, era usado na Ilha de Rhodes para adornar as estátuas de Hécate. A *phármaka* no seu caráter curador era atribuída a função dos médicos, e o uso da mesma para fins de prejudicar inimigos e adversários era legado ao grupo dos feiticeiros. Ressaltamos que o conhecimento de morte e cura das *pharmaka* praticado pelas mulheres era visto como algo errado e dessa forma marginalizado pela sociedade patriarcal grega. Nesse contexto, o médico Hipócrates⁴⁸ juntamente com seus colegas, procuravam adesão à prática médica e para isso fomentava a depreciação de determinados grupos e seus cultos, como a da deusa Hécate. Hipócrates evoca algumas divindades e as possíveis doenças provocadas pelas mesmas, incluindo Hécate, sendo conferida a ela os temores noturnos e medos, os delírios, os saltos para fora da cama, visões assustadoras e ao fato de se encontrarem por si fora de casa. O médico coloca a ação da deusa à noite, momento ideal para os praticantes de magia realizarem seus rituais e atingirem o adversário através, por exemplo, do sonambulismo.

Por meio das fontes arqueológicas, Carrasco (2020, p.66) atesta para um dos templos mais famosos dedicado à Hécate, o de Lagina na Caria (ver figura 2), localizado atualmente na Turquia. A importância do culto na região é exposta pelo historiador romano Tácito (54-120 AEC), que relata que os habitantes de Estratonicéia pediram ao imperador Tibério (27 AEC - 27 AEC) em 22 EC que construísse na cidade um templo em honra a Júpiter e outro em honra a Hécate. Supomos que o templo de Lagina seja a efetivação deste pedido, pois conforme Christina Grace Williamson (2013, p.3), Lagina estava localizada a 8 km ao norte de Estratonicéia. Tal templo foi edificado no início do século I EC. Neste espaço religioso a deusa era adorada como uma divindade de grande poder, tendo como seus símbolos principais a serpente, o cão, a tocha e a chave.

As escavações no antigo templo de Hécate em Lagina, permitiu a descoberta de frisos importantes na região, como a de Hécate presenciando ao nascimento de zeus acima da entrada e seu papel em uma cena em que preside uma reunião amistosa entre amazonas e gregos no

⁴⁸ De acordo com Carnevale (2014, p.101) Hipócrates de Cós, conhecido como o pai da medicina, nasceu na ilha de Cós em 460 AEC e faleceu na Tessália por volta de 380 AEC. Integrava o corpo de médicos que afirmava descender de Asclépio, deus da Medicina e por isso o grupo se intitula “asclepíade”.

lado nordeste do templo. O primeiro friso reflete o aspecto de reger o nascimento (nutridora de crianças), algo já mencionado em nossa análise, bem como a reafirmação da relação entre Hécate e Zeus, sendo cultuada junto a Zeus de Panaramos, cidade próxima de Estratonicéia e Lagina (Williamson, 2013, p.3; Carrasco, 2020, p.66).

Williamson (2013, p.4) alerta que é desconhecido o momento em que o culto de Hécate em Lagina é absorvido por Estratonicéia e passa a promover lagina como centro religioso. A partir da declaração de cidade livre feita por Roma, aparecem os primeiros edifícios e as primeiras moedas emitidas, mostrando Hécate no reverso e Zeus no anverso, denotando assim a forte associação de Hécate a identidade de Estratonicéia. Hécate frequentemente é definida como uma divindade de origens Carianas, o que poderia ter levado a ser escolhida como deusa protetora de uma *polis* tão diversa e repleta de elementos nativos e regionais, enfatizando sua origem cariana comum no território.



Figura 2: Templo da deusa Hécate em Lagina. Bibliografia: WILLIAMSON, Christina G. Festival Networks: Stratonikeia and the Sanctuary of Hekate at Lagina. In: WILLIAMSON, Christina G. *Urban Rituals in Sacred Landscapes in Hellenistic Asia Minor*. Vol. 196. Editora: Brill, 2021. Cap. 5. p. 241–330. Disponível em: <https://brill.com/display/book/9789004461277/BP000015.xml>. Acesso em: 18 de out. 2025.

Carrasco (2020, p.67) mostra que entre as práticas importantes em honra a deusa, estava a festividade chamada *Hekatesia*, na qual se mostra de grande relevância no período romano. Neste evento era realizada uma procissão da chave, que ia desde Estratonicéia até Lagina. Uma jovem (portadora da chave) provavelmente filha de um dos aristocratas conduzia a procissão. A chave aqui possui um relevante símbolo de Hécate, devido ao seu papel de guardiã das entradas e/ou acessos tangíveis e intangíveis, ou seja, ser capaz de abrir as portas do mundo sensível e inteligível. Ademais, a chave é um traço simbólico com o qual a deusa concede aos iniciados o conhecimento de seus mistérios.

Carnevale (2014, p.128) expõe que o festival de Hécate em Lagina, se tornou um evento grandioso, tendo em vista que 57 cidades reconheceram a concessão de inviolabilidade do templo da concedida por Roma, e eram convidadas para os festivais de Estratonicéia, principalmente aquelas endereçadas à deusa. A chave utilizada no principal ato do festival pertencia ao mundo subterrâneo, apontando assim que Hécate protegia a entrada do Mundo dos Mortos.

Percebemos que foi na Ásia Menor, onde o culto a deusa Hécate teve maiores repercussões. Carrasco (2020, p.68) mostra que na Cária outras cidades também cultuavam a deusa, como em Mylasa, onde foi encontrado um pequeno altar dedicado à ela. Na cidade de Hilarima foi achado uma cabeça da representação tríplice de Hécate e uma inscrição monumental da época imperial em que um sacerdote pede fita para o mural do santuário de Apolo, Hécate e outros deuses. Também na cidade de Cnido é constatado um molde de barro para uma lâmpada que representa Ártemis e Hécate. De modo fragmentado falta a cabeça, e em cada mão há um espaço onde iriam os bastões das tochas e a direita reside um cão. Nesta mesma cidade foi encontrado um fragmento de uma lâmpada com figuras femininas identificadas como Selene, Ártemis e Hécate, que tem uma lua crescente na testa. Outrossim, na cidade Darscha é identificado um *hekataion* arcaizante de mármore (100 AEC) e em Afrodisias é percebido uma inscrição em que menciona um sacerdócio em honra à Hécate.

Na literatura latina a representação de Hécate também é explorada de forma significativa. Carnevale (2014, p.125-127) menciona que na obra *Metamorfoses* de Ovídio⁴⁹

⁴⁹ Como denota Vivian de Azevedo Garcia Salema (2014, p.1), nasceu em 43 AEC. Sua família era rica e proveniente da ordem equestre. Em Roma encarregou-se de algumas funções públicas, logo depois tornou-se um admirador das artes de compor versos. Sua obra *Metamorfoses* é um conjunto de 15 livros em que descreve histórias da mitologia grega nas quais toda espécie sofre uma mutação, do caos à transformação de César.

Hécate é associada ao poder de transmutação das ervas e é exposto a sua função triforme como tendo a finalidade de proteger as encruzilhadas de três caminhos. Ovídio ainda crítica as práticas mágicas da *pharmaka*, podendo ser um reflexo do temor que o poder destas práticas poderia ter na ordem social vigente. Subsecuentemente, como indica Villanueva (2016, p.11) o geógrafo grego Pausânias⁵⁰ sugere que a forma tríplice de Hécate é uma transformação de sua figura, uma vez que antes disso ela era representada em sua forma simples, o que poderia evidenciar uma variação de suas características enquanto divindade. O autor também frisa uma menção à deusa na obra *Ísis e Osíris* de Plutarco⁵¹, em que é destacado sua semelhança com o deus egípcio Anúbis, a partir de alguns símbolos em comum, como o cão e as tochas. Isso evidencia que o culto à deusa ainda se mantinha forte, bem como os seus atributos com as práticas mágicas e uma reputação positiva na sua característica apotropaica.

Em nossa perspectiva, Hécate desempenhou um importante papel nas práticas mágicas e nas narrativas míticas da cultura greco-romana, sendo uma divindade cultuada e reverenciada desde o período arcaico grego até o domínio do Império Romano. Relatada nos textos e representada na cultura material, a deusa permeou diversos aspectos da vida humana, fazendo parte da religiosidade de gregos e romanos e assim constituiu parte da memória social de seus devotos. Dessa forma, Hécate se torna fundamental para nossa pesquisa, pois entre suas participações na cultura e dinâmica política da Antiguidade, a cidade de Estratonicéia produziu uma quantidade expressiva de moedas, as quais apresentam a deusa e alguns de seus atributos mais comuns, e é nesta produção numismática que focaremos nossa análise.

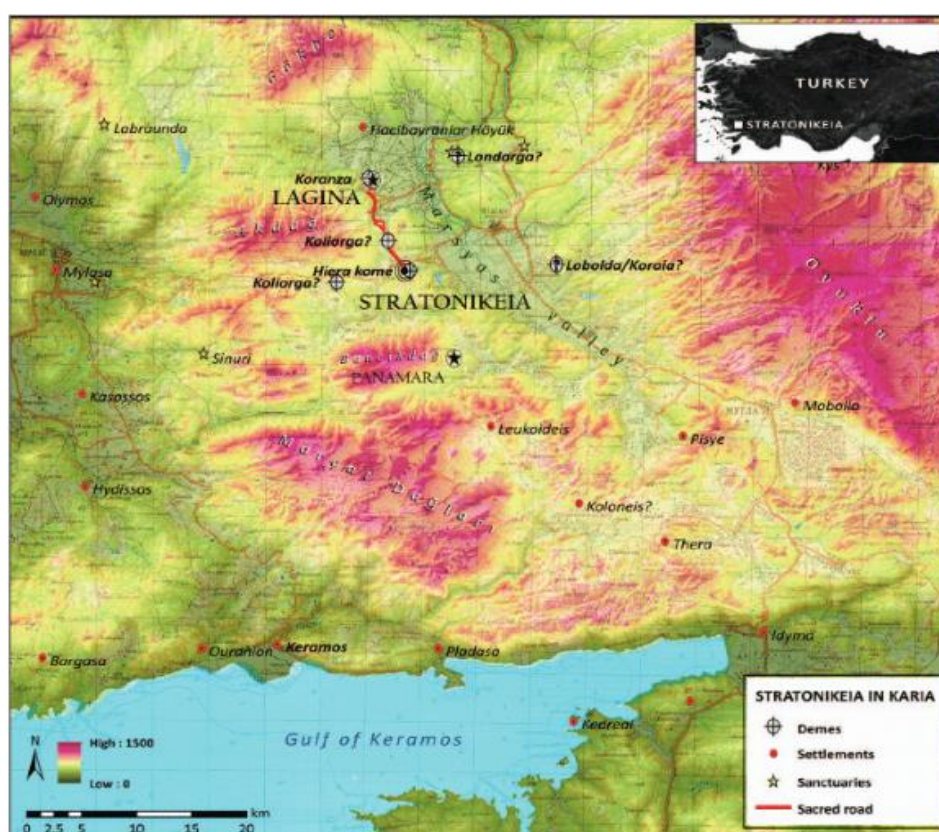
3.2 As Cunhagens de Hécate na cidade de Estratonicéia

Giulia Sessa (2019, p. 29) mapeia que a cidade de Estratonicéia situada na Ásia Menor (ver mapa 2), hoje tual cidade turca de Eskihisir, foi fundada no século III AEC pelo rei Selêucida Antíoco I, que a batizou em memória de sua esposa Estratônice. No entanto, como

⁵⁰ É famoso por sua *Descrição da Grécia*, uma extensa obra que descreve a Grécia Antiga a partir de suas observações pessoais. Segundo Diego Souza da Rosa (2021, p.11), aponta que provavelmente no início do século II EC na Ásia Menor, província de herança cultural grega sob domínio romano, o que implica nos seus relatos carregados de um sentimento de pertencimento helenístico.

⁵¹ Francisco Eduardo Alves de Almeida (2008, p.9), pontua que nasceu em 46 EC na cidade de Queronéia e é considerado o maior biógrafo do período Antigo. Sua maior preocupação foi analisar a vida dos grandes personagens do passado, sendo sua principal obra a *Vitae Parallellae*, cujo trabalho é composto de vinte e três partes de biografias, abordando um herói grego ao lado de um romano.

discorre Amanda Herring (2022, p.4), o território já havia sido dominado por outros impérios anteriormente. Inicialmente, ela estava situada em uma área de vilarejos Carianos e a criação da nova *polis* os uniu sob o poder de uma única estrutura política. Politicamente, Estratoniceia apesar de manter seu próprio governo cívico, integrava a federação das cidades Carianas, e esteve sempre sob o domínio de diversos impérios ao longo do tempo. O último império que exerceu controle sobre ela, entre 197-167 AEC antes de Roma, foi Rhodes. Sob o domínio romano a cidade vivenciou uma grande prosperidade econômica e obteve o status de cidade livre, permitindo o usufruto das concessões romanas como as isenções de impostos, campanhas de construções arquitetônicas da cidade, como o teatro e as emissões de cunhagens autônomas, que se estendeu até o século III EC.



Mapa 2: Mapa de Estratoniceia e Lagina. Williamson, Christina. Karian, Greek or Roman? The layered identities of Stratonikeia via the sanctuary of Hekate at Lagina. *Tijdschrift voor Mediterrane Archeologie*. 50, 2013, p. 1-6.

Emin Sariiz e Ahmet Tolga Tek (2024, p.370; p.372) salientam que a cidade possivelmente iniciou a produzir suas moedas em 166 AEC, sendo uma das poucas cidades

autorizadas na Caria a cunhar moedas de prata sob o domínio imperial. Na assertiva de Makbule Ekici (2013, p.51), o Imperador Augusto autorizou 150 cidades a cunhar moedas em seu nome durante o seu governo. Essas cidades continuaram a cunhar moedas locais com a condição de que exibisse o retrato do *princeps* no anverso, prática que perdurou sob os imperadores posteriores. A produção mais extensa da cidade de Estratonicéia ocorreu durante o período dos Severos, seguindo o padrão de dois bustos frente a frente no anverso: Septímio Severo e Júlia Domna, Caracala e Geta ou Plautila, e Severo Alexandre e Salústia Orbiana ou sua mãe Julia Mamaea.

Para Ekiri (2013, p.33-34) as moedas de Estratonicéia são divididas em cinco grupos. A primeira são moedas de prata com cabeça de Zeus no Anverso e Hécate em pé de frente, segurando uma tocha e pátera no reverso. O segundo grupo refere-se às moedas que apresentam a cabeça de Zeus no anverso, uma águia ou a cabeça de Hécate no anverso e uma representação da deusa Nike no Reverso. Com relação ao terceiro grupo caracteriza-se por moedas em que detém a cabeça de Hécate no anverso e Nike no reverso. Finalmente o quarto e quinto grupo de moedas, apresentam a legenda e a cabeça dos imperadores no anverso, enquanto representações de Zeus Panaramos ou Nike no reverso. Ademais, neste grupo as cunhagens de bronze incluem a cabeça de Hécate no anverso e uma tocha ou um Pégaso voador no reverso.

É notório a quantidade de vezes que Hécate é retratado nas cunhagens de Estratonicéia, sendo umas das fontes materiais mais abundantes em que a deusa está presente. Para Amanda Herring (2022, p.7) esta relação da deusa com a cidade estava relacionada com o seu culto instituído no local, o que aferia a Hécate uma identidade de patrona e protetora dos habitantes de Estratonicéia, na qual a prosperidade e o sucesso da cidade dependiam da divindade. Ela estava atrelada à história local da cidade e isto refletia nas moedas, nas inscrições do templo de Lagina e nos grandiosos festivais honrados para a deusa, tema já abordado anteriormente. Mesmo coexistindo com o culto de outros deuses, incluindo os cultos romanos fomentados pelo avanço do império, as práticas religiosas direcionadas a deusa continuaram sendo importantes na vida da população da cidade.

Christopher Howgego (1995, p.72) contribui ao destacar que as cunhagens podem retratar a reivindicação de uma relação especial com determinadas divindades, no caso dos imperadores romanos principalmente. Estas relações poderiam ser refletidas pela devoção de uma grande preponderância de tipos de moedas à divindade em questão, em nosso recorte, por

exemplo, o de Hécate sob os Severos. Inclusive algumas emissões do governo de Septímio Severo retratam o imperador com a coroa radiada e Julia Domna com uma lua crescente, símbolos associados ao poder divino. O que nos mostra que assim como todos os imperadores que o antecederam, Septímio também utilizou a iconografia do divino para legitimar o seu domínio. Howgego (1995, p.73) indica que as províncias tinham flexibilidades maiores no que concerne a representação de divindades em suas cunhagens, unindo culto imperial e elementos da religiosidade local. É nesta ideia que propomos que Estratonicéia, cidade da província da Ásia Menor, articulava a figura de Hécate com as de Septímio Severo, Julia Domna, Caracala e Geta nas emissões de suas moedas como forma de mesclar elementos próprios, sem deixar de lado o apoio e lealdade ao imperador e sua família.

Nesse sentido, Paula de Jesus Moura Aranha (2016, p.124-125) amplia nossas percepções ao levantar o aspecto da estrutura imagética da moeda como marca da região. As imagens são componentes essenciais na moeda, pois são estas cunhagens que veiculam o significado sócio-político e a dimensão histórica da região. Os emissores procuravam utilizar emblemas que possibilitasse uma fácil identificação de sua origem. Para que a ideia fosse difundida e recebida pelo maior número de pessoas seria preciso que houvesse um meio de propagar com um suporte material. A fim concretizar este objetivo foi necessário a construção de dispositivos e um desses dispositivos foi a moeda, transmitindo um discurso autônomo, criado com um modo de dizer que era aplicado nas imagens e textos.

Aranha (2013, p.125-126), demarca que o repertório de imagens e temas alocadas nas moedas eram de conhecimento dos receptores, ou seja, imagens e mitos que eram conhecidos daquela sociedade, sendo operados como uma forma de legitimar o poder e validar o governo instituído. Com isso em mente, ressaltamos que havia uma certa padronização das informações que seriam inseridas nas moedas. O anverso era considerado a principal face da moeda e majoritariamente retratava as principais informações sobre a região, seu governante, sua produção, elementos importantes e a devoção local. No reverso continha uma adição dessas informações com mensagens de poder, marcas regionais ou devocionais e emblemas. Tais moedas poderiam invocar seu passado lendário e o papel das divindades na sua fundação, garantindo a legitimação da terra. Desse modo, conjecturamos que as cunhagens de Hécate nas emissões de Estratonicéia configuram este papel legitimador da cidade na região da Cária,

promovendo a devoção à deusa como suporte discursivo em relação a sua posição política no território.

No contexto do domínio Romano, verificamos que Estratonicéia tinha privilégios singulares acerca das demais cidades ao redor. Segundo Sessa (2019, p.29), durante as guerras travadas com Mitrídates VI, inimigo de Roma, a cidade foi invadida e lhe foi imposta sanções que afetaram a sua economia. Apesar disso, se manteve leal a Roma resistindo à ocupação. Após o término da guerra com a vitória dos romanos, Estratonicéia recebeu de Sula (138 AEC - 78 AEC) no ano 81 AEC por meio de um *Senatus Consultum* a restituição de seus antigos direitos e o reordenamento de suas antigas concessões, devido a lealdade demonstrada. O decreto feito pelo Senado, foi achado sob forma de inscrição gravada nas paredes do templo da deusa Hécate, em Lagina. De acordo com esta ordem senatorial, a benevolência, a amizade e a aliança entre Roma e Estratonicéia foram renovadas. Ademais, o território da cidade foi expandido em cerca de 30 quilômetros, passando a ser uma das maiores cidades da Ásia Menor em extensão territorial e segundo o decreto de Sula, a cidade obteve a prerrogativa de cobrar impostos no seu território. Além disso, foi estabelecido que os embaixadores de Estratonicéia deveriam ser recebidos amistosamente pelo Senado Romano, e houve a possibilidade de os cidadãos da cidade terem acesso ao Senado. Por fim, o templo de Hécate em Lagina recebeu a investidura de *asylia*, este status como afirma Marco Vinci (2007, p. 189) coloca cidades e santuários como sagrados e imunes ao saque em tempos de guerra, tal prática poderia se aplicar a lugares, cidades e especialmente templos, como neste caso.

Como visto, a sociedade de Estratonicéia buscou a proteção e apoio de Roma e teve um êxito expressivo nas suas políticas nesta empreitada. No que tange a dinâmica das cidades do Mediterrâneo com o poder o Romano, Carlos Eduardo da Costa Campos (2013, p.67; p.73) acentua que as cidades eram mais do que apenas espaços físicos de caráter monumental, elas eram mecanismos para a veiculação de ideais políticos e culturais de Roma em áreas sob seu controle. Nesse sentido, os romanos precisavam da assistência dos governos locais das províncias de sua posse para manter a ordem, e da facilitação para a exploração de riquezas e manutenção de seu poder. Em vista disso, os habitantes das áreas provinciais poderiam se introduzir na ordem romana das mais diversas maneiras, sejam elas voluntária, negociada, consensual ou imposta. Sendo assim, havia uma complexidade de elementos entre o Império e as cidades mediterrâneas, em que o domínio da considerada mais “poderosa”, ou seja, Roma,

exercia sua centralidade sobre um mundo urbano enfraquecido pelos conflitos de caráter interno e externo. Em linhas gerais, existia a articulação dos interesses provinciais com as decisões dos líderes romanos, logo havia espaço para as práticas culturais locais, desde que estas não viessem a contestar ou ameaçar os interesses de Roma na região.

Fabrice Delrieux (2013, p.77), afirma que grande parte da história de Estratonicéia durante o período dos Severos pode ser atestada praticamente apenas pelas moedas. Essas emissões além de incluir os membros da dinastia severiana no anverso e Hécate no reverso, levam consigo muitas vezes o nome do magistrado ou de alguma pessoa com um cargo importante na cidade. Para o autor estas cunhagens eram utilizadas pela cidade para expressar publicamente a sua fidelidade a Roma, especialmente em um momento em que, sob os primeiros Severos, a quantidade abundante de moedas da cidade permitiu diversificar os temas iconográficos e dessa forma restabelecer a coesão de um império abalado desde a época de Marco Aurélio.

Em nossas leituras, as cunhagens de Hécate em Estratonicéia foram utilizadas como ferramenta de propaganda política, principalmente por parte dos administradores locais pertencentes a uma aristocracia proeminente da região. Além disso, a figura da deusa representava a cidade e seus habitantes. Em consonância com isso, Aranha (2013, p. 124) denota que isto era considerado como afirmação da autonomia e da identidade da cidade, tornando-se motivo de orgulho para os cidadãos. Dessa forma, ao vincular Hécate com os severos nas moedas, Estratonicéia buscou enfatizar sua fidelidade para com a dinastia vigente, tentando assegurar aliança sólida com Roma e os privilégios geopolíticos no território.

3.3 O Análises e Comentários sobre a deusa Hécate e dinastia dos Severos a partir do *corpus documental*

No tocante à análise de moedas, Carlos Eduardo da Costa Campos (2017, p.296), compreende que as imagens e inscrições nas moedas não são elementos meramente decorativos. As moedas abarcam um papel econômico e social, que era compreendido na época de sua produção e circulação, assim também exercendo um cunho político. As moedas oficiais que estudamos, foram emitidas em uma cidade provincial na Ásia Menor para serem utilizadas nas trocas comerciais. Destacamos que estes objetos apresentam um arcabouço de símbolos, representações e legendas que estruturam o conjunto de imagem e linguagem, ou seja, há um

sentido da iconografia gravada nas cunhagens. Deste modo, essas cunhagens estão compostas de historicidade, passível de ser datada e interpretada em conjunto com o seu período de emissão.

Os comentários na análise numismática são essenciais para compreendermos esta dinâmica. Campos (2017, p.298; p.78), salienta que embora não tenhamos a exatidão dos motivos e escolhas para a produção desses tipos de cunhagens, devido a nossa distância espacial e temporal, há aspectos antropológicos que nos permitem elaborar leituras por meio do contexto histórico e do acareamento literário da época. No período do Principado Romano, as moedas foram extremamente exploradas como objeto de poder, sendo um dos suportes materiais mais veiculados por todo o império e suplantado por narrativas que procuravam legitimar este poder, como o uso das divindades nas moedas.

Na visão de Christopher Howgego (1995, p.78), as atribuições divinas sempre estiveram associadas à vida e imagens de governantes. Na moeda isso era recorrente, desde o período republicano em Roma figuras como Sula, Pompeu e Júlio César se valiam da ligação com os deuses, como Vênus, a fim de validar politicamente e socialmente a sua influência no governo romano. Este mecanismo se intensificou ainda mais nos períodos posteriores, com os imperadores sendo divinizados. Na interpretação de Luis Miguel Pereira Lacerda (2023, p.30) “O status de divino ou de ligação com os deuses passou a ser concedido a imperadores mortos, rompendo com a hereditariedade dos vivos”.

Assim, nesta sessão iremos formular leituras sobre as moedas que representam Septímio Severo, Julia Domna, Caracala, Plautila e Geta, cuja presença da deusa Hécate é marcante na iconografia delas. Ao desenvolver essa proposta de interpretação, catalogamos um total de quinze moedas com referência à deusa Hécate sistematizadas em fichas (Vide Apêndice A - Catálogo Numismático). Todas as cunhagens são de bronze e conforme a ANS oriundas da região da Antiga Caria e foram produzidas durante a vigência da dinastia dos Severos, entre 193 EC e 217 EC.

Para essa pesquisa, abordaremos dez moedas a partir do eixo temático de Hécate como tema discursivo nessas emissões, bem como os próprios padrões de cunhagem estabelecidos pelos imperadores Severos. São elas: moeda 1, 6, 7, 8, 2, 3, 4, 12, 13, 15. Dessa forma

iniciaremos nossa análise com a moeda 1⁵² (fig.3), que representa em sua iconografia Septímio Severo e Hécate.



Figura 3 - Moeda AE número 1: Material: bronze; Período: 193 - 211 EC;
Região: Caria; Referência: SNG Cop 502; SNG vA 2665.

No anverso da moeda 1 identificamos o busto de Septímio Severo e na legenda: *A CEII CEBHPOC IIPTINAX* - Lúcio Septímio Severo Pertinax. O título de Pertinax é atribuído a Septímio, pois ele próprio adotou esta titulatura para se afirmar como Vingador de Pertinax, imperador que foi assassinado pelos pretorianos. Conforme Ana Teresa Marques Gonçalves (2013, p.67; p.79), ao fazer isso a pretensão era imitar a parcimônia e o rigor do morto, uma vez que Pertinax era tido pelo Senado como um exemplo de governante. Severo procurou destacar a manutenção da aristocracia para se legitimar, ou seja, um governo no qual os senadores tivessem oportunidade de intervir nas resoluções do Império. Dessa forma, imitar Pertinax, um personagem que agradava a ordem senatorial, se tornava fundamental para solidificar o seu poder no cargo imperial. Além disso, Severo procurou dessa maneira passar a ideia de que ele era seu continuador. Vale ressaltar que o *princeps* fez a apoteose de Pertinax, o que o conferia como tendo uma apropriada piedade em relação ao falecido, pois ao realizar a cerimônia o auxiliou a fortalecer a sua imagem de piedoso.

No reverso podemos observar Hécate com lua crescente e *kalathos* segurando pátera e tocha com cão a seus pés. A lua crescente é recorrente na iconografia numismática de Hécate,

⁵² Vide ficha 1, no apêndice A, p.91.

sendo um símbolo da deusa. Ademais, de acordo com Doaa Rehan (2024) a lua crescente foi apropriada pelos Severos para sugerir que a nova dinastia garante a estabilidade, a continuidade e a felicidade do império, a *Saecvli Felicitas* (Felicidade da Era). O *kalathos* segundo Alejandro Pool Burgos (2017, p.141) é um cesto em que se poderia guardar tanto o cereal quanto as oferendas mortuárias, fazendo alusão à fertilidade, prosperidade e abundância, bonanças as quais Hécate poderia ceder. Campos (2017, p.152), destaca que a pátera era um recipiente redondo, tal como um prato raso que era usado para práticas religiosas como a libação de vinho aos deuses ou recebendo o sangue de animais sacrificados, além de ser um objeto endereçado aos epulões⁵³. João Guilherme Vieira Poiati indica (2024, p.48) que a pátera figurava demonstração de poder e empenho com os deveres religiosos.

Ainda no reverso da moeda 1 encontra-se a legenda: *EIII KA APICTE [OY CTPAT] ONIKEQN* - Sob (a administração de) Cláudio Aristides, estrategista de Estratoniceia. Este tipo de inscrição é recorrente em cidades gregas no período romano, indicando o magistrado responsável pela cunhagem e a cidade emissora, neste exemplar a cidade de Estratoniceia. Robert George Bennet (2010, p.250-251) levanta uma hipótese interessante de quem poderia ter sido Cláudio Aristides. Por meio de fontes epigráficas Bennett afirma que poderia ter sido um sacerdote de Hécate, na qual assinou uma série de moedas retratando não só Hécate, mas também Zeus de Panarama, datadas por volta de 198 - 209 EC. Nos faltam materiais mais robustos para afirmar que esta leitura prossegue. No entanto, como denotado na inscrição do averso, Cláudio Aristides era estrategista. Ao recorrer a Peter Daniel McDearmon Witt (1977, p.5-6) entendemos o estrategista como sendo a função de administrador da cidade, o que significava que ele era a principal autoridade do local, atuando na esfera judicial e burocrática em consonância com os interesses de Roma, neste período sob os primeiros Severos.

⁵³ Conforme Campos (2017, p. 384), epulões eram sacerdotes responsáveis pelo banquete ritual dos deuses.



Figura 4 - Moeda AE número 6: Material: bronze; Período: 193 - 211 EC;
Região: Caria; Referência: cf SNG Cop 506

Seguindo a nossa análise, a moeda 6⁵⁴ (fig.4) segue com algumas características semelhantes à da moeda 1, mas com algumas adições. No anverso consta o busto laureado e drapeado, coberto de capuz de Severo à direita e o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda. Na legenda aparece: *AY KAI CEYHPOC IOYAIA ΔOMNA* - Imperador César Severo/ Júlia Domna. Poiati (2024, p.59) aponta que a coroa revela o caráter transcendente de uma ação vitoriosa, bem como as forças sobrenaturais que foram extraídas e aproveitadas para o êxito do feito, ou seja, existe uma assimilação com certos deuses e suas atribuições. No que concerne ao capuz, Antonio Pio Di Cosmo (2021, p.141) revela que era uma vestimenta relacionada à posição do Pontífice Máximo (sumo sacerdote), principal cargo sacerdotal romano que Septímio ocupou durante seu governo⁵⁵. Campos (2017, p.140) mostra que cabia ao Pontífice supervisionar as celebrações dos sacrifícios e cultos de Roma, bem como a participação de demais cerimônias que envolviam casamentos, adoções, herança das tradições religiosas familiares e regulação das práticas funerárias. Com esta ampla gama de apelo social, Septímio reiterou sua posição na cunhagem a fim de validar a *auctoritas* que o cargo possuía.

O título de César adotado por Severo, reflete na exposição de Gonçalves (2013, p.80), no fato do imperador ter se proclamado, com o apoio do Senado, filho de Marco Aurélio

⁵⁴ Vide ficha 6, no apêndice A, p. 106.

⁵⁵ Segundo Campos (2017, p.139; p.146) O pontificado está relacionado com um dos quatro grandes colégios sacerdotais de Roma. São eles: O Colégio Pontifical, O Colégio dos Áugures, Os Quindencêrvos e os Epulões, sendo o Pontífice Máximo o cargo mais alto do Colégio Pontifical.

Antonino, ou seja, filho de um *divus* (Deus). O imperador objetivou se apoiar nesta vinculação para propagar o ideal de que ele era capaz de garantir a continuidade da paz e da prosperidade pelos deuses.

No reverso da moeda 6 há Hécate em pé, de frente, com polos na cabeça à esquerda, segura pátera e tocha, cão de caça aos pés à esquerda. A legenda do anverso se encontra ilegível. A figura de Júlia Domna nas moedas de Septímio Severo é destacado por Clare Rowan (2011, p.250-253) como regularmente sendo representadas junto a divindades ligadas à maternidade e fertilidade, como Juno e Cibele, relacionando a Imperatriz a ideia de dignidade matronal romana e ligação com uma ideia de maternidade poderosa e universal, ou seja, Domna é colocada como pilar da manutenção da dinastia. Como já observado através do *kalathos* na moeda 1, nesta representação Hécate é associada a elementos ctônicos, como a abundância e prosperidade. Dessa maneira, a associação de Hécate com a imperatriz poderia reafirmar essas mesmas qualidades que plasmaram a imagem de Domna, propagando o ideal de estabilidade dinástica em Estratoniceia e mais abrangentemente na região da Caria.

O pólos no anverso da moeda 6, na afirmação de Amanda Herring (2020, p.255) é um objeto de adorno utilizado na cabeça em formato de cilindro, cujo símbolo confere a Hécate o papel de protetora. O cão, segundo Nerea López Carrasco (2022, p.494), é um animal associado ao culto de Hécate, principalmente na sua face de divindade lunar, tendo em vista que os magos consideram o latido dos cães à lua como um sinal de que a divindade está respondendo aos seus chamados. O aspecto canino de Hécate caracteriza a deusa como tendo uma dupla natureza: ctônica e celeste, estabelecida na fronteira entre o mundo sensível e o não sensível.

O modelo iconográfico da moeda 6 continua nas moedas 7⁵⁶ (fi. 5) e 8⁵⁷ (fig. 6) do nosso catálogo, tanto no anverso quanto no reverso. No anverso da moeda 7 e 8 percebemos o busto laureado de Severo, drapeado e coberto com capuz, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda, seguida da legenda: *AYKAI CEYHPOC IOYAIA AOMNA* - Imperador César Severo/ Júlia Domna. No anverso das duas moedas continua com a representação de Hécate de pé, de frente, com polos na cabeça, cabeça à esquerda, segurando pátera e tocha, cão de caça aos pés à esquerda. A única diferença entre as duas é a legenda no reverso, enquanto a moeda 7 exibe: *EPI ΦΛ LEONTOC LENA ARX CTRATONIKEΩN* - Sob a administração do arconte

⁵⁶ Vide ficha 7, no apêndice A, p.103.

⁵⁷ Vide ficha 8, no apêndice A, p.105.

Leôn, de Estratonicéia, a moeda 8 está com a legenda ilegível provavelmente devido ao seu desgaste.



Figura 5 - Moeda AE número 7: Material: bronze; Período: 193 - 211 EC;
Região: Caria; Referência: SNG Cop 506; SNG Lewis 1660



Figura 6 - Moeda AE número 8: Material: bronze; Período: 193 - 211 EC;
Região: Caria; Referência: cf SNG Cop 506

Novamente na moeda 7 é inserido o nome de um magistrado local de Estratonicéia, um arconte. Mediante Fábio Augusto Morales Soares (2015, p.178) tecemos que é uma função

administrativa de herança grega, magistrado incumbido de organizar festivais religiosos e gerir julgamentos de conflitos jurídicos entre os cidadãos. O uso de Ἐπί (epi) na inscrição confirma que a moeda foi emitida sob a autoridade do arconte Leôn.

A moeda 2⁵⁸ (fig.7) apresenta o busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda e acompanha o busto de Caracala virado para a direita na parte inferior do centro do campo com a legenda: *AV KAIC CEVHPOC IOYAI AOMNA* - Imperador César Severo / Júlia Domna. No reverso há Hécate de pé, de frente, com pólos na cabeça, cabeça à esquerda, segurando pátera e tocha, cão de caça aos pés à esquerda e legenda: *EPI MEL KL ARICTEOY CTRATONIKEΩN* - Sob (a administração de) Melitio Cláudio Aristeio, (magistrado) de Estratonicéia. Gonçalves (2013, p.106; p.108-109) atesta que na política de Septímio Severo foi utilizado o ideal de concórdia, ou seja, união dos corações em torno de um mesmo desejo, de uma comunidade de ideias, interesses e sentimentos. Nesse ínterim, Severo procurou explorar afirmação das ideias de eternidade, felicidade e perpetuidade, divulgando os benefícios da aceitação da sucessão hereditária, que garantiria a estabilidade da paz e da abundância. O busto do herdeiro imperial inserido entre Septímio e Júlia nesta moeda, propaga a concepção de harmonia entre os membros da família imperial, apresentando a união pela concórdia.



Figura 7 - Moeda AE número 2: Material: bronze; Período: 193 - 211 EC;
Região: Caria; Referência: SNG vA 2667

⁵⁸ Vide ficha 2, no apêndice A, p.93.

No anverso da moeda 3⁵⁹ (fig.7) podemos observar outra vez o busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda, seguida da legenda: *AV KAI LOY CEII CEVHROC IOV DOMNA* - Imperador César Lúcio Septímio Severo / Júlia Domna. No reverso está Hécate de pé à esquerda, segurando uma pátera e uma tocha, com um altar iluminado a seus pés junto a legenda: *EIII IIPY LEONTOC TOY ALEKEOY CTPATONIKEQN* - Sob a administração do Prítanis Leôn, filho de Alexios, de Estratonicéia. Conforme o anverso, a cunhagem mais uma vez demonstra que Estratonicéia mantinha cargos de magistratura nos moldes gregos, como o Prítanis. Para Arnold Hugh Martin Jones (1940, p.174), muitas cidades ao ficarem sob o domínio romano, estabeleceram uma relação de reciprocidade administrativa com Roma, conseguindo manter seus títulos locais, inclusive nos governos de Septímio e Caracala.



Figura 8 - Moeda AE número 3; Material: bronze; Período: 193 - 211 EC;
Região: Cária; Referência: SNG Munich 421; Karl collection 291

Em nosso catálogo este modelo de emissão se repete na moeda 4⁶⁰ (fig.8). No anverso visualizamos o busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda, seguida da legenda: *AY KAI CEYHPOC IOYAI AOMNA* - Imperador César Severo / Júlia Domna. Por outro lado, no reverso vemos Hécate com lua

⁵⁹ Vide ficha 3, no apêndice A, p.95.

⁶⁰ Vide ficha 4, no apêndice A, p.97.

crescente e kalathos, segurando pátera e tocha junto à legenda: *ΕΠΙ ΓΡΑ ΙΑΧΟΝΟC ΤΟΥ [ΚΑΕ]ΟΒΟΥ CΤΡΑΤΟΝΙΚΕΩΝ* - Sob a administração do escriba Jasão, filho de Kleobos, de Estratonicéia. Bennet (2010, p.262-263; p.265) aponta que a quantidade expressiva de moedas emitidas contendo o nome de magistrados no reverso destas cunhagens envolve uma disputa “intraelite”. Para o autor a expansão dos santuários de Hécate em Lagina e Zeus em Panamara aumentava os níveis de beneficência competitiva entre a aristocracia regional associada a esta expansão. Além disso, outra possibilidade é que a produção destas moedas não era primariamente econômica. É mais provável que a explicação para estas emissões resida nas atividades religiosas das elites locais, tendo em vista que os indivíduos atestados nas moedas provinham de famílias influentes com fortes laços com os santuários em Lagina, templo associado à cidade de Estratonicéia. Portanto, as moedas podem ter sido cunhadas especialmente para liquidar um pagamento em nome de um dos santuários: Lagina ou o santuário de Zeus em Panarama, ou até mesmo para financiar uma distribuição cívica na região.



Figura 9 - Moeda AE número 4: Material: bronze; Período: 193 - 211 EC;
Região: Caria; Referência: SNG Cop 507

Na moeda 12⁶¹ (fig.9) obtivemos a seguinte iconografia no anverso: bustos de Caracala e Geta de frente e a legenda e no reverso percebemos no Hécate com lua crescente e *kalathos*, segurando pátera e tocha, cão a seus pés. Na legenda do anverso aparece: *MAP AY ANTON* -

⁶¹ Vide fica 12, no apêndice A, p.113.

MAP(KOΣ) AY(TOKPATΩP) ANTΩN(EINOS) - Marco Aurélio Antonino Augusto, e no reverso consta: *EIII EIIITYNXANONTOS TOY ΦΙΑΩΝΟΣ ΣΤΡΑΤΟΝΙΚΕΝ* - Sob a administração de Filon, que exercia o cargo, de Estratonicéia. Nesta moeda é perceptível que a imagem de Geta foi apagada da cunhagem original, o que revela a política de *damnatio memoriae* realizado por Caracala após ter assassinado seu irmão. Gonçalves ressalta (2013, p.212) que aliada ao decreto do Senado, Caracala ordenou fundir moedas que portavam a efígie de Geta, martelar as imagens de pedra e reiterar as inscrições, proibiu que autores literários utilizassem o nome de Geta em suas obras, findou a comemoração do aniversário do mesmo e foram confiscados os bens de todos aqueles que em seu testamento deixavam algo para Geta.

Marco Aurélio Antonino Augusto refere-se a Caracala. Gonçalves (2013, p.80-81) evidencia que Septímio mudou o nome do seu filho mais velho em 196 EC para Marco Aurélio Antonino com a finalidade de criar uma ideia dinástica mais ampla. Ao retomar a perspectiva comparativa do título de Antonino àquele de Augusto, Severo trouxe à tona a ação de Antonino Pio ter legado seu governo para dois filhos adotivos: Marco Aurélio e Lúcio Vero. De forma semelhante o *princeps* queria deixar para seus dois filhos, Caracala e Geta, o mesmo que Antonino Pio deixou, a possibilidade de governar o Império de maneira compartilhada. Em síntese, Septímio queria adentrar na família dos Antoninos na sua completude e não apenas se vincular à figura de Marco Aurélio.



Figura 10 - Moeda AE número 12: Material: bronze; Período: 211 - 212 EC;
Região: Caria; Referência: SNG von Aulock 2686

Seguimos com nossa análise com a moeda 13⁶² (fig.10). No anverso é representado o Bustos de Caracala e Plautila de frente, com a legenda reconstruída: [AYTOKPATΩP KAIΣAP M AYP ANTΩ]NEINOΣ KAI ΘEOΣ ΣEBAΣTOΣ NE[POYA ΠAAYT]IAAA - Imperador César Marco Aurélio Antonino e o divino Augusto Nerva Plautila. No reverso encontramos Hécate com crescente e kalathos, segurando pátera e tocha, cão a seus pés, seguido da legenda: CTPATONEIKEΩN EIII TΩN ΠEPT B KA ΔION[YCIOY] - Sob a administração de Pertinax, o magistrado Dionísio, dos Estratonikeanos. Novamente a moeda plasma um magistrado da cidade, algo recorrente em nosso catálogo. O título divino Augusto sugere que há alguma figura ou referência a alguém deificado na moeda, podendo ser Septímio Severo ou Pertinax. A seguir pela datação do nosso catálogo, acreditamos que seja Severo. Ou seja, provavelmente esta moeda foi emitida após a *consecratio* dele, sendo cultuado a partir de então como um *divus*, transformando dessa forma a essência de seu culto imperial que lhe era prestado. Como denota Gonçalves (2013, p.168) recebia um templo específico, sacerdotes para o seu serviço de culto, celebrações e festividades, que inseriram o *princeps* morto na memória oficial dos romanos, incluindo o uso da moeda como suporte para este fim.

A figura de Plautila no anverso revela uma figura importante da *domus* imperial severiana. Após casar-se com Caracala, se divorciou do herdeiro imperial devido ao pai, o prefeito do pretório Plautiano, ter sido acusado de traição por Septímio Severo, sendo ela exilada na ilha de Lípári e posteriormente morta a mando de Caracala na época que este já era imperador. Além disso, os nomes de Plautiano e de sua família foram apagados de todos os monumentos e suas estátuas foram destruídas, sofrendo o decreto de *damnatio memoriae* (Gonçalves, 2013, p.99).

⁶² Vide ficha 13, no apêndice A, p.115.



Figura 11 - Moeda AE número 13: Material: bronze; Período: 211 - 217 EC;
Região: Caria; Referência: SNG von Aulock 2686

Por fim, apresentamos a moeda 15⁶³ (fig.11) cujo anverso exibe os bustos de Caracala e Plautila de frente, com cabeça de Atena ou Roma com capacete no centro e a legenda: *AY KAI M AYP AN KAI OE CEB NE OE OY* - Imperador César Marco Aurélio Antonino e o divino Augusto Nerva / Do Deus. E no reverso constatamos Hécate com crescente e *kalathos*, segurando pátera e tocha, cão a seus pés e a legenda: *CTPATONEIK[EON EIII TON IEPT] B KA AIONYCIOY* – Dos Estratonikeanos, sob a administração de Cláudio Dionísio, durante o governo de Pertinax.

Para Makbule Ekici (2013, p.51) a cabeça de Atena ou Roma no centro da moeda, entre Caracala e Plautila, é uma contramarca. Em vista disso, Hadiye Turkmen (2004, p.43) define a contramarca como um pequeno carimbo aplicado posteriormente a uma moeda já cunhada e pronta para circulação, podendo ser uma letra, a cabeça de um deus/deusa, um animal entre outros. Entre as principais finalidades da contramarca estão: a garantia da recirculação de uma moeda retirada de circulação ou desgastada, da sua validade fora do local onde a moeda foi cunhada e apontar uma mudança no valor unitário. Na Ásia menor durante o domínio do Império Romano o objetivo nesta aplicação é garantir que as moedas retiradas ou prestes a

⁶³ Vide ficha 15, no apêndice A, p.119.

serem retiradas de circulação permanecem em circulação, indicando mudanças no seu valor unitário.

Howgego (2005, p.140) no catálogo “*Greek Imperial Countermarks: Studies In The Provincial Coinage Of the Roman Empire*” (2005) segue a linha de raciocínio de Ekici e elenca que esta contramarca aparece no anverso de outras emissões da cidade de Estratoniceia sob o domínio dos Severos, seguindo os seguintes padrões: Caracala e Geta, Septímio Severo, Severo e Júlia Domna e Septímio Severo e Geta.



Figura 12 - Moeda AE número 15: Material: bronze; Período: 211 - 217 EC;
Região: Caria; BMC 65; SNG vA 2694, 2695

A inscrição *ΘΕΟΥ* no anverso da moeda 16 é apontado por Howgego (2005, p.209), como se referindo a deusa Hécate. No entanto *ΘΕΟΥ* (*Theos*) é um genitivo singular que se traduz “do deus”, fazendo referência a um elemento masculino. Desse modo, concebemos este fragmento como sendo uma alusão a um deus ou algum homem divinizado. Na alegação de Gonçalves (2003, p.74; p.171), o culto a um imperador elevado a *divus* não tinha uma modelo universal, cada cidade ou província fazia seu culto conforme seus rituais mais tradicionais. Em muitas cidades do oriente, os imperadores vivos ou mortos eram cultuados com o epíteto de *theos*. A partir do período de cunhagem da moeda 15 não podemos afirmar com certeza se tal epíteto se refere a Caracala, neste momento em vida ou a Septímio Severo já divinizado. O fato é que este título conferia a Caracala legitimidade e a garantia da sua *auctoritas*, principalmente se a moeda tiver sido emitida após a apoteose de Severo na posição de um *divi filius*, pois o

aspirava ao poder universal, passando por qualquer limitação legal de poder, dando poderes perpétuos ao *princeps*. Além disso, expressava a promessa de seguir o governo virtuoso do pai, tendo em vista que só os governantes virtuosos poderiam virar *divi*.

Essas cunhagens transmitiam uma mensagem clara e produziam efeito no público. Luis Miguel Pereira Lacerda (2023, p.36) evidencia que a moeda fazia parte de uma narrativa, criando canais de comunicação e receptação entre a sociedade e o poder instituído. Temas como sucessão imperial e poder imperial eram representados nestes objetos tão populares no mundo romano. E era necessário que elas acessassem os cantos mais distantes de Roma, como nas cidades provinciais, inserindo os discursos de poder vigentes e as ideologias imperiais, através dos conjuntos de imagens e representações.

Ademais, segundo Howgego (1995, p.75), os aspectos mais marcantes no conjunto iconográfico eram as abreviações tanto da imagem quanto da inscrição, com a motivação de divulgar o maior número possível de informações na moeda. Estas dinâmicas são perceptíveis nas cunhagens de nosso *corpus documental*.

Nesse ínterim, como percebemos Estratonicéia adaptou suas singularidades ao plano político Severiano, procurando imageticamente associar o culto mais importante da cidade, o da deusa Hécate aos Imperadores Severos e aos membros da *domus* imperial. Com isso havia um esquema político estabelecido, que visava legitimar o poder do Imperador e sua família nas moedas locais, ao mesmo tempo que a administração associada a uma elite regional, se asseguravam como influentes e poderosos no território através da ideologia destas cunhagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de nossa pesquisa perpassou pela análise numismática a fim compreender como a deusa Hécate foi selecionada pelos Severos para integrar as cunhagens imperiais. Tal pesquisa refletiu dificuldades de acesso no que tange ao acesso às moedas de nosso *corpus documental*, tendo em vista quem em nossos esforços não foi possível verificar se há recorrência das peças nos acervos museológicos e científicos do Brasil e nem analisar presencialmente, uma vez que elas estão inseridas publicamente apenas no formato digital no banco de dados numismáticos da American Numismatic Society. Além disso, outro aspecto que trouxe desafio em nosso estudo, foi a compreensão dos artefatos levantados para nossa análise, em função da escassa contextualização das moedas, primeiro porque não havia uma profundidade no acervo a qual estávamos tratando e segundo que as poucas bibliografias que encontramos estavam majoritariamente na língua turca o que resultou na necessidade de utilizar dicionários e ferramentas eletrônicas de tradução que viabilizasse a pesquisa.

Nesse sentido, foi fundamental elaborar as características fundamentais da identidade e do governo dos Imperadores Severos no Principado Romano, por meio da documentação histórica e da bibliografia disponível. Observamos tal dinastia como o primeiro a inserir um Africano, Septímio Severo no cargo imperial, bem como a presença marcante de uma mulher síria, a Imperatriz Júlia Domna sob esta mesma dinastia. Em relação isso, demarcamos a figura de Júlia Domna nas moedas como algo a ser construída em pesquisas futuras, pois a numismática aliada a História, Arqueologia e Antropologia, poderá resultar em discussões pertinentes a respeito de gênero, poder e política nas cunhagens romanas a partir dessa personagem tão interessante e importante do Principado Romano.

Vimos também que demais membros da dinastia dos Severos expressaram anseios semelhantes à de Septímio e Domna posteriormente, como Júlia Mesa e Heliogábalo que foram representados por seus contemporâneos muitas das vezes como destoantes das práticas estabelecidas como correta, o *mos maiorum*. Principalmente Heliogábalo foi tido como subversivo por Dião Cássio e Herodiano, atrelando seu comportamento oriental à postura de efeminado, algo impensável para o *princeps*. O que nos revela também, que estes escritores construíram seu próprio discurso e retórica baseados em seus interesses e percepções singulares

a respeito de como o Imperador deveria se projetar frente a sociedade e a esfera mais tradicional de Roma, como o Senado.

Ademais, foi exposto as várias formas que a Dinastia se alicerçou para legitimar o seu poder após uma tensa crise de sucessão com a morte de Cômodo e depois a de Pertinax. Elas são refletidas pelo título adotado por Septímio, como Vingador de Pertinax, por exemplo. Mas também pela vinculação dos Severos pelos Antoninos, plasmado pela ideia de continuidade o que levou a auto adoção de Severo, o tornando filho de Marco Aurélio e a mudança do nome de seu herdeiro Caracala para Marco Aurélio Antonino.

Outrossim, nosso trabalho buscou refletir as faces da deusa Hécate no bojo do mundo greco-romano. Dado o nosso interesse, isto é, investigar o motivo de haver tantas moedas representando a deusa no reverso das cunhagens emitidas pela antiga cidade de Estratonicéia sob o período dos Severos, foi essencial mapear os principais atributos da divindade. Nesse ínterim, estes símbolos típicos de Hécate estão inseridos nos mais variados suportes da Cultura Material e incluso nas moedas da Antiguidade, o que favoreceu uma rica análise iconográfica da representação da deusa nas cunhagens de Estratonicéia.

Ao longo deste trabalho, foi possível estabelecer um olhar interdisciplinar entre as pesquisas numismáticas, históricas e arqueológicas. Nesse aspecto, é preciso reverenciar a visão do pesquisador e sua análise em relação a importância do patrimônio para a sociedade, frisamos aqui a fundamentação da cultura material. O campo da numismática, não tem unicamente o objetivo de pesquisar o passado e o patrimônio, mas sim veicular o conhecimento e propiciar a valorização do patrimônio numismático, ampliando para políticas de preservação e evidenciando a relevância dessas peças para nosso entendimento do passado.

Ao refletir sobre o desenvolvimento de criação e sistematização do conhecimento na esfera da numismática, não podemos negar a importância da catalogação. Ela é fundamental para a organização e administração de coleções numismáticas, seja em um museu ou em uma coleção pessoal. A metodologia desta pesquisa se deu a partir da prática de extrair características singulares de cada moeda como material, condição, contexto e intencionalidade. Esses aspectos devem ser claramente identificados e documentados. A catalogação contribui para a ampliação do conhecimento numismático, pois um catálogo bem construído fornece uma base sólida para as análises das moedas, possibilitando que os pesquisadores acessem prontamente informações detalhadas sobre cada artefato. Assim, é possível identificar padrões,

identificar raridades e achar novos elementos que nos levam além da numismática, tendo em vista que as moedas são entradas para entender toda a complexidade do passado.

Diante disso, o catálogo nos permitiu assentar, de forma detalhada, a representação de Hécate nas cunhagens no Mediterrâneo Antigo, em especial a da cidade de Estratonicéia na região da Cária, sob o domínio dos Imperadores Severos. Nesse âmbito, observamos que o papel da divindade no processo de legitimação estava na sua associação com uma elite regional que tradicionalmente era composta por figuras ligadas à administração da cidade e que assim um dos suportes utilizados para veicular suas prerrogativas frente ao poder romano era a moeda. A devoção à deusa na cidade de Estratonicéia era uma estratégia de tentar assegurar domínio no território, ao mesmo tempo que corrobora com o relacionamento histórico do local com Roma, neste período sob o governo dos Severos.

A análise das cunhagens de Hécate nas emissões de Estratonicéia permitiu um estudo cuidadoso do período e do contexto histórico. O que demonstra que moedas se apresentam como ferramentas importantes em nossas investigações historiográficas. Em suma, o estudo das moedas de Hécate sob os Severos, juntamente com a compreensão do conjunto iconográfico e epigráfico de tais emissões, possibilitou evidenciar que as moedas são um portal precioso para o passado e um recurso maravilhoso para nossas pesquisas, revelando dinâmicas políticas, sociais e culturais das sociedades antigas e de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

Documentação Histórica:

CASSIUS. Dio. **Roman History**. Translated by Earnest Cary. Loeb Classical Library. 1927. Disponível em: [LacusCurtius • Cassius Dio's Roman History](#). Acesso em 4 jun. 2025.

HERODIAN. **Herodian of Antioch: History of the Roman Empire**. Book 2. Translated by Roger Pearse. Harvard University Press. 2007. Disponível em: [Herodian of Antioch, History of the Roman Empire \(1961\) pp.43-76. Book 2](#). Acesso em: 4 jun. 2025.

Bibliografia:

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. Plutarco e as biografias vitorianas no século da História. **Revista de História Comparada**, v. 2, n. 2, p. 2, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4813045>. Acesso em: 18 de out. 2025.

ARDANAZ, Santiago Fernández; FERNÁNDEZ, Rafael González. El consensus y la auctoritas en el acceso al poder del emperador Septimio Severo. **Antigüedad y cristianismo**, n. 23, p. 23-37, 2006. Disponível em: <https://revistas.um.es/ayc/article/view/49371>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ARGÜÍN, A. Raúl Menéndez. Administración de la logística militar romana durante el Principado (ss. I-III dC). **Florentia Iliberritana**, n. 17, p. 153-167, 2006. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/florentia/article/view/4169>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ARANHA, Paula de Jesus Moura. **A representação simbólica da ninfa Aretusa nas cunhagens de siracusa como fator de identificação no século V a.C.: as emissões da dinastia Deinomenide**. 2016. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BACKX, Isabela. Patrimônio Arqueológico. *In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. (org). **Dicionário Temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas. Editora: Unicamp, 2020. Cap.2. p.35-38.*

BARBOSA, Leandro Mendonça. Hécate até o período clássico grego: a magia como apenas mais uma de suas funções. *In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; MOTA, Arlete José. **Trivia: estudos interdisciplinares sobre as práticas da magia na Antiguidade**. Rio de Janeiro: Univassouras. 2023. p. 35-46.*

BARBOSA, Leandro Mendonça. **Representações do tectonismo na cultura grega (séculos VIII-V A.C)**. 2014. 556 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade Letras - Departamento de História, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

BARROS, José D.'Assunção. História da Cultura Material: notas sobre um campo histórico em suas relações intradisciplinares e interdisciplinares. **Petrópolis: Vozes**. 2004.

BENNETT, R. G. Local Elites and local coinage: **Elite Self-Representation on the Provincial Coinage of Asia 31 BC- AD 275**. 2010. 347 fls. Tese (Doutorado). Thesis submitted for the Degree of Doctor of Philosophy at the University of Oxford: Trinity Term. Universidade de Oxford. Oxford. 2010.

BIRLEY, A. **Septimius Severus: The African Emperor**. London: Eire and Spottiwoode, 2000.

BORGES, Airan dos Santos; CAMPOS, Carlos Eduardo da. Ensino de História Antiga e as potencialidades da Cultura Material: experiências e reflexões. *In: BUENO, André; CAMPOS, Carlos Eduardo da; BORGES, Airan. (org.). **Ensino de História Antiga**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens. 2020.*

BOWERSOCK, Glen Warren. **Greek sophists in the Roman Empire**. Oxford University Press, 2003.

BURGOS, Alejandro Pool. Divinidades lunares en la moneda romana imperial y provincial. **Revista Numismática OMNI**, Espanha, ISSN-e 2104-8363, Nº. 11, 2017, pág. 127-146. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6070773>. Acesso em: 18 out. 2025.

CAMPBELL, Brian. The Severan Dynasty. in: BOWMAN, A.K; GARNSEY, P.; CAMERON, A. **The Cambridge Ancient History: The Crisis of Empire AD 193-337**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005, p. 1-27.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. As duas faces da moeda: considerações sobre a numismática romana para as pesquisas históricas. In: BUENO, Gustavo; DURÃO, Gustavo. **Novos olhares para os antigos: interpretações da antiguidade no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Sobre Ontens. 2018. p. 367-409.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. – I d.C.)**. 2013. 251 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. Historiografia Romana: considerações para o ensino e pesquisa sobre o Principado de Otávio Augusto. In: Leandro Hecko. (Org.). **Antiguidades e usos do passado ? temas e abordagens**. 1ed. São João de Meriti: Desalinho, 2019, v. 1, p. 51-81.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos *quattuor amplissima collegia sacerdotum romanorum* (29 AEC - 14 EC)**. 2017. 397 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. **Moedas: A numismática e o estudo da História**. 1º Ed. São Paulo: Editora Annablume, 2012.

CARNEVALE, Tricia Magalhães. **Hekate de deusa ctônica dos atenienses do período clássico a deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente**. 2012. 236 fls. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ).

CARRASCO, N. L. **La diosa hécate griega: delimitación de los perfiles astral y mágico de la divinidad**. Tese (Doutorado). Facultad de Filosofía y letras: estudios avanzados en humanidades: historia, arte, filosofía y ciencias de la antigüedad. Universidade de Málaga. Málaga, 2022.

CARVALHO, Thais Rocha. **Perséfone e Hécate: a representação das deusas na poesia grega arcaica**. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CERRI, Luiz Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 8 set. 2025.

COIMBRA, Álvaro da Veiga. Noções de Numismática (VIII). **Revista de História**, São Paulo, v. 15, n. 32, p. 491–538, 1957. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1957.106230. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/106230>. Acesso em: 14 mai. 2025.

CORRÊA, Ariel Garcia. **As perspectivas elaboradas por Dião Cássio e Herodiano sobre as práticas político-culturais do imperador Heliogábalo (séc. III dC)**. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP/Franca, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2019.

DI COSMO, Antonio Pio. Le idiosincrasie connesse alla morte e la divinizzazione dell’augusto. Il ‘doppio’ corpo dell’imperatore: un presunto tentativo di superamento del decesso. **Nova tellus**, v. 39, n. 1, p. 131-170, 2021. Disponível em:

https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0185-30582021000100131&script=sci_arttext&tlng=it. Acesso em: 18 out. 2025.

DINUCCI, Aldo. O sonho dos ombros de marfim: Marco Aurélio frente à missão do governar Roma. **Prometheus - Journal of Philosophy.**, [S. l.], v. 16, n. 45, 2024. DOI: 10.52052/issn.2176-5960.pro.v16i45.21752. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/prometeus/article/view/21752>. Acesso em: 24 jun. 2025.

EKICI, Makbule. Karia sehir Sikkieleri ve Lagina'da Bulunan Sikkelerin Degerlendirilmesi. 2013. 284 f. Tese (Doutorado em Arqueologia Clássica) -Sosyal Bilimler Enstitusu Arkeoloji Anabilim Dali Klasik Arkeoloji Bilim Dali, Selcuki Üniversitesi, Konya, 2013.

ENCARNAÇÃO, José d'. Cursus honorum senatorial. **Estudos Clássicos-Boletim**, n. 47, p. 63-67, 2007. Disponível em: <https://baes.uc.pt/handle/10316/87092>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ESTELLER, Lorena. Identidad y memoria como principio de legitimación. El caso de la construcción del poder imperial de Septímio Severo. **De Rebus Antiquis**, n. 4, p. 68-77, 2014. Disponível em: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/DRA/article/view/2818>. Acesso em: 12 abr. 2025.

FERNÁNDEZ, Rafael González; NAVARRO, Pedro David Conesa. Plauciano: la amenaza de la domus severiana. **Potestas**, n. 7, p. 27-50, 2014. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Potestas/article/download/301154/390629>. Acesso em: 21 de jul. 2025.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2.e.d., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura Material e patrimônio científico: discussões atuais. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (org.). **Cultura**

Material e patrimônio da ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de astronomia e ciências afins - MAST. 2009.

FURLANI, João Carlos. As moedas romanas e os estudos numismáticos contemporâneos. **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 15, p. 218-225, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/30878>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FRÈRE, Hubert. **Numismática: uma introdução aos métodos e à classificação.** Sociedade numismática brasileira; Séminaire de numismatique Marcel Hoc, 1984.

GARCÍA, María Luz Husillos. La numismática como recurso para la impartición de la materia de Cultura Clásica: una propuesta didáctica. **Thamyris, nova series: Revista de Didáctica de Cultura Clásica, Griego y Latín**, n. 13, p. 1-44, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8789975>. Acesso em: 08 set. 2025.

GARCÍA, Paloma Aguado. **Religión y política religiosa del emperador Caracalla.** 2000. 400 f. Tese (Doutorado em História Antiga) - Faculdade de Geografia e História, Universidade Complutense de Madrid, Madrid, 2000.

GARRAFFONI, Renata Senna. Cultura material greco-romana: algumas reflexões acerca do ensino e pesquisa de Arqueologia Clássica no Brasil. **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 2, p. 219-230, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/7418>. Acesso em: 09 jun. 2025.

GOERGEN, Pedro. De Homero e Hesíodo ou das origens da filosofia e da educação. **Proposições**, v. 17, n. 3, p. 181-198, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643615>. Acesso em: 18 de out. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A juventude dos imperadores romanos Caracala e Geta: questões políticas, familiares e numismáticas. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**,

[S. l.], n. 16, p. 101–120, 2020. DOI: 10.17648/rom.v0i16.31910. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/31910>. Acesso em: 4 jun. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **A noção de propaganda e sua aplicação nos Estudos Clássicos: o caso dos Imperadores Romanos Septímio Severo e Caracala**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Entre a Lembrança e o Esquecimento: Construindo e Apagando Memórias Da Damnatio Memoriae de Geta. **Hélade**. 4. 2003-4. p. 12-25. 2003. Disponível em: http://www.helade.uff.br/helade_volume4_artigo003.pdf. Acesso: em 12 abr. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *Funus imperatorum*: uma análise da cerimônia de apoteose do imperador Septímio Severo. **PHOÏNIX**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-36, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/download/65030063/36332_97331_1_SM.pdf. Acesso em: 12 abr. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Jogos do poder: Relações sociopolíticas nos governos de Septímio Severo e Caracala. **História Revista**, Goiânia, v. 4, n. 1, 2010, p. 115-132. DOI: 10.5216/hr.v4i1.10609. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10609>. Acesso em: 12 abr. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. O imperador africano: Lúcio Septímio Severo e a reconstrução de Leptis Magna. Anais do IV Encontro do GT de História Antiga e Medieval da ANPUH/SC. In: **Anais** do IV Encontro do GT de História Antiga e Medieval da ANPUH/SC. 2020, Santa Catarina. Anais [...]. Biblioteca Universitária da FURB. 2020, p. 28-40. Disponível em: https://c2788e49-e781-4d26-a18d-de8887c3c74e.filesusr.com/ugd/ab4267_0c626760934741439f0195370ffc2760.pdf. Acesso em 09 jun. 2025.

GONÇALVES, Ana Tereza Marques. Os Senadores e a Amicitia Imperial no período severiano. **Dimensões**, n. 6, 1998, p. 151-164. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2275>. Acesso em: 12 abr. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os Severos. In: BRANDÃO, J. L.; OLIVEIRA, F. (org.). **História de Roma Antiga: Império e Romanidade Hispânica**. Vol II. Coimbra: Coimbra University Press, 2020. p. 233- 248.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Poder e propaganda no período severiano: a construção da imagem imperial. **Politeia - História e Sociedade**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3966>. Acesso em: 16 out. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Reencontrando Júlia Mesa: articuladora política, irmã de Imperatriz e avó de dois Imperadores Romanos (sécs. II-III d.C.). **Revista de História**, São Paulo, n. 184, p. 1–27, 2025. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2025.219543. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/219543>. Acesso em: 14 maio. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Rupturas e continuidades: os Antoninos e os Severos. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2007. Disponível em: <https://revistafenix.emnuvens.com.br/revistafenix/article/view/761>. Acesso em: 16 out. 2025.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Septímio Severo e a Consecratio de Pertinax: Rituais de morte e poder. **História (São Paulo)**, v. 26, p. 20-35, 2007. DOI: 10.1590/S0101-90742007000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/JR9fhnGDBSKQMOpmjDhSqcy/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**, São Paulo: Contexto, 1988

GRUBER, Ethan *et al.* Linking Roman coins: current work at the American Numismatic Society. In: EARL, Graeme *et al.* (org). **Archaeology in the Digital Era**. Southampton: amsterdam university press. 2012. p. 249-258.

GUERRERO, Consuelo Isabel Caravaca. Aproximación a la figura de una matrona romana culta y poderosa. El caso de Julia Domna. **Panta Rei. Revista digital de Historia y Didáctica de la Historia**, v. 8, p. 25-37, 2014. Disponível em: <https://revistas.um.es/pantarei/article/view/446771>. Acesso em: 23 jun. 2025.

HERRING, Amanda. Hekate of Lagina: a goddess performing her civic duty. *Anatolian Studies*. 72: 1-25. August 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362771103_Hekate_of_Lagina_a_goddess_performing_her_civic_duty#:~:text=As%20a%20goddess%20who%20oversaw,world%2C%20particularly%20their%20imperial%20rulers. Acesso em: 18 de out. 2025.

HERRING, Amanda. Reconstructing the sacred experience at the Sanctuary of Hekate at Lagina. **Journal of the Society of Architectural Historians**, v. 79, n. 3, p. 247-263, 2020. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/jsah/article-abstract/79/3/247/111804>. Acesso em: 18 out. 2025

HIDALGO DE LA VEGA, María José. **Las emperatrices romanas. Sueños de púrpura y poder oculto**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012.

HOWGEGO, Christopher. **Ancient History from Coins**. London: Routledge, 1995.

JANISZEWSKA-SIENKO. JANISZEWSKA, D. Damnatio memoriae i renovatio memoriae w polityce cesarza Septymiusza Sewera, in: **Damnatio memoriae w europejskiej kulturze politycznej**, red. R. Gałaj-Dempniak, D. Okoń, M. Semczyszyn, Szczecin, p. 69-78, 2016.

JANISZEWSKA-SIENKO, Daria. The Ideology of the Victory of the Emperor Septimius Severus in the Period 193-197 AD in Numismatic Sources, in: **Studia Lesco Mrozewicz ad**

amicis et discipulis dedicata, ed. S. Ruciński, K. Balbuza, K. Królczyk, Poznań 2011, p. 145-151

JONES, A. H. M. **The Greek City from Alexander to Justinian**. Oxford: Clarendon Press, 1940.

LE GALL, J., & LE GLAY, M. **El imperio romano, el alto imperio romano, desde la batalla de Actium hasta la muerte de Severo Alejandro (31 a.C.- 235 d.C.)**. Madrid: Akal, pueblos y civilizaciones VI, 1995.

LIMA NETO, Belchior Monteiro Lima. A construção do espaço como estratégia política: A romanização da paisagem urbana de Lepcis Magna (Sécs. I A.C.-II D.C.). In: NETO, Belchior Monteiro Lima; SILVA, Érica Cristhyane Moraes da; SILVA, Gilvan Ventura da. (orgs). **Formas e Imagens da cidade antiga**. Vitória: Editora Milfontes, Coleção Lux Antiquitatis. p. 173-200.

MARTÍNEZ, José María Blázquez. Leptis Magna. Patria de Septimio Severo. **Revista de arqueología**, ISSN 0212-0062, Año nº 23, Nº 250, 2002. pag. 32-43. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/research/leptis-magna-patria-de-septimio-severo--0/ef78ab97-34f1-4ef1-8a39-a3bf1bcf9dd4.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2025.

MARTÍNEZ, M. M. R. Propaganda dinástica, militar y religiosa en las monedas de Julia Domna. **Espacio, Tiempo y Forma**, n. 30, p. 299-321, 2017. Doi: 10.5g44/etfii.30.2017.18852. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/1973738280?pq-origsite=gscholar&fromopenview=true&sourcetype=Scholarly%20Journals>. Acesso em: 35 mai. 2025.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p. 103-117, 1983. Doi:10.11606/issn.2316-9141.v0i115p103-117. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/views/61796>. Acesso em: 09 jun. 2025.

MOLINA, Alejandro Bancalari. Derecho romano o derecho local. Controversia a partir de la *Constitutio Antoniniana De Civitate* de Caracalla. **Stylos**, v. 9, n. 2, p. 385-402, 2000. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2410567>. Acesso em: 23 jun. 2025.

NAVARRO, Pedro David Conesa. La maternidad como instrumento propagandístico: Julia Domna, la primera emperatriz de la dinastía de los severos. In: NAVARRO, Pedro David Conesa; BERNAL, Rosa María Gualda; GARCÍA, José Javier Martínez. (orgs). **Género y mujeres en el mediterráneo antiguo: iconografías y literaturas**. Murcia: Editora: Compobell S.L, 2019. p.71-92.

NAVARRO, Pedro David Conesa. La Prefectura del Pretorio: Auge y “declive” de un cargo militar romano. **Antigüedad y Cristianismo**, n. 29. 2012. p. 375-406. Disponível em: <https://revistas.um.es/ayc/article/view/37904>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LACERDA, Luis Miguel Pereira. **As divindades na legitimidade do poder do princeps Augusto (27 a.C.- 14 d.C.): um estudo a partir do acervo do museu histórico nacional**. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos. 2023. 64 f. Monografia (Graduação) - História, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n.1, p.11-23, jan-abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/899PQPGsVV5WGXNyXqzhwc/?format=pdf>. Acesso em: 35 mai. 2025.

ORTUÑO, Ethan Calero *et al.* Algunas consideraciones sobre los vínculos políticos de septimio severo. Convergencia y transversalidad en humanidades: actas de las VII jornadas de investigación de la facultad de filosofía y letras de la universidad de alicante. In: Convergencia y transversalidad en humanidades: actas de las VII jornadas de investigación de la facultad de

filosofía y letras de la universidad de alicante, 2018, Alicante. **Actas[...]**. Alicante: Editora Compobell S.L Murcia, 2018. p. 243-248. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/handle/10045/74188>. Acesso em: 23 jun. 2025.

PELLETIER, André. La colonie de Lgdvvnvm histoire. In: PELLETIER, André. Lugdunum. Lyon. Persée-Portail des revues scientifiques en SHS, 1999. P. 24.

POIATI, João Guilherme Poiati. **As moedas do Imperador Tibério no Museu Histórico Nacional (14-37EC): divulgação científica e humanidades digitais aplicadas ao patrimônio numismático**. 2014. 138 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Faculdade Ciências Humanas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 4, p. 265-282, 1996.

REINHARD, Andrew *et al.* WISHES GRANTED: The ANS and the NEH. In: **National Endowment for the Humanities. Announces: New Grant Recipients**. 2017, p.7-28. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/84829635/NEH-Article-ANS-Magazine.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

ROLLAND, Yves. Os rituais funerários em Lyon na época romana. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Brasil, n. 32, p. 108–119, 2019. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2019.164246. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/164246>. Acesso em: 4 jun. 2025.

ROSA, Diego Souza da. **A Saque Gaulês a Delfos: memória e identidade helênica na perieges hellados de Pausânias**. 2021. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ROWAN, Clare. The public image of the Severan women. **Papers of the British School at Rome**, v. 79, p. 241-273, 2011. doi:10.1017/S0068246211000031. Disponível em:

<https://www.cambridge.org/core/journals/papers-of-the-british-school-at-rome/article/public-image-of-the-severan-women/FAB3178430B34D0A20BA0833DC65F891>. Acesso em: 18 out. 2025.

RUBIO, Sergio. Severo Alejandro, una imagen idealizada de emperador Magno. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39782627/Severo_Alejandro_una_imagen_idealizada_de_emperador_Magno. Acesso em: 12 abr. 2025.

SAAVEDRA-GUERRERO, Daría. Septimio Severo, Julia Domna y Plauciano: El juego de la traición en la domus aurea. **Gerión**, v. 27, n. 1, p. 251-261, 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38835592.pdf>. Acesso em: 21 de jul. 2025.

SALEMA, Vivian de Azevedo Garcia. O mito de Orfeu nas Metamorfoses de Ovídio. **PRINCIPIA**, n. 29, p. 1-8, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/13982>. Acesso em: 18 de out. 2025.

SARIIZ, Emin; TEK, Ahmet Tolga. Stratonikeia Sikkeleri. In: Bilal Sogut *et al.* (Org.). **Stratonikeia Antik Donemlerden Gunumuze**. 1ed. Istanbul: Matisis A.S, 2024, p. 370-377.

SESSA, Giulia. **Figlie illustrissime: sul ruolo delle donne sacerdotesse e detentrici di cariche pubbliche nel contesto politico e sociale di efeso e stratonikeia in caria**. 2019. 227 fls. Dissertação (mestrado). Fakultät für Geisteswissenschaften Fachbereich Alte Geschichte der Universität Hamburg. Universidade de Hamburg, 2019.

SILVA, Semíramis Corsi. Identidade cultural e gênero no Principado Romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século III EC). **PHOÏNIX**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 142–166, 2020. DOI: 10.26770/phoenix.v24.2.n8. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/32381>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SILVA, Semíramis Corsi. Não me chame de senhor, pois eu sou uma senhora: a performatividade transgênero do imperador Heliogábalo (218-222). In: SILVA. S. C; ANTIQUEIRA, M. **O Império Romano no Século III. Crises, transformações e mutações**. São João de Meriti: Editora Desalinho, 2021. cap. 3, p. 89-118.

SILVA, Semíramis Corsi. **O Império Romano do Sofista Grego Filóstrato nas Viagens da Vida de Apolônio de Tiana (Século III d.C.)**. 2014. 399 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.

SILVA, Semíramis Corsi. Uma mulher síria como imperatriz romana: considerações sobre elementos do poder e da identidade cultural de Júlia Domna (século II EC). **Hélade**, v. 4, p. 32-55, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/57335383/13275-52537-1-SM2.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SOARES, Fábio Augusto Morales. **Atenas e o mediterrâneo romano: espaço, evergetismo e integração**. 2015. 397 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUZA, Alice Maria de. *et al.* As Ordens romanas e suas identidades: breve análise da relação entre cavaleiros e senadores no século II A.C. Anais do Ciclo Virtual Internacional de Comunicações de História Política. In: Anais do ciclo virtual internacional de comunicações de história política, 2021, Porto. **Anais [...]**. Porto: Editora Cravo, 2021. p. 31-38. Disponível em: https://www.academia.edu/download/70945302/O_uso_politico_do_ideal_do_martirio_n_o_m.pdf#page=33. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOUZA, Cristiano Rodrigues de. Identidades e poder nos governos de Septímio Severo e caracala: uma releitura de Herodiano e seus relatos dos *adventi*. **64º reunião anual da SBPC**, São Luís, 2012. Disponível em:

<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pivic/trabalhos/CRISTIAN.PDF>. Acesso em: 23 jun. 2025.

SOUZA, Alice Maria de. O processo de diferenciação das ordens senatorial e equestre no fim da República romana. **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 4, p. 156-170, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/9208>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de; CORDEIRO, Luiz Henrique Bonifácio. História, quadrinhos, ensino de história antiga: panorama teórico-metodológico. In: BUENO, Gustavo; DURÃO, Gustavo. **Novos olhares para os antigos: interpretações da antiguidade no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Sobre Ontens. 2018. p. 323-365.

VILLANUEVA, Mario Agudo. Hécate: entre la vida y la muerte: Hacia una lectura global de la evolución de sus atributos. **Mediterráneo Antiguo**. 2016. Disponível em: [\(PDF\) Hécate: entre la vida y la muerte. Hacia una lectura global de sus atributos](#). Acesso em: 19 out. 2025

WILLIAMSON, Christina G. Karian, Greek or Roman? The layered identities of Stratonikeia at the sanctuary of Hekate at Lagina. 50: 1-6. December 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258995656_Karian_Greek_or_Roman_The_layered_identities_of_Stratonikeia_via_the_sanctuary_of_Hekate_at_Lagina. Acesso em: 18 de out. 2025.

WITT, Peter Daniel McDearmon. **The Judicial Function of the Strategos in the Roman Period**. 1977. 274 fls. Tese (Ph.D. em History, ancient) – Duke University, [Durham], 1977.

ZAN, Adrián Gordon. La serie legionaria de Septimio Severo: muestra de fuerza militar a través de la moneda de finales del siglo II d. C. **Revista Numismática Hécate**, Zaragoza, n. 9. pág. 67-84, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8730492>. Acesso: 16 out. 2025.

APÊNDICE A – CATÁLOGO NUMISMÁTICO

Ficha nº 1:	
	
AnversoReverso	
Identificação:	
Tipo	Moeda AE
Período	Século II - III EC/ 193 EC - 211 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze
Dimensões	37 diâmetros – 31.2 gramas
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	Busto de Severo.
Reverso	Hécate com lua crescente e <i>kalathos</i> segurando pátera e tocha com cão a seus pés.
Inscrições contidas na moeda:	
Anverso	<i>Α CEII CEBHPOC ΠΕΡΤΙΝΑΧ</i> – Lúcio Septímio Severo Pertinax.
Reverso	<i>ΕΠΙ ΚΑ ΑΡΙCΤΕ [ΟΥ CΤΡΑΤ] ΟΝΙΚΕΩΝ</i> - Sob (a administração de) Cláudio Aristeides, estratega de Estratonicéia.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.48069 .

Bibliografia	Referência: SNG Cop 502 Referência: SNG vA 2665
Comentários	Este tipo de inscrição é comum em moedas gregas emitidas por cidades no período romano, indicando o magistrado responsável pela cunhagem e a cidade emissora.

Ficha nº 2:



Anverso



Reverso

Identificação:	
Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II – III EC/ 193 EC - 211 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze
Dimensões	36 diâmetros – 25.68 gramas
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	Busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda. Busto de Caracala virado para a direita na parte inferior do centro do campo.
Reverso	Hécate de pé, de frente, com pólos na cabeça, cabeça à esquerda, segurando pátera e tocha, cão de caça aos pés à esquerda.
Inscrições contidas na moeda:	
Anverso	<i>AV KAIC CEVHPOC IOYAIA AOMNA</i> - Imperador César Severo / Júlia Domna.
Reverso	<i>EPI MEL KL ARICTEOY CTRATONIKEΩN</i> - Sob (a administração de) Melitio Cláudio Aristeio, (magistrado) de Estratonicéia.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.48072 .
Bibliografia	Referência: SNG vA 2667

Comentários	Esse tipo de legenda é típico de moedas cívicas do período romano, indicando a cidade emissora (Estratonicéia) e o magistrado responsável pela cunhagem.
--------------------	--

Ficha nº 3:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II – III EC / 193 EC - 211 EC
Região	Caria
Material	Bronze
Dimensões	35 diâmetros – 32.01 gramas
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	Busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda.
Reverso	Hécate de pé, à esquerda, segurando uma pátera e uma tocha, com um altar iluminado a seus pés.
Inscrições contidas na moeda:	
Anverso	AV KAI LOY CEII CEVHROC IOV DOMNA - Imperador César Lúcio Septímio Severo / Júlia Domna.
Reverso	EIII IPY LEONTOC TOY ALEKEOY CTPATONIKEQN - Sob a administração do Prítanis Leôn, filho de Alexios, de Estratonicéia.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.48073 .
Bibliografia	Referência: SNG Munich 421 Referência: Karl collection 291

Comentários	Essa inscrição indica que a moeda foi cunhada sob a autoridade de um magistrado chamado Leôn , que era prítanis (um cargo importante na administração da pólis), na cidade de Estratonicéia . Esse tipo de legenda era comum nas moedas cívicas do período romano.
--------------------	---

Ficha nº 4:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II - III EC/ 193 EC - 211 EC
Região	Caria
Material	Bronze
Dimensões	37 diâmetros – 26.76 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda.
Reverso	Hécate com crescente e <i>kalathos</i> , segurando pátera e tocha.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	AY KAI CEYHPOC IOYAIΔOMNA - Imperador César Severo / Júlia Domna.
Reverso	ΕΠΙ ΓΡΑ ΙΑΧΟΝΟC ΤΟΥ [ΚΛΕ]ΟΒΟΥ CΤΡΑΤΟΝΙΚΕΩΝ - Sob a administração do escriba Jasão, filho de Kleobos, de Estratonicéia.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.48074 .
Bibliografia	Referência: SNG Cop 507
Comentários	Essa inscrição indica que a moeda foi cunhada sob a autoridade de um magistrado chamado Jasão , que ocupava a função de Grammateus (escriba ou secretário), na cidade de Estratonicéia . Esse tipo de legenda

	era comum em moedas cívicas do período romano, especialmente nas cidades gregas sob domínio imperial.
--	---

Ficha nº 5:



Anverso



Reverso

Identificação:	
Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II – III EC/ 193 EC - 211 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze
Dimensões	37 diâmetros – 27.75 gramas
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	Bustos de Severo e Geta virados de frente.
Reverso	Hécate segurando uma pátera sobre um altar e uma tocha.
Inscrições contidas na moeda:	
Anverso	<i>[AY K A CE CE]YHPOC [IIE AY K II CEII ΓETAC KAI]</i> - Imperador César Lúcio Septímio Severo Pertinax e Imperador César Públio Septímio Geta.
Reverso	<i>[EIII ΠPY EΠITY]NXANONTOC] Γ ΦΙΑΩNOC [CTPATONIKEΩN]</i> - Sob a administração do prítanis Gaio Filón, que exercia o cargo, dos Estratoniqueanos.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.48076 .
Bibliografia	Referência: SNG vA 2678

Comentários	A inscrição fragmentária <i>[ΑΥ Κ Α CE CE]ΥΗΡΟC [ΠΕ ΑΥ Κ Π CEΠ ΓΕΤΑC ΚΑΙ]</i> pode ser reconstruída e analisada da seguinte maneira, considerando fórmulas comuns em numismática imperial romana. Reconstrução provável: <i>[ΑΥ Κ Α CE CE]ΥΗΡΟC [ΠΕ ΑΥ Κ Π CEΠ ΓΕΤΑC ΚΑΙ][ΑΥΤΟΚΡΑΤΩΡ ΚΑΙΣΑΡ ΛΟΥΚΙΟC CEΠΤΙΜΙΟC CE]ΥΗΡΟC [ΠΕΡΤΙΝΑΞ ΑΥΤΟΚΡΑΤΩΡ ΚΑΙΣΑΡ ΠΟΥΒΑΙΟC CEΠΤΙΜΙΟC ΓΕΤΑC ΚΑΙ]</i> Esse tipo de legenda é típico das moedas cívicas gregas do período romano, indicando o magistrado responsável pela emissão monetária (prítanis Gaio Filón) na cidade de Estratonicéia. A fórmula ἐπιτυχάνοντος reforça que ele estava ativamente no cargo no momento da cunhagem.
--------------------	---

Ficha nº 6:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II – III EC/ 193 EC – 211 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze.
Dimensões	36 diâmetros – 22.77 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda.
Reverso	Hécate de pé, de frente, com polos na cabeça, cabeça à esquerda, segurando pátera e tocha, cão de caça aos pés à esquerda.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	<i>AY KAI CEYHPOC IOYAIA ΔOMNA</i> - Imperador César Severo / Júlia Domna.
Reverso	Inscrições Ilegíveis.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1953.171.822 .
Bibliografia	Referência: cf SNG Cop 506 Referência: cf SNG Lewis 1660
Comentários	Essa legenda aparece frequentemente em moedas do período severiano e faz referência ao imperador Lúcio Septímio Severo (<i>Lucius Septimius Severus</i>) e sua esposa Júlia Domna, uma das mulheres mais influentes

	do Império Romano. O título <i>ΑΥΤΟΚΡΑΤΩΡ ΚΑΙΣΑΡ</i> confirma o status imperial de Severo, e a menção a Júlia Domina indica sua importância dentro da dinastia. Esse tipo de legenda é comum em moedas romanas cunhadas em províncias gregas do Império, especialmente na Ásia Menor e no Oriente.
--	--

Prancha nº 7:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II – III EC/ 193 EC – 211 EC.
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze.
Dimensões	37 diâmetros – 21.88 gramas.
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto laureado de Severo, drapeado e coberto com capuz, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda.
Reverso	Hécate de pé, de frente, com polos na cabeça, cabeça à esquerda, segurando pátera e tocha, cão de caça aos pés à esquerda.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	<i>ΑΥ ΚΑΙ CEYHPOC IOYΑΙΑ ΔΟΜΝΑ</i> - Imperador César Severo/ Júlia Domna.
Reverso	<i>ΕΠΙ ΦΛ ΛΕΟΝΤΟC ΛΕΝΑ ΑΡΧ CΤΡΑΤΟΝΙΚΕΩΝ</i> - Sob a administração do arconte Leôn, de Estratonicéia.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1953.171.823 .
Bibliografia	Referência: SNG Cop 506 Referência: SNG Lewis 1660
Comentários	Essa inscrição segue um padrão comum encontrado em moedas cívicas emitidas por cidades gregas sob o Império Romano. Indica que a

	cunhagem ocorreu durante o governo do arconte Leôn (talvez Flávio Leôn), que era um magistrado responsável por funções administrativas e religiosas em Estratonicéia. O uso de Ἐπὶ (epi) confirma que a moeda foi emitida sob sua autoridade.
--	---

Prancha nº 8:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II EC/ 193 EC – 211 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze.
Dimensões	35 diâmetros – 18.22 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto laureado, drapeado e coberto de capuz de Severo, à direita, com o busto drapeado de Júlia Domna à esquerda.
Reverso	Hécate de pé, de frente, com polos na cabeça, cabeça à esquerda, segurando pátera e tocha, cão de caça aos pés à esquerda.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	AY KAI CEYHPOC IOYAIA ΔOMNA - Imperador César Severo / Júlia Domna.
Reverso	Inscrições Ilegíveis.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1953.171.824 .
Bibliografia	Referência: cf SNG Cop 506 Referência: cf SNG Lewis 1660
Comentários	Essa legenda aparece frequentemente em moedas do período severiano e faz referência ao imperador Lúcio Septímio Severo (<i>Lucius Septimius Severus</i>) e sua esposa Júlia Domna, a impetatriz síria que teve um notável

	poder político sob o governo de seu marido e posteriormente no governo de seu filho Caracala. Esse tipo de legenda é comum em moedas romanas cunhadas em províncias gregas do Império, especialmente na Ásia Menor e no Oriente.
--	---

Prancha nº 9:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II – III EC/ 193 EC – 211 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze.
Dimensões	37 diâmetros – 22.78 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Bustos de Geta e Caracala de frente.
Reverso	Hécate com crescente e kalathos, segurando pátera e tocha, cão a seus pés.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	Inscrições ilegíveis.
Reverso	Inscrições ilegíveis.

Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1953.171.830 .
--------------------	---

Bibliografia	Referência: SNG von Aulock 2692 Referência: BMC 68
---------------------	---

Comentários	Apesar de não ter as inscrições legíveis, percebemos que se trata de uma cunhagem do período dos Severos. A moeda traz consigo o busto de Geta e Caracala, filhos de Septímio Severo, portanto herdeiros
--------------------	--

	imperiais que governaram império romano de maneira colegiada em 211 EC. Esta é uma cunhagem cívica produzida e veiculada no oriente.
--	--

Ficha nº 10:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século II - III EC/ 198 EC - 217 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze
Dimensões	24 diâmetros – 7.41 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto de Geta.
Reverso	Hécate segurando uma tocha em cada mão.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	Inscrições ilegíveis.
Reverso	Inscrições ilegíveis.

Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1944.100.48082
--------------------	---

Bibliografia	Referência: cpr Numismatik Naumann Auction 62, lot 578, 4 Feb 2018
---------------------	--

Comentários	A cunhagem refere-se a Geta, segundo filho de Septímio Severo e Júlia Domna. Geta foi assassinado por seu irmão Caracala enquanto governavam o vasto império de forma compartilhada. Após sua morte, o jovem princeps sofreu o decreto de <i>damnatio memoriae</i> , o apagamento
--------------------	---

	de memória por meio da política de execração oficial de todos os momentos do império.
--	---

Ficha nº 11:**Anverso****Reverso****Identificação: Moeda**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século III/ 211 - 212 EC.
Região	Cária, na cidade de Estratoniceia
Material	Bronze
Dimensões	37 diâmetros – 23.53 gramas
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	Bustos de Caracala e Geta de frente.
Reverso	Hécate em pé, segurando pátera sobre o altar e a tocha.
Inscrições contidas na moeda:	
Anverso	AYPHAOCΠOCEΠO – Imperador Lúcio Aurélio Vero ou Marco Aurélio (?).
Reverso	APXONTOC - Sob a administração do arconte
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1953.171.831 .
Bibliografia	SNG vA 8163, 2686, 2692 (var. legend)
Comentários	A inscrição pode referir-se ao imperador Marco Aurélio ou Lúcio Vero, até mesmo um dos imperadores da dinastia severiana, já que muitos usaram o nome Aurélio como parte de seus títulos de uma cidade que emitia moedas sob a autoridade imperial. Para uma identificação mais

	precisa, seria útil saber o contexto da inscrição (moeda, estátua, base de monumento etc.).
--	---

Ficha nº 12:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século III EC/ 211 - 212 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze
Dimensões	35 diâmetros – 20.97 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Bustos de Caracala e Geta de frente.
Reverso	Hécate com crescente e <i>kalathos</i> , segurando pátera e tocha, cão a seus pés.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	MAP AY ANTΩN - MAP(KOΣ) AY(TOKPATΩP) ANTΩN(EINOΣ) - Marco Aurélio Antonino Augusto.
Reverso	ΕΠΙ ΕΠΙΤΥΝΧΑΝΟΝΤΟΣ ΤΟΥ ΦΙΛΩΝΟΣ ΣΤΡΑΤΟΝΙΚΕΝ - Sob a administração de Filon, que exercia o cargo, de Estratonicéia.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1944.100.48080 .
Bibliografia	Referência: SNG von Aulock 2686
Comentários	A moeda se refere a Caracala, herdeiro imperial de Septímio Severo. que adotou o nome Antonino após a morte de Antonino Pio. Esse tipo de abreviação era comum em moedas emitidas durante seu governo ou em

	inscrições honoríficas em cidades do Império Romano. Esse tipo de inscrição é típico de moedas cívicas gregas do período romano, indicando que a cunhagem ocorreu sob a autoridade de um magistrado chamado Filon. A cidade mencionada, Estratonicéia, localizada na Cária, foi um importante centro urbano no período helenístico e romano. A presença do verbo <i>ἐπιτυγχάνοντος</i> reforça que o magistrado estava ativamente no cargo no momento da emissão da moeda.
--	---

Ficha nº 13:



Anverso



Reverso

Identificação:

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século III EC/ 211 EC - 217 EC
Região	Cária, na cidade de Estratonicéia
Material	Bronze
Dimensões	42 diâmetros – 29.85 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Bustos de Caracala e Plautila de frente.
Reverso	Hécate com crescente e <i>kalathos</i> , segurando pátera e tocha, cão a seus pés.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	[AY KAI M AYP ANTΩ] KAI ΘΕ CEB NE ΠΛΑΥΤ]ΙΛΛΑ – Reconstrução [ΑΥΤΟΚΡΑΤΩΡ ΚΑΙΣΑΡ Μ ΑΥΡ ΑΝΤΩ]ΝΕΙΝΟΣ ΚΑΙ ΘΕΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ ΝΕ[ΡΟΥΑ ΠΛΑΥΤ]ΙΛΛΑ - Imperador César Marco Aurélio Antonino e o divino Augusto Nerva Plautilla
Reverso	CTPATONEIKEΩΝ ΕΠΙ ΤΩΝ ΠΕΡΤ Β ΚΑ ΔΙΟΝ[ΥCΙΟΥ] -Sob a administração de Pertinax, o magistrado Dionísio, dos Estratonikeanos.
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: https://numismatics.org/collection/1944.100.48077 .
Bibliografia	Referência: SNG vA 2694
Comentários	Essa inscrição provavelmente se refere a uma cunhagem de moeda ou outro tipo de documento administrativo da cidade de Estratonicéia (ou

	Estratonikê), com Pertinax sendo o nome de um magistrado ou autoridade local, ou ainda uma referência ao imperador Pertinax, dependendo do contexto. Dionísio seria o responsável pela administração local durante esse período. A cidade de Estratoniceia foi uma importante cidade da região da Ásia Menor, e moedas como essa podem ter sido emitidas em nome das autoridades locais ou imperiais.
--	--

Prancha nº 14:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século III EC/ 211 EC - 217 EC
Região	Caria
Material	Bronze
Dimensões	40 diâmetros – 32.61 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Bustos de Caracalla e Plautilla de frente.
Reverso	Hécate com crescente e kalathos, segurando pátera e tocha, cão a seus pés.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	[AY KAI M AYP] ANTΩ [KAI ΘE CEBA NE ΠΛΑΥΤΙΑΛΛΑ.....]- Reconstrução provável: [AYTOKPATΩP KAIΣAP M(ἄρκος) AYP(ήλιος) ANTΩ]NEINOS [KAI ΘE(ός) ΣΕΒΑ(στός) NE(πουα) ΠΛΑΥΤΙΑΛΛΑ...] - Imperador César Marco Aurélio Antonino e o divino Augusto Nerva Plautilla [...]
Reverso	[CTPATONEIKEΩN EΠI TΩN ΠEPT B KΛ ΔIONYCIOY] - Dos Estratonikeanos, sob a administração de Cláudio Dionísio durante o governo de Pertinax (ou outro Pertinax local)
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1944.100.48078 .

Bibliografia	Referência: SNG vA 2694
Comentários	Essa inscrição provavelmente se refere a uma moeda ou inscrição oficial da época de Caracala (Marcus Aurelius Antoninus Augustus), quando ele era casado com Plautilla (202–205 d.C.). A menção a um "divino Augusto" sugere a presença de um imperador deificado, possivelmente Septímio Severo Severo ou Antonino Pio. Se essa inscrição estiver em uma moeda, ela teria sido cunhada durante o breve período em que Plautilla era imperatriz, antes de ser exilada e posteriormente assassinada por ordem de Caracala. Se essa inscrição estiver em uma moeda, ela provavelmente pertence ao período de domínio romano na Ásia Menor e indica um magistrado da cidade de Estratonicéia responsável pela emissão monetária.

Ficha nº 15:**Anverso****Reverso****Identificação:**

Moeda/Tipo	Moeda AE
Período	Século III EC/ 211 EC - 217 EC
Região	Caria
Material	Bronze
Dimensões	35 diâmetros – 18.87 gramas
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Bustos de Caracala e Plautila de frente, com cabeça de Athena ou Roma no centro.
Reverso	Hécate com crescente e <i>kalathos</i> , segurando pátera e tocha, cão a seus pés.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	AY KAI M AYP AN KAI Θ E CEB NE - Imperador César Marco Aurélio Antonino e o divino Augusto Nerva.
Reverso	CTPATONEIK[EΩN EΠI TΩN ΠEPT] B KΛ ΔIONYCIOY – Dos Estratonikeanos, sob a administração de Cláudio Dionísio, durante o governo de Pertinax (ou outro Pertinax local).
Referências	MANTIS. American Society Numismatic, 2024. Disponível em: http://numismatics.org/collection/1944.100.48079 .
Bibliografia	Referência: BMC 65 Referência: SNG vA 2694, 2695

Comentários	A moeda se refere a Marco Aurélio ou Caracala, ambos conhecidos por esse nome imperial. A menção a "Θεὸς Σεβαστός" indica um imperador divinizado, possivelmente Antonino Pio ou Septímio Severo, dependendo do contexto da inscrição. Nerva era frequentemente incluído nas titulaturas imperiais como uma forma de legitimação dinástica. Se essa inscrição estiver em uma moeda cívica de uma cidade grega do Império Romano, provavelmente pertence ao período da dinastia severiana, destacando a continuidade da linhagem imperial.
--------------------	--